HERÓÍSMO DESCONHECIDO

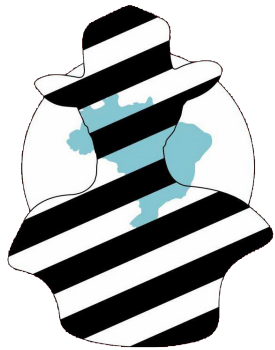
Edmundo Prestes Nogueira

Edmundo Prestes Nogueira

Heroísmo Desconhecido

Edição Digital Rememorativa do
Centenário da Revolução de 1924

Organizadores:
Edmundo José Vasques Nogueira
Cel PM Josué Álvares Pintor
Prof. Dr. Jefferson Biajone



Gráfica Regional @ Itapetininga/SP
MMXXIV

Realização:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nogueira, Edmundo Prestes
Heroísmo Desconhecido [livro eletrônico] : edição digital rememorativa do centenário da revolução de 1924 / Edmundo Prestes Nogueira ; organização Edmundo José Vasques Nogueira, Josué Álvares Pintor, Jefferson Biajone. -- 1. ed. -- Itapetininga, SP : Gráfica Regional, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-85-65703-66-6

1. Brasil - História - Revolução Paulista, 1924 2. São Paulo (Estado) - História I. Nogueira, Edmundo José Vasques. II. Pintor, Josué Álvares. III. Biajone, Jefferson. IV. Título.

24-188817 CDD-981.61

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Estado : História 981.61

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

5 de Julho de 1924
Viva a Resistência Legalista!

NOTA DE APRESENTAÇÃO

O presente ano de 2024, além de completar o centenário da Revolução de 1924, também assinala trinta anos sem Edmundo Prestes Nogueira em nosso convívio, falecido que foi em 1994.

Nesse sentido, nada é mais oportuno que esta edição digital e rememorativa do Centenário da Revolução de 1924 do livro **Heroismo Desconhecido** para resgatar a memória dos itapetininganos que fizeram história, por sua coragem e bravura, nos idos de 1924.

Da mesma forma é uma oportunidade para recordarmos a vida e a obra de Edmundo Prestes Nogueira, que, enquanto esteve entre nós, semeou e promoveu o bem, dando um exemplo verdadeiro como honrado cristão e valoroso cidadão.

Família de Edmundo Prestes Nogueira
Itapetininga, 5 de Julho de 2024

NOTA DE AGRADECIMENTO

Trazer a lume **Heroísmo Desconhecido** nesta que se tornou a sua edição digital rememorativa do Centenário da Revolução de 1924, em 2024, foi fruto da atuação decisiva de colaboradores dedicados da Gráfica Regional, os quais atuaram no tratamento das imagens e na diagramação do texto. A eles e ao senhor Antonio Luis Pedroso Balint (in memoriam), autor da arte constante na capa desde a primeira edição em 1987, e à artista plástica Camila Lourenço Giudice, cujas ilustrações nas páginas 144 e 148 abrilhantam sobremaneira este livro, o nosso sincero agradecimento.

Entrementes, consideramos dignos de especial menção pelas significativas contribuições trazidas à presente edição de **Heroísmo Desconhecido** os senhores Afrânio Franco de Oliveira Mello (in memoriam), Cel PM Josué Álvares Pintor e Prof. Dr. Jefferson Biajone, três personalidades (re)conhecidas por preservar, valorizar e difundir a História Militar Terrestre de Itapetiningana por meio de trabalhos, estudos e pesquisas acerca do histórico deste pujante município paulista em defesa da Constituição, da Liberdade e da Democracia.

Família de Edmundo Prestes Nogueira
Itapetininga, 5 de Julho de 2024

Dedicatória:

Este livro é dedicado a Francisco Fabiano Alves e a todos os heróis desconhecidos pela sua contribuição à cultura e à paz.

Edmundo Prestes Nogueira

Sumário

Prefácio da 1ª Edição de Heroismo Desconhecido (1984)
Jornalista Edmundo Prestes Nogueira 11
Nota de Introdução à Edição Digital Rememorativa
do Centenário da Revolução de 1924 13

Prefaciadores Convidados
Jornalista Alberto Isaac 18
Jornalista Hélio Rubens de Arruda e Miranda 20
Jornalista Silas Gehring Cardoso 23
Jornalista Edmundo José Vasques Nogueira 25
Dr. José de Almeida Ribeiro 28
Dr. Hiram Ayres Monteiro 30
Historiador José Luiz Ayres Holtz 33
Historiador Mário Celso Rabelo Orsi Júnior 35
Historiador Carlos Fidêncio 37
Genealogista José Luiz Nogueira.....39
Genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello 41

Primeira Parte

Reconstituição Histórica.....50
O Acordo Café com Leite 51
A Revolução Vista do Rio 52
Com São Paulo, Pelo Brasil! 53
Ironias do Destino.....55
O Prenúncio da Tempestade 57
O Perfil do Herói 59
No Limiar da Tragédia 60
As Justificativas da Rebelião.....61
À Procura de um Chefe 62
A Capital em Chamas.....63
A Coluna Sul.....69
Itapetininga em Armas.....70
A Epopéia de Itapetininga.....71
No Reduto de Itapetininga.....71

Menotti Del Picchia.....74
Itapetininga: A Invicta.....74
A Soberania da Legalidade 74
Itapetininga, a Invicta.....74

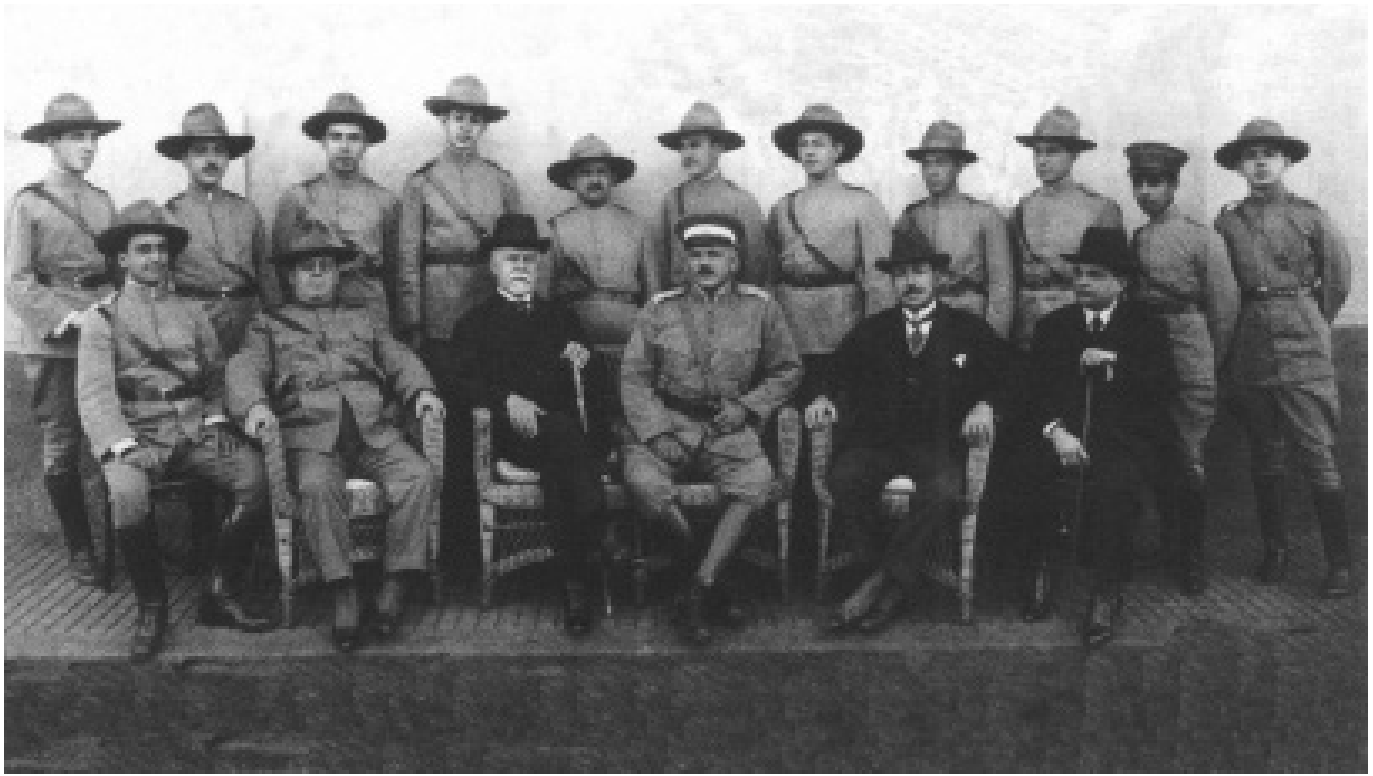
Segunda Parte

A Resistência.....81
Alguns esclarecimentos necessários 87
O Grande Presidente.....88
A Chegada de Washington Luís 88
De Itapetininga para o Front.....89
A Retomada de Sorocaba 90
Um Susto no Alto Comando 91
Se Duvida, Venha Ver! 92
A Batalha de Pantojo.....93
O Grande Combate 94
O Ataque Final.....96
A Longa Perseguição 97
Novamente para a Guerra.....100
Complemento 103
Quem Conhece a Revolução de 1924? 103
A Defesa da Coluna Sul 105

Terceira Parte

Os Gigantes da Terra 112
Francisco Fabiano Alves 113
Francisco de Paula Bernardes Júnior 119
Dr. Júlio Prestes de Albuquerque 123
Ataliba Leonel.....129
Cel Fernando Prestes de Albuquerque 133
Venâncio Ayres.....139
Edmundo Prestes Nogueira 143

Uma interrogação para o futuro.....145
Posfácio.....147
Referências Bibliográficas 149



Cel. Fernando Prestes, Cel. Franco Ferreira, Dr. Júlio Prestes e patriotas da Coluna Sul (1924)

Prefácio da 1° Edição de Heroísmo Desconhecido

Este livro é ousadamente, pretensioso.

Parte da reconstituição dos fatos para revelar o manifesto desinteresse pela verdade histórica, em sub-reptícia conspiração destinada a minimizar a participação de Itapetininga nos dias heroicos de julho de 1924.

Aqui floresceu a inteligência, forjaram-se os mensageiros da cultura que, quais apóstolos da sabedoria, distribuíram-se pelo Brasil a plantar a semente redentora do conhecimento.

Aqui prosperou a infraestrutura agrícola que deu a São Paulo as bases do desenvolvimento econômico e levou o Estado à liderança do País. Sobretudo, aqui se cultivou o civismo que não vacilou em pegar em armas em defesa da Paulicéia vitimada por inominável tragédia, a mais cruenta registrada em solo pátrio.

Este livro é um hino de exaltação da solidariedade de um povo diante de tantas vidas arrebatadas em absurdo equívoco. Aqui nasceu a reação. É uma longa história. A mais bela história desta terra.

Este livro começou a ser escrito em 1984, quando Carlos Scudeler, proprietário da Gráfica Regional, imprimia o centenário jornal Tribuna Popular. Scudeler confiava-me um inédito e surrado exemplar de **Patriotas Paulistas na Coluna Sul** (1925), de João Ayres de Camargo, além de alguns documentos e três fotografias.

Confiava-me, sobretudo, a missão de organizar uma edição comemorativa dos sessenta anos da Revolução de 1924. Seguiram-se quarenta dias de pesquisas, entrevistas e consultas até a redação final da edição especial do dia 5 de julho de 1984.

O retorno foi impressionante: Scudeler recebeu mensagens de congratulações de vários governos, do Congresso Nacional, de embaixadas e consulados e, sobretudo, de parentes das pessoas envolvidas naquele episódio. Até diplomas de Honra ao Mérito premiaram a iniciativa do prestigioso jornal.

Recentemente, com certeza, movidos pelas comemorações ocorridas na capital do Estado, a Casa da

Cultura, o Clube Venâncio Ayres, a Prefeitura e a Câmara Municipais de Itapetininga, no afã de reavivar a memória histórica da população, resolveram transformar em livro a narração daqueles fatos memoráveis.

Para tanto, contam com o patrocínio da Companhia Sul Paulista de Energia, numa contribuição decisiva ao resgate da verdade que, certamente fará justiça a Itapetininga. Nesta empreitada, novamente tivemos o prazer de trabalhar com Carlos Scudeler e sua eficiente equipe da Gráfica Regional, responsável pela impressão de **Heroísmo Desconhecido**.

Edmundo Prestes Nogueira
Itapetininga, 5 de julho de 1987

Nota de Introdução à Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Jefferson Biajone (*)

Este livro, após décadas de sua primeira edição, continua sendo ousadamente pretensioso.

E é nesta sua nova edição, digital e rememorativa dos 100 anos da Revolução de 1924, completos em 5 de julho de 2024, que este caráter de ousadia marca passo para doravante permanecer imbuído dos mesmos moldes que foram original e magistralmente trazidos a lume em 1987 pela iniciativa de Edmundo Prestes Nogueira (in memoriam), seu autor, um bravo da pena e paladino da verdade.

Assim conhecido ficou Edmundo Prestes Nogueira para posteridade; em especial pelos seus vários feitos, sobretudo literários, que realizou ao longo da vida, dentre os quais, seguramente, consenso é que **Heroísmo Desconhecido** tenha sido aquele, no qual, atingiu o seu zênite como escritor.

De fato, quando em 1984 aceitou a missão que lhe fora confiada pelo amigo Carlos Scudeler para escrever um encarte especial para o jornal "Tribuna Popular" acerca do papel de destaque que coube à Itapetininga naquela revolução, Edmundo não tergiversou perante a complexidade da empreitada, nem tampouco poupou esforços nas profícuas pesquisas que realizou nos quarenta dias debruçados sobre documentos, livros, entrevistas, cartas e relatos históricos.

Tais esforços, acompanhados de maiores pesquisas, levantamentos e entrevistas lhe possibilitaram publicar em 1987 pela Gráfica Regional a obra **Heroísmo Desconhecido**.

Décadas mais tarde, em 2014 e por iniciativa de seu filho Edmundo José Vasques Nogueira, uma segunda edição da obra, revista, ampliada e impressa em mil exemplares, foi publicada pela mesma gráfica, na ocasião alusiva aos noventa anos do conflito.

Entrementes, necessário é reconhecer que nestes últimos cem anos da Revolução de 1924 bem pouco foi escrito a ponto de elucidar tão apaixonada, profunda e decididamente a contribuição do município de Itapetininga e de seus filhos em uma revolução já bruxuleada pelo tempo.

Fossem esses seus filhos homens ou mulheres, grandes

ou pequenos, personalidades ímpares ou simples gente do povo, seus nomes, eternizados ou esquecidos pelo avanço inexorável da História, constituíram a amálgama de todo um heroísmo patriótico, em prol do bem comum em detrimento do particular, habilmente resgatados que foram pela pena inteligente de Edmundo Prestes Nogueira.

Foi com esse propósito que nos anos de 1987 e 2014 e agora, em 2024, **Heroísmo Desconhecido** veio a lume para uma vez mais fazer pulsar forte o coração dos leitores da nossa atual geração, uma geração crescentemente digital, conectada e embalada pela velocidade da obsolescência da informação, cuja volatilidade das conexões regidas por redes sociais não as conseguiu deixar menos sensíveis à exemplos de vida nos quais coragem, altruísmo, cidadania, civismo, patriotismo, caráter, resiliência, integridade e dinamismo perduram como valores basilares dignos de culto e emulação.

Esperamos que os exemplares impressos de **Heroísmo Desconhecido** quiçá existentes em estantes, bibliotecas e sebos possam contar com a edição digital de 2024, livre das limitações físicas do papel, na motivação daqueles que hoje o têm em mãos (ou na tela do computador e/ou do dispositivo móvel) para fazê-lo perdurar em anos futuros como que uma convocação para a retomada aos valores mais caros que temos, mesmo em meio a transes e conjunturas das mais desafiadoras da empolgante Sociedade Digital da Informação em que vivemos, prenhe de mudanças e repleta de incertezas.

Como quem lê estas palavras, pertencemos a essa sociedade, co-existindo nesta geração digital e sendo daqueles dos que dela foram tocados pelas lições de vida contidas em **Heroísmo Desconhecido**, cujo exemplar, igualmente surrado e inédito para nós de sua primeira edição de 1987, obtivemos de uma compra realizada em um sebo online em março de 2011.

Ao pousar nossos olhos sobre a obra, não conseguimos parar de lê-la até concluí-la na sua última página, tamanho o entusiasmo com o qual dela fomos contagiados. Seus efeitos em nós foram decisivos e justamente no momento em que estabelecíamos residência em Itapetininga, entre os meses de março a abril de 2011.

Datam desses idos também nossos primeiros contatos

com a entidade Sociedade Veteranos de 32-M.M.D.C., algo que igualmente devemos à leitura de **Heroísmo Desconhecido**, porquanto foi por meio desta obra que viemos a conhecer a epopeia de Itapetininga na revolução esquecida de 1924, bem como suas implicações posteriores na Revolução Constitucionalista de 1932, esta também de grandes reflexos para o município.

Tal leitura, que foi para nós uma verdadeira aula de Civismo, nos permitiu conhecer Fernando Prestes de Albuquerque, Júlio Prestes de Albuquerque, Francisco de Paula Bernardes Junior, Ataliba Leonel, Venâncio Ayres e Francisco Fabiano Alves, este último, talvez por ter sido professor como nós, foi quem mais nos despertou a admiração, a ponto de sua intrépida história de vida, cujo resgate iniciamos baseados em **Heroísmo Desconhecido**, ter se tornado a primeira de uma dezena de outras biografias de Ex-Combatentes da Revolução de 1932 e da Segunda Guerra Mundial, as quais, desde 2011, encontram-se divulgados na *Internet* por meio do *Portal Paulistas de Itapetininga* em **https://bit.ly/3VW5uvv** e do *Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP* em **https://bit.ly/3QfFScx**.

Com a chegada de 2014, ano em que se completaria os noventa anos da Revolução de 1924, nossos contatos na Academia Itapetiningana de Letras ensejeram a oportunidade de sugerir ao amigo e também membro da academia Edmundo José Vasques Nogueira, que congregássemos amigos de seu saudoso pai Edmundo para prefaciar uma nova edição de **Heroísmo Desconhecido**.

São eles, os jornalistas Alberto Isaac (in memoriam), Hélio Rubens de Arruda e Miranda (in memoriam), Silas Cardoso Gehring e Edmundo José Vasques Nogueira; os advogados José de Almeida Ribeiro e Hiram Ayres Monteiro (in memoriam), os historiadores José Luiz Holtz, Mário Celso Rabelo Orsi Júnior e Carlos Fidêncio e os genealogistas José Luiz Nogueira e Afrânio Franco de Oliveira Mello (in memoriam).

A nós, coube a tarefa de elaborar essa nota introdutória. Colaboramos igualmente na organização da solenidade de lançamento da referida edição na Câmara Municipal de Itapetininga, em 12 de novembro de 2014 (vide **https://bit.ly/4aVBI2X**), evento abrilhantado pela presença de autoridades civis e militares, do Pracinha Victório Nalesso (in

memoriam), do Cel PM Mário Fonseca Ventura, presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC e do Cel PM Edilberto de Oliveira Mello (in memoriam), historiador emérito da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Dez anos passados desta realização, às portas de 2024, nos encontra o Centenário da Revolução de 1924, o qual nos ensejou a fortuita oportunidade de novamente publicar o **Heroísmo Desconhecido** de Edmundo Prestes Nogueira, mas agora em edição exclusivamente digital para livre acesso e irrestrita difusão, ao lado da obra **Patriotas Paulistas na Coluna Sul** (Regional, 2024) de autoria de João Ayres de Camargo e também em edição digital do alusivo centenário, graças à iniciativa de hospedagem e divulgação de ambos os livros pelo *Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP*, em **https://bit.ly/3vJY30s**.

Para tanto e a pedido dos familiares de Edmundo Prestes Nogueira, foram mantidos nesta edição digital de 2024 de **Heroísmo Desconhecido**, a mesma estrutura de diagramação e de conteúdo texto, incluindo os prefácios e o posfácio da edição impressa de 2014, particularmente em reconhecimento *post mortem* aos senhores prefaciadores Afrânio Franco de Oliveira Mello, Alberto Isaac, Hélio Rubens de Arruda e Miranda e Hiram Ayres Monteiro, falecidos no curso dos dez anos entre ambas as edições.

Isto posto, é com senso de gratidão que esta nota de introdução chega ao seu termo para abrir caminho aos onze prefácios, às três partes, ao posfácio e às referências bibliográficas de **Heroísmo Desconhecido**, obra-prima do Jornalista Edmundo Prestes Nogueira que desde 1987 consumada está no rol literário da Revolução de 1924 no âmbito da História Militar Terrestre do Brasil.

Imbuídos nos encontramos, por fim, de interessante certeza que o magnífico Erasmo de Rotterdam (1466–1536) uma vez teve ao afirmar que um clássico não é aquele livro que se torna conhecido pelos seus méritos, mas sim pelo número de gerações, que impelidas por razões diversas, o leem com expressivo fervor e acintosa lealdade.

À guisa de conclusão, apresentamos a arte da estampa rememorativa do Centenário da Revolução de 1924 com acesso via leitura por QR Code das edições digitais (.PDF) das obras **Patriotas Paulistas na Coluna Sul** (QR Code à esquerda) e **Heroísmo Desconhecido** (QR code à direita).

“Um povo somente pode se elevar no futuro se cultuar o seu passado. Dele emanam os sábios conhecimentos e as orientações firmes e claras!”

Ruy Barbosa

(*) **Jefferson Biajone** é professor. Sócio benemérito do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga/SP. Ocupa a Cadeira de n.º 14, Patrono Domigos José Vieira, da Academia Itapetiningana de Letras. Sócio correspondente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio de Janeiro - Academia Marechal João Baptista de Mattos. Colaborador Emérito do Exército Brasileiro.

1° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Jornalista Alberto Isaac (*)

De cátedra posso me manifestar sobre Edmundo Prestes Nogueira, suas qualidades porque o conheci muito bem e meu relacionamento com ele data de 1966, quando chegou a Itapetininga. Idealista como ele só, sob a benção divina, fez do jornalismo sua incontida paixão.

Tanto que, como funcionário competente do jornal "O Estado de São Paulo" onde na capital paulista cobria diariamente todas as atividades da Prefeitura. Em Itapetininga, aportou com o propósito de organizar e dirigir toda rede de agentes e correspondentes daquele conceituado órgão de imprensa do Brasil, com abrangência do sudoeste paulista até o Estado de Santa Catarina. Trabalho insano, mas produtivo, porquanto a empresa jornalista triplicou a tiragem dos exemplares, distribuídos em centenas de munícipios sob a responsabilidade de Edmundo. Como resultado de suas realizações meritórias, Edmundo foi agraciado com um valoroso troféu, oferecido pela família Mesquita, o que muito o envaideceu, não só pela atuação como inspetor regional, como também pela atividade jornalística desenvolvida em toda a área de sua jurisdição.

Afeito a elevação da cultura, foi um dos organizadores do Simpósio de Jornalismo em Itapetininga, trazendo para participar do evento nomes de estirpe, da imprensa escrita e televisiva da cidade de São Paulo. Esses seminários eram realizados periodicamente no recinto da Câmara Municipal, no prédio da rua Monsenhor Soares. Ademais, foi também na Câmara que colocou sua competência e capacidade como "assessor de Imprensa", orientando os senhores vereadores quando necessário, na elaboração de requerimentos, indicações ou mesmo projetos de lei.

Como correspondente do Estadão durante quarenta anos, sou testemunha do esforço desmedido que Edmundo Prestes Nogueira dispendia no sentido de que Itapetininga e região se tornassem competitivos diante das comunas consideradas de primeiro mundo.

Figura participativa de todos os setores – cultural, educativo, esportivo, religioso, comercial, industrial e agrícola – de Itapetininga, nos brindou com livro épico da Revolução Paulista de 1924, engrandecendo a história pátria em 1987 e deixando ao seu brilhante filho, Edmundo José Vasques Nogueira, trinta anos depois, o legado de trazer a luma a presente segunda edição que comemorativa é dos noventa anos dessa revolução, na qual cidadãos patriotas itapetininganos realizaram prodígios de Coragem e Heroísmo.

(*) **Alberto Isaac** (in memoriam). Jornalista, um dos membros fundadores da Academia Itapetiningana de Letras e por mais de quatro décadas correspondente do jornal “O Estado de São Paulo” para Itapetininga e região. Faleceu em 8 de Junho de 2023, aos 97 anos de idade.

2° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Jornalista Hélio Rubens de Arruda e Miranda (*)

O livro do colega jornalista Edmundo Prestes Nogueira é esclarecedor.

Tem a intenção, e consegue! de recontar a história do Brasil no episódio relativo à Revolução de 1924, tarefa que eu, mesmo sem a mesma capacidade dele, estou tentando fazer com relação ao episódio de 1930, conhecido como "Revolução de 30", que na verdade deveria ser chamado de "Golpe de 1930". A principal intenção dos dois trabalhos, acredito, é a busca pela verdade histórica e assim, a necessidade de sua substituição, na história oficial, pelas versões desses episódios, criadas mais para atender aos interesses dos vencedores do que para serem fieis à História.

Outra semelhança entre os dois textos é a intenção de, através da citação de fatos comprovados, destacar a importância da cidade de Itapetininga em alguns momentos que ficaram registrados na História do Brasil.

Percebível nos textos oficiais, as versões implantadas e ensinadas aos alunos do Brasil inteiro sofrem de um certo "anti-itapetininganismo", caracterizado principalmente pela omissão do nome da cidade de Itapetininga em fatos históricos importantes, o que só se justifica pela necessidade que as forças vencedores tinham, à época, de minimizar a importância da cidade de Itapetininga, que além de ter sido palco de tantos acontecimentos importantes, foi berço de figuras notáveis da História do Brasil como Venâncio Aires, Fernando Prestes, Júlio Prestes, Anésia Pinheiro Machado, Carlos Ayres, Ciro Albuquerque, Cesário Leonel Ferreira, João Bloes Neto, Bernardes Junior, Abílio Victor (Nhô Bentico), Rossini Tavares de Lima, Teddy Vieira e tantos outros cujas vidas estão relacionadas às histórias de São Paulo e do Brasil.

A propósito, vale destacar dois trechos, entre os muitos importantes, deste livro escrito por Edmundo Prestes Nogueira.

O primeiro confirma, a meu ver, o sentimento anti-

paulista e anti-itapetiningano que existia na década de 20, mercê da grande importância do Estado de São Paulo em todos os setores da vida nacional, econômica, artística, cultural, e da cidade de Itapetininga, talvez a mais importante "sede política" nacional de então e que se marcou como uma das principais forças de construção da história do Brasil:

"...nem a Proclamação de Itapetininga, nem a Coluna Sul foram mencionadas pela versão oficial. Juarez Távora, companheiro de aventuras de Isidoro em 1924, em longo depoimento publicado em 1927, não faz qualquer referência a Itapetininga".

Em outro trecho deste livro, o autor, citando Francisco Fabiano Alves, retrata o sentimento político da época e a "necessidade" que os vencedores tinham de desvalorizar a participação paulista e itapetiningana:

"Com o apoio de Miguel Costa e de parte dos militares do Exército em São Paulo, Isidoro contava com uma vitória no Estado que já era o principal centro de desenvolvimento do Brasil... (...) mas não contava com a resistência de Itapetininga, que lhe bloqueou o caminho".

Em vários outros trechos o autor relata artigos e matérias jornalísticas que confirmam a importância de Itapetininga na Revolução de 1924, especialmente na composição e no comando da histórica "Coluna Sul", considerada a responsável pela libertação da cidade de São Paulo.

O livro **Heroísmo Desconhecido**, de autoria de Edmundo Prestes Nogueira, esse colega jornalista o qual tive a honra e o prazer de conhecer pessoalmente – e que está sendo reeditado graças ao empenho dos organizadores dessa edição, sem dúvida nenhuma contribui com brilho para o melhor conhecimento da História do Brasil.

Edmundo esmerou-se em pesquisar a história, o que é indispensável num trabalho como este. Consultou muitos livros e jornais e conseguiu acesso a documentos importantes e pouco ou nada conhecidos como os de Francisco Fabiano Alves. E transcreveu, em linguagem jornalística primorosa, sua principal característica profissional, relatos de pessoas que vivenciaram ou bem conheciam os fatos relatados.

Graças a todos esses esforços, nós todos podemos hoje tomar conhecimento da verdadeira história do Brasil contada com base em fatos concretos e sem resvalar em preconceitos ou mesmo interesses menores como o bairrismo, ainda que, fruto do trabalho do autor, sentimo-nos todos mais orgulhosos ainda de nossa Itapetininga e do nosso Estado de São Paulo.

(*) **Hélio Rubens de Arruda e Miranda** (in memoriam). Fundador e um dos editores do Jornal Cultural ROL (**https://bit.ly/3vz2lVH**) e do Internet Jornal (**https://bit.ly/48Xuv0C**). Foi presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Um dos fundadores do Museu da Imagem e do Som de Itapetininga, do Instituto Nossa Itapetininga Cidade Sustentável e do Instituto Julio Prestes. Conselheiro da Academia Itapetiningana de Letras. Faleceu em 7 de Fevereiro de 2024, aos 81 anos de idade.

3° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Jornalista Silas Gehring Cardoso (*)

Há mais de trinta anos passados, em 1987, fui surpreendido por uma solicitação do saudoso e extraordinário jornalista Edmundo Prestes Nogueira, para fazer sua apresentação no livro **Heroísmo Desconhecido**, que ele publicaria, após incansáveis pesquisas e levantamentos com o objetivo de resgatar a verdade sobre a Revolução de 1924, a mais sangrenta ocorrida em território paulista e cuja história era, até então, inexplicavelmente desconhecida ou apresentada sob uma ótica totalmente distorcida.

Eu considerava o Dr. Edmundo meu mestre no longo convívio que tínhamos na mesma sala de trabalho, e nessa condição, observava com reverência a grandiosidade de seu talento e sua tenacidade na busca da verdade. Quando os primeiros artigos, que posteriormente foram convertidos no livro, começaram a ser publicados no jornal "Tribuna Popular", as exaustivas pesquisas do autor eram acompanhadas e conferidas pelos dois últimos sobreviventes da revolução: Francisco Fabiano Alves e Laurindo Minhoto Júnior, cuja prodigiosa memória desafiava os longos anos de existência e atestava a veracidade de cada detalhe, cada pormenor do que era registrado.

O lançamento do livro, no Clube Venâncio Ayres, em solenidade cívica realizada em 23 de outubro de 1987 foi, ao que me recordo, o maior evento cultural da história da região.

A repercussão foi enorme, literalmente sacudindo uma das páginas da história paulista e brasileira, embora contrariando frontalmente os segmentos que, por razões óbvias, tinham interesse na ocultação da verdade e da grandiosidade da participação de Itapetininga.

Nunca será demais recordar que os derrotados em 1924 voltaram à cena em 1930, impedindo, numa movimentação ardilosa de intrigas que culminou com um golpe, a posse do itapetiningano Júlio Prestes de Albuquerque na Presidência da República, para a qual havia sido democraticamente eleito com consagradora votação.

Resgatar a verdade muitas vezes exige persistência e obstinação, e por isso mesmo o lançamento de nova edição de **Heroísmo Desconhecido**, através de laboriosa equipe capitaneada pelo filho do autor, Edmundo José Vasques Nogueira, herdeiro do precioso talento paterno, que se fazia urgente e inadiável em razão do imediato esgotamento da primeira edição, deve ser recebido como providência histórica, porque não poderia mais ser postergado esse processo de resgate da verdade dos fatos.

A Coluna Sul, formada em Itapetininga, após sobrepor-se, majestosa, ao fogo inimigo, chegou rapidamente à capital paulista, colocando em fuga as tropas revoltosas, restabelecendo a legalidade e evitando que uma carnificina de grandes proporções enlutasse as famílias paulistas.

A história dos verdadeiros heróis, que partindo de Itapetininga, triunfaram pela coragem e dos mártires cujo sangue fertilizou o solo dos grandes ideais, ficará registrada para sempre, rompendo clareiras para o esclarecimento das jovens gerações.

(*) **Silas Gehring Cardoso** é chefe de redação do Jornal Folha de Itapetininga, Assistente Legislativo efetivo da Câmara Municipal de Itapetininga, comentarista do Jornal do Meio Dia da Superdifusora, membro da Academia Itapetiningana de Letras, da Associação dos Jornalistas e Radialistas da Região de Itapetininga e do Instituto histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga.

4° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Jornalista Edmundo José Vasques Nogueira (*)

Por ser filho do saudoso Edmundo Prestes Nogueira, tive o privilégio de acompanhar sua trajetória, seu comprometimento em fazer o bem, seus dons e seu carisma que deixaram um exemplo de vida marcado entre nós.

Posso dizer com conhecimento de causa que Edmundo Prestes Nogueira foi “um homem de Deus”, um ser humano verdadeiramente iluminado. Digo isto com a alegria e a emoção de poder contar, na reedição de **Heroísmo Desconhecido**, com participação de tantos grandes amigos de meu pai, cujas palavras aqui prefaciadas homenageiam sua memória.

Em **Heroísmo Desconhecido**, Edmundo traz luz aos acontecimentos esquecidos de 1924, eternizando para história e para as gerações futuras o sacrifico de nossos antepassados, que não se negaram em lutar por Itapetininga, por São Paulo e pelo Brasil.

“Um povo somente pode se elevar no futuro se cultuar seu passado”, com esta citação de Ruy Barbosa Edmundo Prestes Nogueira inicia **Heroísmo Desconhecido**, uma obra singular sobre a Revolução de 1924, uma “revolução esquecida”, cuja importância até hoje é pouco conhecida e devidamente valorizada por nossa memória histórica.

Além das suas implicações e de sua influência em outros movimentos (na fuga do Estado de São Paulo os líderes tenentistas Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa uniram-se a Luís Carlos Prestes, formando a Coluna Prestes) a cidade de São Paulo foi muito mais castigada, somando grande número de mortos, pelo confronto de 1924 do que pela Revolução de 1932.

Apar da grande pesquisa feita aos documentos da época, Edmundo Prestes Nogueira nos oferece o depoimento de Francisco Fabiano Alves, um dos protagonistas da resistência legalista, uma das figuras históricas que, juntamente com homens como Ataliba Leonel, Fernando e Júlio Prestes de

Albuquerque, demonstraram a grandeza e a coragem de nossos antepassados naqueles sangrentos dias de 1924.

Eis ai um dos grandes méritos de **Heroísmo Desconhecido**.

Edmundo Prestes Nogueira escreve no melhor estilo jornalístico, na linha do "livro reportagem", transformando a entrevista de Fabiano Alves, ator e testemunha ocular dos fatos, numa obra que é histórica e ao mesmo tempo uma narrativa envolvente e esclarecedora, trazendo ao público os acontecimentos que fizerem São Paulo e o Brasil tremerem naqueles idos de 1924.

Digno de ser considerado como um "romance histórico", Edmundo consegue envolver o leitor do começo ao fim com seu texto, sem dispensar o rigor histórico sobre a saga dos heróis de Itapetininga.

Desta forma, **Heroísmo Desconhecido** retrata com maestria um episódio que se mantinha oculto em nossa história, trazendo ao conhecimento das novas gerações a coragem e a bravura de homens que, marcaram e decidiram os rumos de uma época de incertezas.

Em 1924, foram líderes como Fernando e Julio Prestes, Ataliba Leonel, Francisco Fabiano Alves e Paulo Menotti del Picchia que mostraram sua força e seu caráter, provando que a mesma mão que educa o jovem e escreve a poesia, também pega em armas e faz a guerra para defender seus ideais.

E o mais importante é que o livro nos traz diversos relatos de Fabiano Alves a Edmundo Prestes Nogueira onde podemos conhecer melhor a alma destes homens de fibra. "Nas barrancas do Paraná, ao capturar o inimigo vencido e temeroso, Ataliba Leonel diz: Tenente, aqui não há vencidos ou vencedores. Somos todos irmãos brasileiros".

Por meio de **Heroísmo Desconhecido**, Francisco Fabiano Alves e Edmundo Prestes Nogueira contribuíram para que as novas gerações possam aproveitar o melhor que a história nos oferece: o exemplo dos nossos antepassados, com seus erros e acertos, cuja luz pode guiar os caminhos do futuro.

Sinto-me honrado pela oportunidade de participar ao lado do Cel PM Josué Álvares Pintor e do Prof. Dr. Jefferson Biajone no lançamento desta nova edição de **Heroísmo Desconhecido**, alusiva ao Centenário da Revolução de 1924,

em 2024, que além de resgatar a memória de Itapetininga é também uma homenagem ao meu saudoso pai Edmundo Prestes Nogueira, um verdadeiro herói de seu tempo.

A ele, nossa família presta a seguinte homenagem, um esboço de sua biografia e o texto de abertura de “O Semeador”, jornal que Edmundo fazia com muito carinho para o Instituto São Paulo Apóstolo de Itapetininga, cujo acesso em PDF se dá na leitura por dispositivo móvel do QR Code a seguir:

(*) **Edmundo José Vasques Nogueira** é filho de Edmundo Prestes Nogueira e Cecília Pimentel Vasques Prestes Nogueira. Teve sua infância em Itapetininga. Cursou jornalismo na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, onde foi presidente do Centro Acadêmico Vladmir Herzog, participando ativamente do movimento estudantil durante a abertura democrática dos anos oitenta. É membro da Academia Itapetiningana de Letras, co-autor do livro Itapetininga: Heróis Feitos e Instituições (Regional, 2012) e vice presidente do Portal Paulistas de Itapetininga. Pai de Raisa, Augusto, Gabriel e Laura, todos orgulhosos netos de Edmundo Prestes Nogueira.

5° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Dr. José de Almeida Ribeiro (*)

O saudoso jornalista e advogado Edmundo Prestes Nogueira legou-nos com seu excelente livro **Heroísmo Desconhecido** fatos que passariam desapercebidos entre nós.

O seu livro retrata com profundidade aqueles dias difíceis que assolaram a terra paulista. Residindo em nossa cidade narrou fatos importantes que elevaram Itapetininga e outras cidades do nosso estado como baluartes no combate aos revolucionários que invadiram nossa maior metrópole.

No mês de julho de 2014 comemora-se noventa anos da Revolução de 1924, quando então um grupo de integrantes das Forças Armadas e parte da Força Pública do Estado, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes, tomaram de assalto a Capital Paulista, ocorrendo muitas mortes e feridos graves, obrigando o afastamento do então Presidente do Estado, Carlos de Campos.

O terror e a agressão dominaram por muitos dias a nossa São Paulo, com ataques aéreos em vários pontos nesse triste e inesperado acontecimento.

O então Vice Presidente do Estado, o impoluto filho desta cidade, coronel Fernando Prestes de Albuquerque, deixa São Paulo e vem para Itapetininga, organizando com outros ilustres conterrâneos e companheiros de nossa vasta região, destacando-se o senador combativo e corajoso Dr. Ataliba Leonel, aqui nascido, mas residente em Piraju, formando em Itapetininga a marcante Coluna Sul.

Foram muitos os episódios que marcaram o comportamento e atuação corajosa dos comandados do coronel Fernando Prestes, cujo nome já era uma liderança em nosso estado, tendo ultrapassado fronteiras como líder nacional.

Foi indiscutível a coragem e a disciplina dominante na Coluna Sul, que abreviou a saída de São Paulo dos revolucionários e diante disto, voltamos ater a tranquilidade de um governo em pleno estado democrático, pois o Presidente

Carlos de Campos reassumiu a Presidência do estado no palácio Campos Elíseos.

Concluindo este pequeno retrospecto da Revolução descrita magistralmente pelo jornalista Edmundo Prestes Nogueira, podemos afirmar que os nossos corajosos e destemidos combatentes honraram a nossa cidade, o nosso estado e acima de tudo a nossa pátria.

(*) **José de Almeida Ribeiro** é bancário aposentado e advogado, membro da Academia Itapetiningana de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Foi vereador por três mandatos na Câmara Municipal de Itapetininga. Colaborador Emérito do Portal Paulistas de Itapetininga. É casado com a senhora Maria Abner Angeli Ribeiro e tem três filhas e cinco netos.

6° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Dr. Hiram Ayres Monteiro (*)

Enquanto nesse ano de 2014, o Brasil patrocina a copa do mundo de futebol, as forças políticas articulam-se para o pleito nacional que elegerá o futuro Presidente da República, Governadores, Deputados Federais e Estaduais.

Da Academia Itapetiningana de Letras emerge um movimento para se comemorar a passagem dos 90 anos da Revolução Tenentista de 1924 que eclodiu em São Paulo, já o maior parque industrial do País, no dia 5 de julho de 1924, comandada pelo general Isidoro Dias Lopes, cujas forças compostas de dissidentes do Exército e da Força Pública de São Paulo tomaram o Palácio do Governo Paulista, obrigando o Presidente Carlos de Campos a refugiar-se em Grajaúna, posto não dispor de forças suficientes para rechaçar os ataques recebidos.

Essa rebelião nada mais era do que uma continuidade da frustrada Revolta do Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1922, que culminou com a morte dos 18 do Forte sobrevivendo apenas os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes, que passaram para a história como heróis nacionais, símbolos do Tenentismo, movimento popularizado pela luta por reformas sociais e políticas, que visava depor Arthur Bernardes, um mineiro, que assumira o Catete, debaixo de ferrenha oposição, vítima de injustas e falsas acusações, posteriormente desmentidas.

De magna importância para a nossa história, esse efeméride relembra a reação de Itapetininga a um conflito revolucionário sangrento, cujo vice-presidente do Estado era o coronel Fernando Prestes que se encontrava em Itapetininga e seu filho Júlio, recem eleito Deputado Federal, em São Paulo. No momento em que começavam os canhonaços ele chegava ao Palácio dos Campos Elíseos com João Ayres de Camargo, que lhe servia como “chauffeur”.

Arguto, ao inteirar-se dos fatos, Júlio Prestes, incontinenti, telefonou para o poderoso pai em Itapetininga, relatando-lhe o sucedido. Pedia-lhe urgentes providências

para sufocar a Revolta. Fernando Prestes, de imediato, comunicou-se com o Presidente do Paraná pedindo o envio de reforços e munições. Em seguida, convocou o Itapetiningano Dr. Ataliba Leonel, chefe político de Piraju e o Dr. Washington Luis, de Ribeirão Preto, que aportaram em Itapetininga com seus batalhões, os quais, integrados ao Batalhão Fernando Prestes, formaram a temível e gloriosa Coluna Sul, composta de cidadãos do povo, cuja bravura, comprovada em memoráveis batalhas, determinou a retirada e expulsão dos rebeldes de São Paulo.

Esse movimento épico, centralizado em Itapetininga, tornou-a uma praça de guerra, autêntico teatro de operações bélicas e o casarão do coronel Fernando Prestes, o Quartel General da resistência paulista vitoriosa.

João Ayres de Camargo revelou vocação jornalística ao retratar desde o começo o desenrolar dos fatos junto com Júlio Prestes, como ele atuando diretamente nas linhas de frente, participando dos combates, anotando todos os acontecimentos que mais tarde foram publicados em no seu livro Patriotas Paulistas (1925), onde ele relata minuciosamente as marchas e confrontos vividos nas violentas batalhas enfrentadas pela Coluna Sul.

Todavia, inobstante o grande valor historiográfico da citada obra, à falta de divulgação, motivada pela queda de Prestes em 1930, a epopéia de 1924 fora relegada ao esquecimento e poucos dela se lembravam, muito menos da decisiva participação de Itapetininga na revolução.

Pois bem! Corria o ano de 1975. Naquele ano, o jornal “O Estado de São Paulo” completava um centenário de existência. Éramos vereador do MDV e líder do Prefeito na Câmara. O saudoso Edmundo Prestes Nogueira era aqui o representante regional daquela folha e Alberto Isaac o seu correspondente.

Duas figuras de proa.

Ambos, democratas convictos, em visita à Câmara Municipal nos propuseram promover uma Sessão Solene em homenagem ao Centenário daquela vetusta folha, o que foi acatado de imediato, fizemos o pedido, o plenário aprovou e a solenidade realizou-se sendo muito prestigiada pela população.

Desde então, acompanhamos de perto as múltiplas e idealísticas atividades jornalísticas, sociais e religiosas de

Edmundo Prestes Nogueira, forte recordar, com a fundação da Associação de Jornalistas e Radialistas da Região de Itapetininga. Sua verve de comunicador nos eventos culturais da entidade foi de capital importância, face aos seus relacionamentos com os mais renomados jornalistas, radialistas e apresentadores de programas de televisão da época, que a seu convite vieram a Itapetininga, gratuitamente, e proferiram primorosas palestras em inesquecíveis seminários de jornalismo que muito contribuíram para a o desenvolvimento regional.

Apercebendo-se da desassombrada atuação de Itapetininga no conflito de 1924 e o ostracismo relegado a tão significantes feitos, Edmundo Prestes Nogueira fez novas pesquisas e na noite do dia 23 de outubro de 1987, no Clube Venâncio Ayres, torna pública a primeira edição de **Heroísmo Desconhecido**, enaltecendo a gloriosa obra daqueles que pelearam pela nossa terra, cujos nomes se encontravam em franco esquecimento.

Nada mais justo, portanto, ao comemorarmos os noventa anos da Revolução de 1924 prestigiarmos esta segunda edição do livro, cujo autor, de há muito, nos deixou para servir ao Altíssimo, deixando, contudo, uma grande obra realizada.

Ao seu filho Edmundo José Vasques Nogueira, ao genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello e ao professor Jefferson Biajone, idealistas empenhados no resgate dos nossos valores para que a posteridade conheça sempre esse passado de lutas, tradições e glórias de nossos antepassados, nossos sinceros e respeitosos cumprimentos.

(*) **Hiram Ayres Monteiro** (in memoriam). Advogado, escritor, historiador. Vereador de Itapetininga por vários mandatos. Autor do livro Itapetininga: Livre Terra de Livres Irmãos (Regional, 2009) e membro fundador da Academia Itapetiningana de Letras. Faleceu em 7 de Dezembro de 2014, aos 70 anos de idade.

7° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Historiador José Luiz Ayres Holtz (*)

No final de junho de 1924, numa manhã típica do inverno, o vice presidente do Estado de São Paulo, hoje vice governador, coronel Fernando Prestes, que se encontrava em Itapetininga visitava seu compadre coronel Paulino Ayres Ribas, quando a filha deste último, a menina Jacyra Ayres, correu até Fernando e abraçando suas pernas e demonstrando grande medo disse-lhe: “Sonhei que vai acontecer uma guerra em que o padrinho (Fernando Prestes) e papai (Paulino Ayres) participavam. Isso vai mesmo acontecer aqui”.

O coronel Paulino sabedor de previsões de Jacyra que lhe parecia ter um dom nesse sentido e preocupado com as notícias do movimento tenentista indagou do vice presidente como estavam as coisas. Prestes acariciando a cabeça da menina, afirmou estar tudo em ordem.

No dia 5 de julho, ao entardecer, Fernando Prestes e Paulino Ayres recebiam a notícia da deflagração da denominada Revolução de 1924 em São Paulo, na mesma data e no 2º ano da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, a primeira revolta tenentista.

Esse relato de minha mãe quando da época de estudante era minha única referencia que tinha sobre a chamada “Revolução Esquecida”.

Algum tempo depois ao pesquisar sobre Fernando Prestes de Albuquerque tomei conhecimento de sua postura de fidelidade ao governo de Carlos de Campos, ao se negar, a pedido dos revoltosos, para assumir a Presidência do Estado.

Jamais havia passado pela minha cabeça que praticamente a única resistência a essa revolta tinha acontecido em nosso município, com o Manifesto de Itapetininga e a Coluna Sul, também criada por aqui, que abalou o animo dos revoltosos e antecipou o final do conflito.

Essa nova realidade, discrepante da chamada história oficial, preserva a contribuição de patriotas itapetininganos

nesse evento e só foi recuperada pelo trabalho de pesquisa do jornalista Edmundo Prestes Nogueira e pela sua obra **Heroísmo Desconhecido**, a qual tenho a felicidade de tê-la autografada pelo amigo Edmundo e acompanhada de um forte abraço, em outubro de 1987.

Uma segunda edição de **Heroísmo Desconhecido** vem um momento importante, os 100 anos da Revolução de 1924 e assim vai nos permitir estarmos juntos com Edmundo no seu ideal de preservar e rememorar a contribuição de nossa Itapetininga nesse tempo histórico.

(*) **José Luiz Ayres Holtz** é sociólogo, historiador e pós-graduado em Sociologia. Natural de Tietê, é pesquisador da história de Itapetininga e região. Membro da Academia Itapetiningana de Letras e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Ex-professor universitário. Tem oito Atlas Histórico e Geográfico e os livros Da Capela do Negro ao Brilho das Estrelas: história da paróquia de Nossa Senhora das Estrelas e Por onde pisaram os imortais: História da Ocupação Urbana de Itapetininga publicados. Coordenou inúmeros projetos de preservação da memória histórica de Itapetininga.

8° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Historiador Mário Celso Rabelo Orsi Júnior (*)

Em bom tempo ocorre a reedição desta importante obra histórica iniciada por Edmundo Prestes Nogueira.

Poucas são as obras e dados históricos referentes ao Movimento Revolucionário de 1924, que chegam até nós. Movimento Revolucionário de importância nacional demonstrou antecipadamente o que viria o Brasil passar no final daquela década. Com participação de personagens políticos locais e regionais, o movimento buscou assegurar a continuidade de constitucionalização do Estado de São Paulo. Da expressão revolucionária de 1924, erguer-se-ia em 1932 os mesmos sentimentos de defesa dos interesses paulistas como a democracia e a constitucionalidade, tão lembrados na atualidade.

Assim, como na edição anterior, agora capitaneada por Edmundo Jose Vasques Nogueira, algumas novas informações vêm à tona como forma de garantir a todos os interessados pela politica local, regional e paulista, mais conhecimentos a um assunto pouco estudado.

A obra procura, neste sentido, demonstrar na atualidade, os prestigiosos e importantes momentos da política pela política, que atualmente necessita de amparo histórico como apresentado nesta obra de cunho irrepreensível.

Felizes aqueles que através da leitura da referida obra possam compreender o verdadeiro sentido do que chamamos de patriotismo, salvaguardando interesses e discursos contrários. Escrita em meados da década de 80 do século passado – primeiros anos da abertura política, ela continua a mesma, tão eficaz e inovadora quanto antes. Agora com mais amplitude de conhecimento e vivência do que fora relatado anteriormente.

A obra e o autor procuram oferecer um panorama vivo do Brasil dos primeiros anos da década de 20 do século passado, momento crucial para as transformações vividas mais tarde e que amparam o Brasil de hoje.

Relato ímpar daqueles tempos, os fatos aqui

apresentados retratam não somente a vida política em São Paulo como as relações entre diversos setores da sociedade paulista como um todo.

Por vezes observa-se a dicotomia entre fatos que aparentemente se completam à luz da historiografia atual, deixando-nos bem à vontade para posicionarmos criteriosamente sobre os fatos apresentados, a exemplo das ações da Coluna Sul e do papel preponderante que teve o coronel Fernando Prestes de Albuquerque, então vice-presidente do Estado de São Paulo, lembrado como personagem de grande importância no referido movimento histórico.

Cabe aqui, destacar também os homens públicos e demais cidadãos comuns de Itapetininga daquele ano que participaram ativamente favorável ao movimento revolucionário, como é o caso de Francisco Fabiano Alves.

Outra faceta de notável importância da obra é o embasamento através de material histórico local que nos oferece um olhar ímpar das transformações revolucionárias daqueles tempos, transformados de forma magistral em textos pelo jornalista Edmundo Prestes Nogueira, e agora trazido por seu filho, com novos fatos, demonstrando que a obra continua ainda mais atual e viva do que nunca.

Dispensar palavras a tão valiosa obra e ao seu escritor e redundante, pois a referida obra e seu autor levam-nos a observar o quão necessário e precioso é o conhecimento daqueles fatos. A aqueles que desejarem iniciar uma aventura pelo movimento revolucionário de 1924, sob o olhar da história de Itapetininga, de São Paulo e do Brasil, boa leitura.

(*) **Mário Celso Rabelo Orsi Júnior** foi professor de História do Instituto Imaculada Conceição. É pós-graduado em História. Foi membro e presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Colaborador Emérito do Portal Paulistas de Itapetininga.

9° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Historiador Carlos Fidêncio (*)

A Quartelada de 1924, chamada pela história oficial (e pelo autor de Heroísmo descohecido, talvez para evitar estranhamento) de revolução, foi uma das mais graves e sangrentas ocorridas em nosso país. Além de 503 mortos e 5 000 feridos, deixou a cidade de São Paulo quase destruída. Os bombardeios, inclusive com canhões de 105 milímetros, dirigidos ao palácio do Governo e prédios públicos, provocaram danos em imóveis residenciais e comerciais e baixas entre civis. E, ao mesmo tempo, tropas insurgentes (das três armas), com o apoio da cavalaria da Força Pública do Estado (parcialmente sublevada) atacaram tropas leais ao governo e invadiram casas bancárias, com a finalidade de saque. O governador Carlos de Campos, o alvo principal dos ataques, contudo, escapou.

Os insurgentes, atacando a segunda cidade mais populosa do país (na época), visavam minar a autoridade do presidente da República, Arthur Bernardes. E o mais importante: fazer caixa para financiar a revolução que pretendiam desencadear. Não conseguiram nem uma coisa, nem outra. O governador retornou dias depois e com ajuda federal, e apoio de colunas legalistas do interior, retomou o controle e contra-atacou. Aos tenentes revoltosos restou a fuga e a frustração. E a sonhada revolução transformou-se na patética Coluna Prestes, que por dois anos perambulou pelo interior do país, assustando populações e com tropas legalistas e até cangaceiros no encalço.

Todavia, com o golpe de Estado de 1930 e a implantação da ditadura fascista, os principais líderes tenentistas finalmente experimentaram o sabor da vitória. Seu apoio à Aliança Liberal que desfechou o golpe, rendeu cargos e benesses na administração pública a muitos deles. O major Miguel Costa, que na época comandava a cavalaria da Força Pública paulista, pelo seu empenho como um dos principais chefes militares da Aliança Liberal, recebeu o posto de general da Força Pública tornando-se o seu comandante.

Juarez Távora assumiu o cargo de ministro da Viação ainda no ano de 1930. Brigou com o ditador Getúlio Vargas anos depois, mas continuou na política. Chegou a disputar a presidência da República em 1955.

Filinto Strubling Muller (personagem denunciado por David Nasser, no livro Falta alguém em Nuremberg, como nazifascista), voltou a São Paulo em 1932, para lutar contra o Movimento Constitucionalista. Pelo esforço na manutenção da ditadura, ganhou o cargo de Chefe da Polícia Política do regime, onde com muita convição prendeu e torturou presos políticos, de 1933 a 1942. Ao morrer em acidente de avião em 1973, ocupava o cargo de senador por Mato Grosso. O general reformado Isidoro Dias Lopes, redimiu-se ao ficar do lado dos paulistas na Revolução de 32.

O autor deste livro, Edmundo Prestes Nogueira, escreveu: “Júlio César, o maior general da antiga Roma, costumava dizer: “a história é escrita pelos vencedores”, ao que Breno completava: “Vae victis!” (ai dos vencidos!)”. Exatamente isso. Até agora estamos falando dos vencedores. Os tenentes vencedores de 30 (sanguinários, saqueadores e perdedores em 24), que por terem alcançado o cetro do poder, tornaram-se senhores da história, e vestiram o figurino de protagonistas. E nós estamos aqui falando deles - ainda que sem reverência. E esquecemos os heróis de 24; os que livraram São Paulo da sanha assassina do tenentismo treloucado? Desses não há nada a dizer? Não existiram?

É claro que existiram. E Edmundo, o grande Edmundo Prestes Nogueira, lembrou-se deles (cidadãos comuns e políticos) em Heroísmo desconhecido. E foi além; aprofundou o tema e fez uma valiosa revisão histórica. Especialmente, para os que têm sede de conhecimento e orgulham-se da terra em que nasceram. Muito feliz a idéia da reedição deste livro. Um alento para os que perseguem a isenção, a versão correta dos fatos. Como tanto recomendava aos seus alunos, o jornalista e professor Edmundo

(*) **Carlos Fidêncio** é historiador, professor universitário e jornalista. Membro do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga e membro fundador da Associação dos Jornalistas e Radialistas de Itapetininga.

10° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Genealogista José Luiz Nogueira (*)

Foi com muito prazer que recebi o convite para prefaciar a reedição deste livro que discorre sobre assunto de tamanha importância. Quando lançado da primeira vez pelo Edmundo Prestes Nogueira, eu não estava em Itapetininga e perdi aquele momento, que deve ter sido de muita emoção.

Passados tantos anos, agora seu filho nos brinda com nova edição de **Heroísmo Desconhecido** e num momento em que se comemoram os 80 anos da partida de nossos heróis de Itapetininga para o teatro de operações italiano da II Guerra Mundial.

Edmundo Prestes Nogueira nasceu em Piracicaba em 9 de março de 1933, mas tinha o seu coração (ou a sua alma) em Itapetininga. Infelizmente nos deixou muito cedo, vítima de acidente ocorrido em Sorocaba em 22 de abril de 1994.

Escreveu o livro **Heroísmo Desconhecido**, retrato de uma epopeia histórica e heroica. A Revolução de 1924 marcou profundamente a nação brasileira, e é neste cenário que o autor tece a sua trama.

Quando da fundação do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga em 2005, tivemos a oportunidade de ouvir em alta voz pelo mestre de cerimônias, Carlos José de Oliveira, o Carlinhos, a biografia de Edmundo Prestes Nogueira, que foi escolhido como patrono da cadeira número 21, ocupada pelo dentista Dr. Roberto Soares Hungria, um dos membros fundadores do Instituto.

Ler História é revivê-la, assim os leitores através do tempo poderão manter acesa a chama dos feitos de nossos heróis e com este livro saber mais sobre este que foi o **Heroísmo Desconhecido**.

(*) **José Luiz Nogueira** é pesquisador de História Regional e de Genealogia. Escreveu alguns livros sobre cidades paulistas e a série Genealogia de uma Cidade. É um dos membros fundadores do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga, bem como estudioso da formação do município até os dias atuais. Participa de diversos grupos de genealogia, bem como mantém o portal **www.jlnogueira.no.comunidades.net**.

11° Prefácio de Heroísmo Desconhecido:
Edição Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924

Genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello (*)

Transitei entre o trecho da rua Saldanha Marinho e José Bonifácio até a esquina com a Campos Salles, diariamente de 1963 até 1971, primeiro trabalhando em uma Loja de Roupas e depois no Banco Commércio e Indústria de São Paulo S/A, quando então este banco foi transferido para o meio da quadra da Campos Salles.

Foi nesse período que conheci Edmundo Prestes Nogueira, que tinha o seu escritório de representação do jornal “O Estado de São Paulo”, contíguo ao prédio do Banco e os encontros casuais com ele eram quase que diariamente.

Era cliente do mesmo e eu, como atendente, sempre o recebia na Agência.

Poucas conversas e depósito rápido.

Sentia nele uma pessoa de feições um tanto severas até o momento em que abria o largo sorriso ao cumprimentar as pessoas.

Entrosou-se com muita rapidez na sociedade de Itapetininga, não só pela sua pessoa mas pela esposa, criatura de grande educação, bondade e benevolência, filha do farmacêutico Juju, mas também participando ativamente nas nossas sociedades beneficentes, fundando-as e atuando em suas diretorias.

Como Assessor de Imprensa da Câmara Municipal realizou os Seminários de Jornalismo na Casa da Cultura desta cidade e como professor universitário atuou de forma decisiva no desenvolvimento profissional de seus alunos.

Dotado de sólida formação jornalística, além de Filosofia, Direito, Teologia, era figura obrigatória em palestras por toda a cidade e vizinhança.

Em Itapetininga não existe o costume de cultuar e honrar as pessoas que muito fizeram pela cidade, nem em escolas e muito menos com grandes comemorações, existindo poucos e raros relatos.

O seu tino jornalístico constatou que faltava uma grande história que abordasse o reconhecimento aos nossos

cidadãos que a fizeram e, partindo dessa falta, iniciou o seu relato com o grande estímulo e a ajuda do ilustre Carlos Scudeler.

Três anos de pesquisas e tivemos o lançamento, em 1987, do livro **Heroísmo Desconhecido** onde narrou fatos, testemunhos e reportagens sobre a Revolução Paulista de 1924, com narrativas extremamente fiéis aos acontecimentos, trazendo ao conhecimento de todos, batalhas, acordos, visões diferentes do movimento, os prenúncios da luta, perfis, fotos, a organização da Coluna Sul, a distribuição das armas, o movimento das tropas, como se deu a resistência, a ida ao "front", as lutas em Porto Feliz, Itu, entre outras cidades, e não deixando de falar dos nossos heróis de nossa cidade, tratando-os magistralmente, com sabedoria, traduzindo em palavras o perfil de cada um e o seu valor no momento.

Entre eles tivemos Fernando e Júlio Prestes de Albuquerque, Ataliba Leonel, Francisco de Paula Bernardes Júnior, Francisco Fabiano Alves e em homenagem, Venâncio Ayres, com a justificativa de que nenhuma história desta cidade poderia ser escrita sem se falar de Venâncio Ayres.

Em uma das partes do livro trata a obra como história de bravura, de heroísmo, de amor à Pátria e à lei e, ainda mais, mostrando a todos nós o seu grito da verdade e de esperança nos engrandecimentos dos homens de uma forma geral.

O lançamento do livro em 1987, teve o intuito de comemorar os sessenta anos da eclosão do movimento e pude constatar ao longo de minha vida, que muitos só tomaram conhecimento desses fatos e dessas pessoas, ao lerem o seu livro **Heroísmo Desconhecido**, que primou não só pela divulgação e o reconhecimentos dos nossos feitos e heróis, como possibilitou, em todos os momentos seguintes, novas pesquisas e novos livros sobre o movimente, abrindo caminhos à descoberta e ao reconhecimento de novos heróis.

Seu filho Edmundo que "graças a Deus", herdou as qualidades do pai e da mãe, tornando-se uma das figuras mais queridas da cidade e o professor Jefferson Biajone, expoente no levantamento dos outros heróis publicando-os no livro Itapetininga: Heróis Feitos e Instituições (Regional, 2012), fundando e aprimorando entidades ligadas à Revolução de 1932 e Segunda Guerra Mundial que, entre outros, constataram a importância dessa obra ao relançarem

a mesma, em comemoração aos noventa anos da Revolução de 1924.

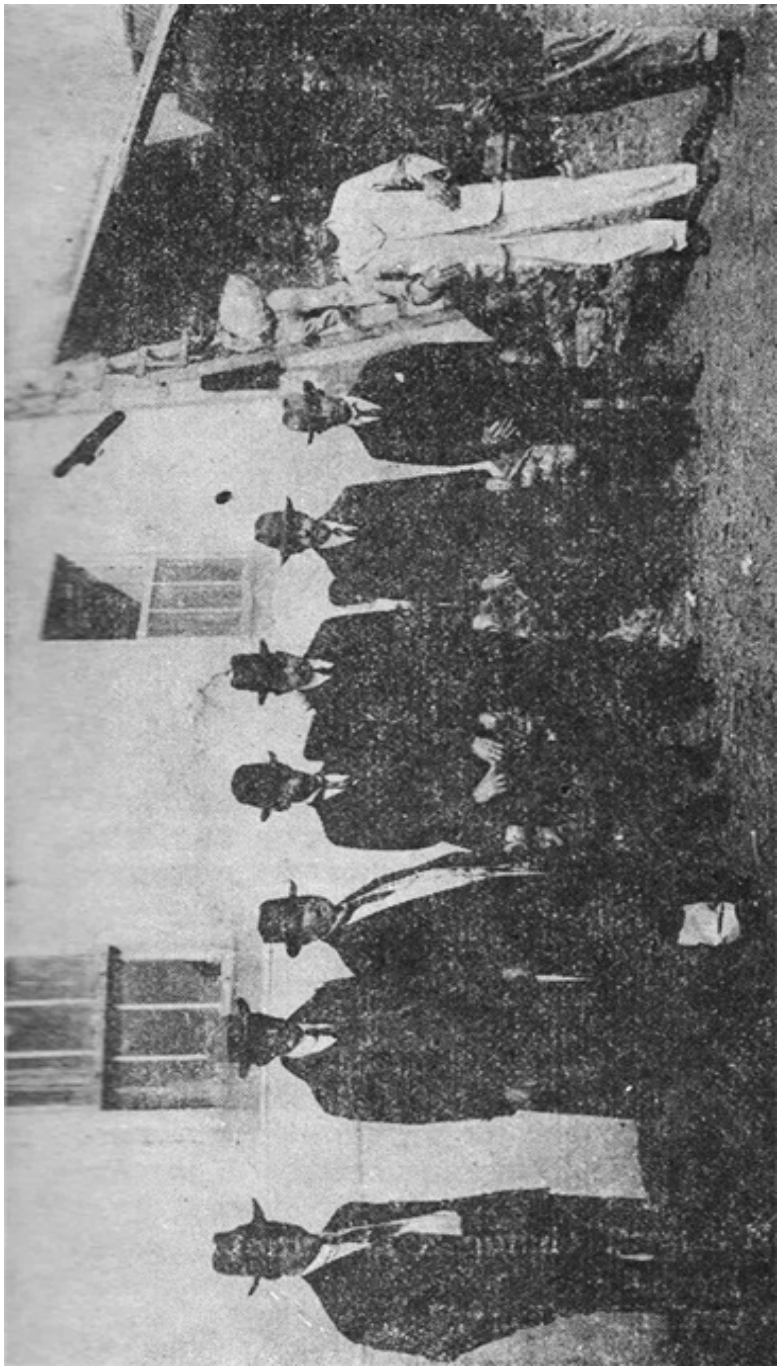
No livro e, no Epílogo, Professor Edmundo deixou uma questão ainda não respondida “E se Júlio Prestes tivesse assumido a Presidência da República?”

Essa pergunta está sendo respondida por um outro jornalista, escritor, membro das diversas entidades culturais da cidade, em livro já iniciado, o ilustre Hélio Rubens de Arruda e Miranda.

Senti-me, com o convite para escrever algumas linhas sobre o Professor Edmundo Prestes Nogueira e sua obra, extremamente honrado, mesmo porque entre tantos outros com uma grande cultura e conhecimento da História de Itapetininga, que certamente o fariam com mais propriedade, não com maior entusiasmo que o meu, e enfatizo aqui o respeito, a minha admiração pela pessoa e a obra do Professor Edmundo Prestes Nogueira, meu amigo e da minha família.

(*) **Afrânio Franco de Oliveira Mello** (in memoriam). Genealogista, membro do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga, Cadeira n.º 1, Patrono João Neto Caldeira. Vice-presidente fundador do Portal Paulistas de Itapetininga e secretário de Méritos e Honrarias do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga. Faleceu em 20 de Março de 2021, aos 74 anos de idade.

Primeira Parte



Lideranças civis dos esforços patrióticos de Itapetininga durante a Revolução de 1924

Revolução Paulista de 1924

"O Movimento de caráter militar e civil, ocorrido em São Paulo em 5-7-1924, na presidência estadual de Carlos de Campos e federal de Artur Bernardes, com repercussões em outros Estados, foi uma luta de protesto contra a falta de liberdade no pronunciamento eleitoral do povo brasileiro (os presidentes da República eram eleitos mediante simples conchavos políticos dos partidos dominantes); contra as perseguições que o Governo Federal movia aos que se opunham à sua orientação política, e contra a manifesta parcialidade da Justiça Federal nos seus julgamentos. Teve início efetivo quando o general reformado Isidoro Dias Lopes deu voz de prisão ao general Abílio Augusto de Noronha e Silva, comandante da 2ª Região Militar. Conseguindo a rápida adesão do 6° Regimento de Infantaria e de uma companhia do 5°, durante vinte e três dias Isidoro dominou a cidade, cujas ruas se transformaram em campo de batalha. Transferindo-se dos Campos Elíseos para o prédio da Secretaria da Justiça, Carlos de Campos refugiou-se depois em Quitaúna, forçado pelo fogo de artilharia iniciado por volta das 15 horas do referido dia 5 pelo tenente Eduardo Gomes. Seguiu-se o bombardeio da cidade, que causou grande número de mortos e feridos, além de consideráveis danos materiais, firmando os revolucionários a ocupação da praça. Organizada a repressão sob o comando do general Eduardo Artur Sócrates (durante o qual morreu o revolucionário capitão Joaquim do Nascimento Fernandes Távora, irmão de Juarez e de Fernando Távora), abandonaram os revoltosos a capital, embarcando numa composição ferroviária que rumou para Bauru, ainda sob a chefia de Isidoro Dias Lopes, tendo a secundá-lo Juarez Távora. Abrindo outras frentes de combate em território de Mato Grosso e Paraná, em outubro de 1924 ganharam os revolucionários paulistas o apoio de Luís Carlos Prestes, que se rebelara em Alegrete, Rio Grande do Sul: à frente de sua tropa juntou-se aos elementos de São Paulo, compondo a chamada Coluna Prestes, comandada por ele e pelo general Miguel Costa, e a qual realizou pelo interior do país uma verdadeira peregrinação revolucionária até aos primeiros meses do governo de Washington Luís, quando seus remanescentes se internaram na Bolívia".

Novo Dicionário de História do Brasil, p. 531 (1984).

Reconstituição Histórica

Deliberadamente, inserimos na abertura deste registro histórico a versão tida como oficial. Assim, ficarão mais patentes algumas discrepâncias. A primeira, e menos importante, diz respeito ao local de refúgio de Carlos de Campos: Quitaúna. Em verdade, naqueles dias de boatos e desencontros, várias foram as hipóteses levantadas pelos jornalistas. O ***Estado de São Paulo*** de 7 de julho de 1924, assim informou: "É voz geral, porém, que S. Exa. rumou para Santos".

João Ayres de Camargo, que participou diretamente dos fatos mais importantes naqueles dias de julho, afirma em ***Patriotas Paulistas na Coluna do Sul***, que Carlos de Campos fora para Guayaúna, na Central do Brasil, o que é confirmado por Júlio Prestes em seu depoimento oficial. Como se poderá aferir da leitura deste relato histórico, o ***Manifesto de Itapetininga*** abalara o ânimo dos revoltosos. O documento assinado por Fernando Prestes, Washington Luís, Ataliba Leonel e Júlio Prestes (conclamando os paulistas à união, "pois a vitória é certa", informando da organização e do poderio das forças aqui aquarteladas) irritara intensamente ao general insurreto Isidoro Dias Lopes e seu Estado-Maior.

E, sem dúvida, arrefeceu-lhes o entusiasmo, pois o plano previa a vitória na capital do Estado de São Paulo para a eclosão da rebelião no Distrito Federal e outros Estados, onde o movimento, embora embrionário, contava muitos adeptos, que aguardavam o desfecho do episódio de São Paulo. Então, Isidoro seguiria para os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul, de trem, via Itararé.

A ***Coluna Sul*** foi a pedra de tropeço no meio do caminho, com o irredutível bloqueio de Pantojo, obstruindo a passagem dos revoltosos pelo sudeste paulista. Como emergência, a fuga se fez pela Ferrovia Paulista, para Bauru. Júlio César, o maior general da antiga Roma, costumava dizer que "a história é escrita pelos vencedores", ao que Breno completava: "Vae, victis!" (ai dos vencidos!).

Aqui, ocorreu o inverso: nem o ***Manifesto de Itapetininga***, nem a ***Coluna Sul*** foram mencionadas pela versão oficial.

Juarez Távora, companheiro de aventuras de Isidoro em 1924, em longo depoimento publicado em 1927, não faz

qualquer referência a Itapetininga. ***"A guisa de depoimento sobre a revolução brasileira de 1924"***, em seu primeiro volume, editado por ***O Combate***, em 1927, relata os antecedentes que culminaram com a formação do movimento revolucionário.

Mostra, com evidente desapontamento, o grande equívoco que foi a "carnificina trágica da luta fratricida", conforme se poderá ver adiante.

Termina o primeiro volume anunciando o segundo que traria a narrativa da retirada dos revolucionários da Paulicéia.

Por insondável capricho do destino, o segundo volume não foi editado, conforme consta de informação contida no terceiro volume que historia a peregrinação dos rebeldes por quase todo o território nacional.

O Acordo Café com Leite

O eminente e culto advogado e vereador itapetiningano, Paulo Ozi, profundo conhecedor da história pátria, fornece-nos preciosas informações sobre o ambiente político-social em efervescência naquelas primeiras décadas da República: era presidente (hoje seria governador) do Estado de São Paulo o Dr. Carlos de Campos, filho de Bernardino de Campos, que também exercera a presidência do Estado, em cuja gestão foi criada a Escola Modelo de Itapetininga, posteriormente denominada Escola Normal e, em seguida, Instituto de Educação Peixoto Gomide.

Hoje, Escola Estadual Peixoto Gomide, centenário berço da cultura itapetiningana, idealizada que foi pelo célebre Ramos de Azevedo, tombada se encontra como relíquia de todo o povo paulista. Entrementes, Carlos de Campos não terminou seu mandato, vindo a falecer em abril de 1927.

Por sua vez, o Coronel Fernando Prestes, que era o vice-presidente do Estado (o atual cargo de vice-governador, o qual ele ocupara por três legislaturas), não quis assumir o governo, ensejando a Dino Bueno, presidente da Câmara Estadual (hoje Assembléia Legislativa), a assunção à presidência de São Paulo. Este, imediatamente, convocou e presidiu as eleições que conduziram Júlio Prestes, apoiado por Washington Luís, ao governo do Estado.

Depois, Washington, apoiado por Artur Bernardes, seria eleito presidente da República. Por sua vez, Washington

deveria apoiar o mineiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrade para sua sucessão, mas apoiou Júlio Prestes, que tinha como companheiro de chapa o médico baiano Vital Soares. Com isso, rompeu-se o histórico ***Acordo Café com Leite***, que consistia na união de forças políticas de São Paulo e Minas Gerais, visando a alternância de ambos no poder.

Com o rompimento desse acordo, formou-se a Aliança Liberal.

Getúlio Vargas, presidente do Estado do Rio Grande do Sul, após ter sido ministro da Fazenda de Washington Luís em 1926, rompe com a República e lança-se candidato à sucessão de Washington. Mas, é derrotado.

Júlio Prestes venceu, mas não assumiu.

Na chapa de Getúlio, como vice, estava João Pessoa, presidente da Paraíba, que se negara a compor com o candidato paulista.

A palavra ***nego*** passou, então, a simbolizar a intransigência paraibana, passando a ser escrita em sua bandeira. Júlio Prestes fora eleito em março para assumir a Presidência da República em novembro de 1930.

No dia 26 de julho desse ano, João Pessoa foi assassinado, um crime político-passional que comoveu o País e do qual se aproveitou Getúlio para deflagrar a Revolução de 1930. A história registra a morte de João Pessoa como decorrência de divergências políticas e particulares.

Em verdade, sentimentais, para não dizer amorosas.

Moacir Japiassu confirma esta versão quando afirma: "João Dantas, advogado paraibano, louco de ódio, assassinou João Pessoa".

A noiva de João Dantas fora o pivô da tragédia.

A Revolução Vista do Rio

Diante do ***Acordo Café com Leite***, do predomínio de São Paulo e Minas, era normal que os demais Estados se mobilizassem pela alternância do poder ou, pelo menos, que também eles passassem a participar do grande bolo do poder e das decisões. O desenvolvimento econômico de São Paulo era invejável. E despertava ciúme.

O jornal ***A Manhã***, do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de Mário Rodrigues, exatamente três anos depois da Revolução de 1924, em matéria de primeira página,

com manchetes espalhafatosas, assim se manifesta:

UMA GRANDE DATA PARA A NOSSA HISTÓRIA.
5 de julho relembra a mais bela epopéia realizada sob o céu do Cruzeiro. Dois anos após explodia a patriótica revolução.

E ilustra com fotos dos 18 do Forte, de Isidoro, Miguel Costa, Cabanas e Prestes.

O estilo é veemente, mas pouco jornalístico: “O 5 de Julho é a data mater do calendário cívico da nacionalidade. Todas as outras, comemorativas de todos os considerados grandes feitos da história republicana, empalidecem diante da que hoje festejamos, com a consciência de patriotas exaltados, aos impulsos seivosos de nosso sangue, é à viva emoção de quem cultua a dignidade como um apostolado ou uma religião. Eis aí todo o grandioso relato dos anseios de um povo que, num momento aziago para seus destinos, se viu presa de uma infamíssima tirania. Eis a síntese maravilhosa, em duas etapas inesquecíveis, em duas jornadas imortais, do grande gesto de uma legião de heróis que salvou esta pátria formidável, com seu protesto de fogo, do carneirismo a que pretendiam submetê-la a vaidade hipertrofiada de um cangaceiro de casaca e, depois, a covardia medular de um sádico heliogábalo crioulo. 5 de julho de 1922 — 5 de julho de 1924. O povo conhece perfeitamente a alta significação dessas duas datas inolvidáveis. É por isso que não as esquece, não as esquecerá nunca! Ai de nós se não fossem os iluminados dessas duas cruzadas que nos arrancaram de um entorpecimento letal. Vivíamos como que esquecidos de nós mesmos. Não acreditávamos na nossa energia”.

A seguir, ***A Manhã*** condena Epitácio Pessoa e Artur Bernardes, “duas legendas de lama e sangue que nos apavoraram durante mais de um lustro (...) foi o esplendor da imoralidade (...) perderam a noção de moral pública e negociaram com a honra e a fortuna dos brasileiros. Isto não era um país, era um prostíbulo, era uma baiúca, uma taberna sinistra de cuja vida de dissipação e costumes de punga o povo, a maioria, o bom-senso, a vergonha do Brasil, não participavam nem apoiavam (...)”.

Com São Paulo, Pelo Brasil!

Na cidade de Itapetininga havia um jovem idealista que lutava por um Brasil melhor, “sempre com a preocupação de salvaguardar a lei, pois fora dela não há ordem e com desordem o que se fizer não terá valor”.

Sempre com a lei!

Seu nome: Francisco Fabiano Alves.

Dentista, farmacêutico, ex-professor da antiga Escola de Farmácia e Odontologia de Itapetininga, aposentado como Inspetor Federal de Ensino, viveu intensamente o ano de 1924, participou ativamente da Resistência como capitão comandante da Segunda Companhia do Batalhão de Caçadores Patrióticos “Coronel Fernando Prestes”.

Com a longa experiência dos noventa anos completados em 12 de setembro de 1987, e a sabedoria de quem tirou lições dos acontecimentos, Fabiano vê, com clareza, “as verdadeiras intenções daqueles que ensanguentaram São Paulo e encontraram, em Itapetininga, o obstáculo às suas aventuras”.

Francisco Fabiano Alves afirma, com a segurança de quem participou de três revoluções (1924, 1930 e 1932), que

“muitos se iludiram com Isidoro, Depois do Levante do Forte de Copacabana, o ambiente tornou-se propício a novas investidas contra o regime. Sem dúvida, havia alguns idealistas entre eles, mas logo se notou o verdadeiro motivo daquelas rebeliões. Epitácio Pessoa, a Patativa do Norte como era conhecido, era um grande orador e conseguiu contemporizar, não dando demonstração de preocupação com aqueles movimentos isolados. Havia descontentamento entre os militares que desejavam um militar na presidência da República e Epitácio não tinha militar nem nas pastas militares”.

Em apoio a esta afirmação de Fabiano, o advogado Sobral Pinto, na Revista Veja de 25 de abril de 1984, diz o seguinte: “acho que militar não devia fazer política, e é por isso que admiro tanto o presidente Epitácio Pessoa. Foi o único que teve coragem de nomear civis para as pastas militares”. Fabiano prossegue:

"Artur Bernardes, eleito pelo povo, era um homem duro, honesto, bom administrador. Garantiu a unidade do Brasil, não admitia fragmentação. Ele sabia que havia elementos de outros credos infiltrando-se no País. Isidoro conseguiu levantar uma parte do Exército e a Força Pública de São Paulo. Com o apoio de Miguel Costa e de parte dos militares do Exército em São Paulo, Isidoro contava com uma vitória no Estado que já era o principal centro de desenvolvimento do Brasil, para uma sublevação geral. Foi o general Potiguara e sua tropa que restabeleceu a ordem em São Paulo. Os quartéis de Itu e Jundiaí estavam com Isidoro. As tropas de outras regiões ficaram neutras, esperando esclarecimentos sobre a finalidade da revolução. Isidoro queria avançar para o sul, onde tinha inúmeros simpatizantes. Mas, não contava com a resistência de Itapetininga, que lhe bloqueou o caminho. Foi pela Ferrovia Paulista para Bauru, espalhando o pânico, saqueando as cidades".

Para Fabiano, depois ficaram bem claros os objetivos dos revoltosos.

"Isidoro serviu de inocente útil. Depois de sua fuga, com o levante de Luís Carlos Prestes em Alegrete, formou-se a Coluna Prestes, com o tenente Cabanas, Miguel Costa e vários outros participantes da sublevação de São Paulo. Eles percorreram praticamente o Brasil inteiro pregando o voto secreto, o fim dos latifúndios e do Acordo Café com Leite, para que todo o País participasse da indicação do presidente da República. Mas, no fundo, eles queriam mesmo o comunismo, que era a doença da moda. Para mim, a Pátria deve estar acima de tudo. O Luís Carlos Prestes teve o desplante de declarar que, na hipótese de uma guerra entre o Brasil e a Rússia, ele ficaria com a Rússia. Não será preciso dizer mais nada. Prestes era considerado um semideus. Era admirado pelos intelectuais e pelo povo. Mas, sua infeliz declaração o liquidou. De qualquer forma, os revoltosos prepararam o terreno para Getúlio".

Ironias do Destino

Em reforço às declarações de Francisco Fabiano Alves sobre o carismático líder comunista Luís Carlos Prestes,

recordamos que um grande jornalista, proprietário de um dos maiores jornais do País, dera a um de seus filhos o nome de Luís Carlos em homenagem ao “Cavaleiro da Esperança”.

O jornalista paulista, um intelectual idealista que sonhava para o Brasil uma democracia idêntica à pregada inicialmente por Prestes, romperia com o antigo líder, quando este iniciara a pregação do Comunismo, ao qual aderira em seu exílio na Bolívia.

Em verdade, Prestes não participou dos primeiros passos do Comunismo no Brasil.

A cisão do movimento operário, sob a hegemonia do anarquismo, originou os primeiros grupos comunistas no Brasil e, em seguida, a fundação do PCB, em 1922, inspirado na Revolução Soviética Russa e na Internacional Comunista.

Mas, as ideias de Lenin e Marx levaram-no à ilegalidade três meses depois.

A união do proletariado possibilitou o avanço de Getúlio Vargas, que passou a encarnar as aspirações dos trabalhadores e iniciou a caça aos comunistas, em 1930.

Em 1935, Luís Carlos Prestes foi preso por ordem de Getúlio Vargas, Olga Benário, de origem semítica, esposa de Prestes, foi entregue por Getúlio à SS nazista de Hitler, para o holocausto descrito em livro pelo jornalista e ex-deputado Fernando de Moraes.

Com a queda de Vargas, em 1945, após anos de prisão, Prestes elege-se senador e o PCB, oficialmente registrado, faz 14 deputados.

Mas, em 1947, volta à ilegalidade.

Brigas internas levam a nova cisão e à criação do PC do B, em 1962, este alinhado com a ideologia chinesa.

Com a revolução de 1964, nova perseguição e novas ramificações dão origem à Ação Libertadora Nacional, ao MR-8 (oito de outubro, data da morte de Che Guevara), ao PCRB (revolucionário).

Curiosamente, a Ação Popular foi o único movimento de esquerda que não se originou do PCB nem pegou em armas.

Nasceu em 1962, composta por cristãos progressistas que pregavam uma sociedade justa, condenando tanto o capitalismo quanto o comunismo.

Prestes, que nascera em Porto Alegre no dia 3 de janeiro de 1898, e que foi deputado por vários Estados, foi expulso

do PCB por causa de declarações como esta: “Atualmente, no Brasil, o Partido não tem comunistas e os comunistas não têm partido”. Mas, ele estava apenas parafraseando um líder comunista europeu, inconformado com os desvios de seu partido.

Prestes foi substituído na direção nacional do Partido por Giocondo Dias, vindo a falecer no dia 7 de setembro de 1987, no Rio de Janeiro, aos 73 anos de idade.

O Prenúncio da Tempestade

“Este é um documento inédito. Foi-me entregue pelo irmão de um grande herói”.

Com estas palavras, o professor Francisco Fabiano Alves confiava-me dezesseis laudas datilografadas. Na última, o presumível autor: B. Prado. Com o título ***“Primórdios de 5 de julho de 1922”***, a narrativa é de uma beleza rara. Dela extraí os trechos aqui reproduzidos:

“Pelo ar perpassava qualquer coisa. Esta calmaria é prenúncio de tempestade... O murmúrio seria depois do rugido... Véspera de 5 de julho. Madrugada fria no Rio de Janeiro. Um paisano e um militar despedem-se.

A cidade faiscava... velha cortesã remoçada todas as madrugadas... Operários ligeiros, sobraçando suas refeições, seguem para o serviço. A voz álacre dos pequenos jornaleiros apregoava os diários. A avenida, pouco a pouco, ia-se enchendo de uma multidão calma: doutores, estudantes, políticos, oficiais empertigados na elegância cáqui das fardas... Acentuavam-se rumores de revolta e nas esquinas havia silêncios assustados de caça perseguida... Não seria fácil. Depois, o Washington ali, firme, sereno, haja o que houver ... Meu caro tenente, o Brasil não poderá ser reformado à custa de baionetas. O Brasil não compreende ainda um sacrifício de sangue. É muito jovem e não sabe ler. Mas, a revolução se fará custe o que custar. Tudo preparado. A coisa periga... Contudo, coragem! Um de nós puxou o relógio. É hora. Separemo-nos... Pelo Brasil!

À meia-noite, o primeiro tiro de canhão, seco, vibrante. Alvoroço de alvorada antecipada. Um medozinho fosforescente percorre os fios da Light... Há vagos rumores de passos apressados. Um rodar de bondes distantes. É madrugada fria, cheirando a maresia, com o cruzeiro bem

nítido no céu. Santa Cruz! Nossa! É o Forte de Copacabana. O Catete às escuras. Ruas largas espelhando o susto. Outro tiro. Chegou o batalhão naval. Copacabana, sozinha, atroava secamente, fazendo doer a alma do povo. Patriotismo em flor dos menos heróis da Escola Militar. E os aeroplanos voaram. Mas, do alto, deixaram apenas cair boletins em que se dizia que a revolta está dominada, faltando só Copacabana. Tiros espaçados. Silêncio. Um largo silêncio.

A gente sentia a respiração do Brasil. Dia lindo! Ah, que vontade de gritar a nacionalidade!... Silêncio! é o mar que está chorando... Aqui está a bandeira! Cada qual tome o seu pedaço. Rapazes! O Brasil está aqui!. Carpenter chorava de alegria. Siqueira olhou para a praia larga, longa, livre. E um bando de gaivotas. A tarde convidava a morrer. Eram muitos... partiram... Que simplicidade! Alguns populares de permeio, rindo. Ninguém acreditava no Heroísmo. Um, dois, três, quatro... dezoito! Se Rodin fosse brasileiro, o bronze seria modelado nas cores do crepúsculo, ali mesmo na praia. E depois? Nem sei dizer... O combate. Luta feroz de titãs. Braço a braço. Dezoito contra um mundo. Brasil! Brasil! que vontade de te beijar a face!. Epopeia dos 18 do Forte. E resolvemos morrer. O tenente Siqueira assume o comando do Forte. Morreríamos combatendo.

Rendição, nunca!

Fôssemos massacrados, para maior glória da nossa causa, da nossa loucura, do nosso brio, que nos matassem.

Mas, render-nos, nunca!

Newton Prado inutilizara todos os fuzis deixados à entrada do Forte... Prado pergunta aos populares aglomerados em frente do Forte se queriam acompanhar-nos.

Havia no grupo um cavalheiro magro, elegantemente vestido, que pediu que o armássemos. Era a figura lendária de Otávio Correa. Marchávamos para o Catete. Populares tentavam demover-nos de levar avante o nosso intento... Muita gente com lágrimas nos olhos, chorando pela nossa sorte... Mulheres rezavam por nós...

Das janelas, nos diziam adeus. Na Avenida Atlântica, paramos para matar a sede... E continuamos a marcha... Em seguida, o combate. Estendemo-nos em linha... encostados ao muro da avenida, entre as ruas José Constante e Hilário Gouveia... Atirávamos calma e precisamente... As

metralhadoras varriam nosso espaço, furiosamente... Vi tombarem vários companheiros... mas fizemos muitas baixas nas forças do governo... Esgotada minha munição, Siqueira Campos ordenou que eu me retirasse. Despedi-me de Siqueira... tornando para os lados do Forte... Éramos, então, uns doze homens... Carpenter, o heroico Carpenter, lá estendido com a cabeça varada e pendida. Estávamos cercados... Atirei o fuzil ao mar... nadei até um lugar abrigado, onde alguns operários me vestiram à paisana.

Glória a Otávio Correa, a Newton Prado, a Carpenter... Glória aos patriotas que morreram em Copacabana, fuzilados pelas forças legais. Honra a Siqueira Campos, a encarnação do Heroísmo e do brio nacionais. Glória ao Forte de Copacabana!".

O Perfil do Herói

"A sortida épica da guarnição do Forte de Copacabana foi uma hora incomparável de idealismo heroico. Esses dezoito heróis foram a nascente de onde, anos mais tarde, defluiu o estuário torrencial do Brasil em armas", escreve o jornal ***A Manhã***. E traça o perfil de Siqueira Campos, que assumiu o comando do Forte, quando o capitão Euclides da Fonseca saiu para parlamentar com o governo.

Antonio de Siqueira Campos era paulista de Rio Claro, onde nasceu a 18 de maio de 1898. Tornou-se notável pela bravura demonstrada no Levante do Forte. Preso, escapou. Realizou arrojada peregrinação democrática por vários Estados, pregando o civismo, o voto secreto e legislação de amparo ao trabalhador. Morreu a 10 de maio de 1930, quando se dirigia à Argentina, onde pretendia demover Prestes de suas ideias esquerdistas e ocupar o espaço que seria de Getúlio Vargas. O avião em que Siqueira viajava caiu no mar. Nesse dia, Francisco Fabiano Alves prestou-lhe a homenagem destas palavras, extensivas aos companheiros do Forte:

"Heróis de Copacabana, pugilo de bravos, construíram com seus corpos um altar para, junto a ele, colocar, entrelaçados, a honra do soldado, a bandeira da Pátria e o exemplo de bravura. Hoje, a Pátria ajoelha-se ante esse altar

para, na penumbra da lembrança, glorificar aqueles pigmeus transformados em gigantes, gigantes transformados em semideuses, cujo sangue tingiu de púrpura as areias brancas de Copacabana".

No Limiar da Tragédia

Tudo estava previsto. Mas, o imprevisto aconteceu. O Exército em São Paulo estava mal equipado, mas isso não foi problema para o hábil capitão Newton Estillac Leal que, com um relatório minucioso das necessidades do momento, convencera o comandante do II Exército a reforçar seu arsenal.

Na véspera do dia fatal, ocorreria o desvio clandestino de munição da Artilharia de Quitaúna para Pinheiros e de lá para o Campo de Marte.

A vantagem dos revoltosos era nítida: 2.600 homens contra menos de 1.500 das tropas leais ao governo. Ia começar "em pleno coração da Paulicéia a carnificina trágica da luta fratricida", tardiamente tão deplorada por Juarez Távora: "Os revolucionários não cogitavam, nos seus planos, de uma luta aberta no centro da cidade de São Paulo. Apenas prevíramos o choque inicial, rápido e decisivo. Aquele brutal embate que estava prestes a desencadear-se nas rias centrais da capital paulista surgira, inesperadamente, como consequência de uma série imprevisível de fatalidades".

Fatalidade ou irresponsabilidade?

A artilharia rebelde iniciou o bombardeio do Palácio dos Campos Elíseos, mas as bombas caíram em pleno Liceu Coração de Jesus, matando crianças.

Os oficiais atribuíram o erro a imperfeições da planta cadastral de São Paulo.

Isidoro mandou suspender imediatamente a operação, do que se valeu Juarez para tentar transmitir uma imagem humanitária de seu líder.

Juarez insiste em inocentar os revoltosos pela tragédia da capital, chegando a atribuir às tropas do governo o insensato bombardeio do bairro da Móoca: "o entardecer do dia 8 de julho, quando as tropas do governo começavam a retirar-se da cidade, houve um comandante de unidade que, pretextando levantar o ânimo da tropa, mandou disparar a esmo, sobre o populoso bairro da Móoca, cinquenta tiros

de artilharia... causando um dos maiores incêndios que devastaram a capital paulista".

Curiosamente, às 5 horas da manhã de 5 de julho, no momento em que ocorriam os primeiros combates, o comandante do II Exército, general Abílio de Noronha, saía de uma festa no Consulado Americano.

Rapidamente, tentou organizar a resistência, mas acabou preso dentro do Quartel da Força Pública por Isidoro.

Ainda no primeiro dia de lutas, ao saber que quatro oficiais rebeldes, entre os quais Juarez Távora, foram feitos prisioneiros, o secretário de Justiça do Estado, Bento Bueno, ordenou que os fuzilassem imediatamente.

Mas, os soldados recusaram-se a cumprir a ordem.

Enquanto a Estação da Cantareira ficava sob o comando do tenente Eduardo Gomes, as da Luz e da Sorocabana foram entregues ao temível tenente Cabanas.

João Cabanas, o chefe da Coluna da Morte, após a fuga das tropas de Isidoro, unir-se-ia ao capitão Luís Carlos Prestes, do quartel de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, iniciando a famosa Coluna Prestes.

As Justificativas da Rebelião

Juarez Fernandes do Nascimento Távora foi ministro dos governos de Getúlio Vargas e de Castello Branco.

Em 1955, concorreu à presidência da República, tendo como companheiro de chapa o senador Milton Campos. Nesse ano, ambos estiveram em Itapetininga, em campanha eleitoral. Mas, o vitorioso foi Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Em dezembro de 1926, banido na Ilha das Cobras, Juarez redigiu precioso documento sobre o movimento revolucionário de 1924. "Composto, quase todo, durante as horas ásperas do degredo, sob a impressão pungente da mesquinhez e da perversidade dos nossos donatários políticos", o então tenente Juarez Távora dedica seu testemunho ao seu irmão, Joaquim Fernandes do Nascimento Távora, capitão do Exército, morto em São Paulo a 19 de julho de 1924. Juarez faz um apelo patético:

"Oh! mocidade! ajuda, com todos os recursos da tua força e da tua inteligência, aos que batalham pelo Brasil dignificado! Honra a memória dos que te legaram um berço

livre e respeitado, cultuando a justiça e defendendo a liberdade!".

A seguir, pinta um quadro dramático da situação brasileira na época:

"No lodaçal da politicalha profissional, proliferam todos os vícios que caracterizam a tirania: a delação, a covardia, a mentira, a calúnia, o suborno... A revolução é o último dos direitos a que deve recorrer um povo livre para salvaguardar os interesses coletivos. Mas, quando a liberdade está em perigo, a rebelião não é um direito, é um dever; é o mais imperioso de todos os deveres: é a suprema lei!"

O caldeirão político do Brasil fervilhava a ponto de explodir.

O povo oprimido, impotente e resignado, assistia à orgia republicana em sua terceira década. O poder fascinava e era exercido em benefício dos privilegiados que dele se aproximavam.

Havia, no entanto, uma elite militar que não aceitava os desvios republicanos. Juarez Távora alinhava os fatos: a agitada campanha presidencial de 1921 culminara com uma carta apócrifa, ofensiva ao Exército, atribuída ao candidato Artur Bernardes e publicada no dia 19 de junho pelo jornal Correio da Manhã.

O presidente Epitácio Pessoa decreta a prisão do marechal Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar. Artur, com apoio da máquina oficial, derrota Nilo Peçanha, apesar da disparada superioridade e do prestígio pessoal deste. Instalado no poder, Artur Bernardes intervém no Estado do Rio de Janeiro, afastando Raul Fernandes, correligionário de Nilo.

Em dezembro de 1923, Artur promulga a Lei de Imprensa, alegando excessiva liberdade de crítica. Para coroar a sucessão de acontecimentos antipáticos ao público, após um processo injusto, os oficiais implicados nos levantes de 1922 são condenados ao desterro.

À Procura de um Chefe

Procurava-se, para chefiar a sublevação, um oficial bem relacionado no Exército, com profundo espírito de

honestidade, de valor cívico, com descortino militar e tato político. Estava difícil: as reformas que se sucederam ao movimento de 24 impediram o aparecimento de líderes.

Recorreu-se, então, à lista dos generais reformados.

A escolha recaíra em Isidoro Dias Lopes, que se recusa, alegando pouca influência nas áreas militares, além de ser desconhecido do público.

Pressionado, na falta de outro em melhores condições, Isidoro promete resposta definitiva, após pesquisa que pessoalmente irá realizar. Acaba aceitando.

Além de seus contatos nos Estados do Sul, fizera bom trabalho no Rio e se animara. Antes dele, os irmãos Távora já haviam aliciado oficiais nos principais quartéis. Principalmente Joaquim Távora fora incansável nesse trabalho.

O quartel-general dos revolucionários foi estabelecido em São Paulo, à Avenida Vauthier, 27, onde os Távora, Estillac Leal, Eduardo Gomes, Felinto Muller e até Miguel Costa, então major da Força Pública de São Paulo, se reuniam frequentemente.

Após uma tentativa frustrada de efetivar a revolução em março, definiu-se a sua data: 5 de julho de 1924.

A Capital em Chamas

Embora fosse o núcleo mais evoluído do País, em razão, sobretudo, da grande participação de emigrantes europeus, naquela época São Paulo era uma cidade pacata, com uma população que ainda não chegara à casa dos setecentos mil habitantes.

O comércio já dava sinais de evolução e as indústrias aumentavam em ritmo acelerado.

A miscigenação de raças dava à capital do Estado uma característica peculiar: recebia e assimilava com rapidez as benéficas influências das inovações ocorridas na Europa. O processo de desenvolvimento era gradativo, mas expressivo e São Paulo já se tornara o mais importante centro econômico do Brasil.

A população paulistana usufruía da privilegiada posição da mais alta renda per capita da América do Sul. A vida começa a agitar-se com o progresso. Os estudantes marcam ruidosa presença, com extravagantes manifestações de rua.

O transporte urbano é feito em bondes e charretes,

embora na Avenida Paulista os poderosos produtores de café exibam carros de luxo em seus palacetes aristocráticos. Três décadas de República dão-lhe garantia da prerrogativa de conduzir o País.

Poderia dizer-se que a capital paulista era a cidade ideal para se viver. Até que chegou o dia fatídico.

Madrugada de 5 de julho de 1924.

Deixemos que a imprensa da época descreva os acontecimentos:

"Às 5 horas da manhã, forças da rebelião, comandadas pelo general reformado Isidoro Dias Lopes, começam a agir. Há tiroteios na Luz, entre os praças de Santana e a guarnição do quartel. Logo cedo, vários mortos, entre eles quatro sargentos. Feridos sem conta. Logo depois, a Estação do Norte foi ocupada pelos rebeldes que cortaram as comunicações telegráficas com o Rio de Janeiro. O edifício do Telégrafo Nacional, na Rua José Bonifácio, foi igualmente ocupado pelas forças de Santana. O pior é que as munições do governo estão em poder dos revoltosos. Como se sabe, todas as munições e armamentos da Força Pública acham-se depositados no quartel do 2° Batalhão".

A Gazeta, 6 de julho de 1924:

"O Palácio dos Campos Elíseos foi atacado. Há boatos de que o presidente Carlos de Campos está ferido. Às 10 horas, o Centro Telefônico foi tomado pelos rebeldes. Foram inteiramente cortadas as comunicações com o Rio de Janeiro e com o Interior do Estado".

Jornal do Comércio, 6 de julho de 1924:

"O general Abílio de Noronha, comandante da 2ª Região Militar, e o coronel Quirino Ferreira, comandante da Força Pública, foram presos. O comando revolucionário pede à população que não saia às ruas".

O Estado de São Paulo, 6 de julho de 1924:

"Nos dias seguintes, prosseguiram os tiroteios, com muitas mortes, milhares de feridos, ensanguentando as ruas

da cidade. O governo não tem condição de combater os revoltosos. Os civis se mobilizam".

"Tem-se notícia da organização de forças leais ao presidente Carlos de Campos em algum lugar do Interior. O cardeal Dom Duarte determina que as igrejas abriguem e auxiliem os desamparados. Ninguém pode entrar ou sair da cidade. Foi decretado, pelo presidente da República, Dr. Artur Bernardes, feriado por uma semana".

No Correio Paulistano, 8 de julho de 1924:

Na edição do dia 9 de julho de 1924, O Estado de São Paulo descreve assim a tragédia:

"A Cruz Vermelha está socorrendo milhares de civis e militares feridos. Os revoltosos estão com poderio militar sobre o Brás, Belenzinho, Pari e Moóca. Instalaram metralhadoras nas torres da Estação da Luz e da Igreja do Coração de Jesus. Um menino do Liceu recebeu um estilhaço no ventre, foi socorrido às pressas, mas não resistiu. Consta que os rebeldes pediram armistício para negociar, mas o governo se recusou a ouvi-los. Há deserções entre os amotinados".

Nesse mesmo dia, 9 de julho de 1924, a Tribuna Popular, de Itapetininga, que era dirigida por Antonio Galvão e tinha sua sede na Rua Campos Sales, 24, após descrever os trágicos dias vividos pela capital do Estado, graças a um exemplar de A Gazeta conseguido de um viajante, dá a seguinte notícia:

"Em trem especial, seguiram às 20 horas de ontem com destino a Sorocaba e dali para São Paulo, forças civis de Itapetininga, voltando quinhentas pessoas, entre civis e militares, sob o comando de Bernardes Júnior e Nunes de Oliveira; de Angatuba, sob o comando de Antonio Vieira Sobrinho, e de Piraju, sob o comando de Ataliba Leonel".

Ainda no dia 9 de julho, o Jornal do Comércio informa que Isidoro concedeu entrevista a um repórter da Folha da Noite dizendo que "o movimento revolucionário tem por finalidade acautelar os interesses gerais espezinhados pelos que se acham à frente do governo da República". E informa:

“A meta é a capital da República”.

O Estado de São Paulo, do dia 13, dá uma visão dantesca:

“Subimos ao último andar no prédio em que está instalada a redação e de lá conseguimos avistas as formidáveis labaredas. Era no Brás, ao que parece, logo atrás dos grandes moinhos Matarazzo, que o fogo irrompia. Do mesmo local, podíamos ver um incêndio na Moóca”.

A situação era de desespero geral. Com dez dias de desgraça, começa a retirada. A população paulistana foge da guerra. Parte para os sítios próximos da cidade, para o Interior do Estado, para casa de parentes em outros Estados. Ou, até mesmo, sem destino certo. Quase duas mil pessoas deixam a capital.

As ruas ficam mais desertas. Agora, muitas residências estão abandonadas. Em seu interior, gatos e cachorros famintos, presos por seus donos, miam e uivam de fome. Os alimentos escasseiam.

Começam os saques. É a desgraça total.

A verdade é que não há condição de restabelecer a ordem.

Por um golpe de mestre do capitão Estillac Leal, responsável pelo arsenal do Exército, quase todas as armas estavam com os rebeldes.

A capital do Estado, a bela cidade do Planalto de Piratininga, delira. A Paulicéia está desfigurada.

As ruas XV de Novembro, São Bento, Direita, todas estão desertas. As lojas chiques, os cafés, os salões de chá, as grandes livrarias, os bancos, os escritórios estão fechados. Sumiram as elegantes senhoras e os pomposos homens de negócios. Nem mesmo as extravagantes damas da noite, não mais desfilam pelas ruas estreitas e tortuosas.

Nem bondes, nem tílburis, nem carros de praça. Tudo está deserto. A mesma solidão nos trajetos que levam à Consolação ou à luxuosa Avenida Paulista, dos barões do café. Tudo é uma só solidão.

A capital chora.

A Paulicéia pede socorro!

Até parece que foi, ao vê-la, que Castro Alves escreveu

“eis-me em São Paulo... cidade das névoas e das mantilhas... que em amplas copas escondem as formas das moças... Cidade em que as casas parecem feitas antes do mundo, tanto são pretas; ruas que parecem feitas depois do mundo, tanto são desertas”.

Casarão do Cel. Fernando Prestes, Quartel General dos patriotas da Coluna Sul (1924)

A Coluna Sul

Parecia que tudo estava perdido.

Mas, não estava.

Não muito distante, a menos de 170 quilômetros, armava-se a resistência legalista, formando a poderosa ***Coluna Sul***, que seria responsável pela libertação da capital. Em Itapetininga, estão armadas as forças patrióticas. Itapetininga será a pedra de tropeço de Isidoro, que fugiria, inesperadamente.

O general Abílio de Noronha, comandante da 2ª Região Militar, estava em poder dos rebeldes e ouvia tudo o que eles falavam. Seu testemunho é verdadeiro:

"A retirada inesperada dos revolucionários da cidade de São Paulo deveu-se, exclusivamente, ao rápido e vitorioso avanço dos patriotas da ***Coluna Sul***".

Em seu livro, O Resto da Verdade, faz justiça ao afirmar:

"Quero dar a César o que é de César. Para mim, quem de fato obrigou os revoltosos a uma retirada, em ordem, mas inesperada, foi a aproximação da denominada ***Coluna Sul***".

Patriotas Paulistas na Coluna Sul é livro de 218 páginas, escrito e publicado em 1925 por João Ayres de Camargo, que se revela brilhante jornalista, a par de uma fibra ímpar como guerreiro de primeira hora, participando de todos os desdobramentos da organização da resistência legalista em Itapetininga, vindo para cá em companhia de Júlio Prestes.

No posto de capitão de patriotas e integrante do Estado Maior da Brigada de Patriotas, Ayres de Camargo acompanhou a ***Coluna Sul*** em todas as suas movimentações, estando com ela no front em Pantojo, seguindo com ela na perseguição aos revoltosos.

É em seu livro que nos baseamos para descrever os dias heroicos de julho de 1924, em que Itapetininga se consagrou como guardiã intimorata da lei e da ordem.

Seguimos seu roteiro, procurando dar novo enfoque, com novos depoimentos.

Constava que aqui havia parentes do escritor.

Mantivemos contato com vários familiares de João Ayres de Camargo.

Um de seus "filhos" nos auxiliou até a reconstituir o ambiente da época da revolta. Mas, muitos episódios eram conflitantes e, finalmente, a constatação: não era o João Ayres de Camargo, que viera de Angatuba para residir em Itapetininga, o cronista da resistência.

Segundo informações do Dr. José Ayres Rolim, o João Ayres de Camargo, autor de **Patriotas Paulistas na Coluna Sul (1925)**, é de família de Itararé.

Itapetininga em Armas

"Dia 8 à tarde, partimos para Itapetininga, único núcleo de resistência no Estado de São Paulo, pois circulavam boatos de que Carlos de Campos fora preso. Em Sorocaba, soubemos que homens das forças de Itapetininga estiveram em Sorocaba tentando falar com São Paulo. À noite, chegamos e fomos direto para o sobrado do Coronel Fernando Prestes, transformado em quartel-general dos patriotas. Esse paulista intemerato levantava os brios de São Paulo dando o toque de reunir e marchar para a capital a fim de combater os sediciosos. Alistamo-nos, Júlio e eu, acompanhando a ***Coluna Sul*** até o último momento de sua ação e até o extremo do território paulista".

Com veia jornalística desde a juventude, Ayres de Camargo enviara para o ***Jornal do Comércio***, de São Paulo, alguns artigos sobre a sedição. Só então resolveu publicar outras notas e guardá-las para um volume, com a finalidade de esclarecer uma ação que, fatalmente, será do domínio da história pátria.

Esta narrativa se completa com os artigos publicados por Menotti Del Picchia no ***Correio Paulistano***.

Patriotas Paulistas na Coluna Sul é um documento precioso, uma síntese das impressões do autor e de todos os que tiveram contato com os patriotas.

O livro não registra a resistência na capital.

Focaliza, apenas, a ação em Itapetininga, desde a concentração inicial de tropas até a perseguição aos rebeldes nas barrancas do Rio Paraná.

Sua finalidade é, como diz o autor, contribuir para a justiça histórica sobre a participação dos paulistas na revolta

de 1924.

A Epopéia de Itapetininga

O jornal ***Correio Paulistano***, fundado em 26 de junho de 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques e editado por Pedro Taques de Almeida Alvim, foi um dos melhores jornais brasileiros até seu inexplicável desaparecimento, na década de 1960.

Destacou-se pela imparcialidade e, sobretudo, pelos grandes temas do povo brasileiro, participando decisivamente das lutas pela libertação dos escravos e pela proclamação da República. É este jornal que publica, em sua edição de 28 de agosto de 1924, na página três, artigo assinado pelo escritor Menotti Del Picchia, que dá um verdadeiro testemunho da grandeza da gente itapetiningana, sua bravura e sua organização. Esta matéria é encimada por enorme manchete:

A LEGALIDADE RESTABELECIDA

Como subtítulo, o jornal destaca:

CHEGADA DO DR. Washington Luís – MISSÃO DE PROPAGANDA EM PROL DA LEGALIDADE – A VITÓRIA-REGRESSO A SÃO PAULO.

Transcrevemos, na íntegra, o depoimento de Menotti, apenas atualizando a ortografia:

No Reduto de Itapetininga

As notícias que seguem estão aqui sem preocupação de estilo, apenas com a preocupação de serem verdadeiras. É uma documentação flagrante e necessária. É que o povo paulista precisava ser informado, por uma testemunha ocular, do sacrifício, do Heroísmo, do patriotismo de alguns ilustres filhos de São Paulo, particularmente daquele a quem esse mesmo povo honrou com a alta investidura de vice-presidente do Estado Coronel Fernando Prestes.

Itapetininga ficará na história destes sangrentos dias como trincheira de bravura paulista, intransponível e

fulgurante, oposta à prepotência dos rebeldes. Nela não penetraram a defecção, a covardia, a cavorteirice da política arteira e pequena. Sinto não poder declinar, um por um, os nomes de todos os que colaboraram nessa gloriosa obra, digna de encher de orgulho os paulistas. Não faltará quem colha esses nomes para que fiquem bem gravados na nossa gratidão e no nosso carinho.

Nestas notas destaco, apenas, aqueles episódios que me pareceram capitais, durante os dias que permaneci no reduto de Itapetininga. Nessa manhã, nossa praça de guerra aguardava festivamente a chegada do Dr. Washington Luís, que na zona de Ribeirão Preto, onde o levante o surpreendera, fora incansável em organizar a defesa legalista, conclamando, animando e reunindo todos os elementos possíveis. Vinha em trem especial, acompanhado pelo professor Renato Jardim.

Uma guarda de honra formada na estação lhe prestava continências à porta do "palácio". Entre vivas e aclamações foi recebido em Itapetininga o ilustre ex-presidente de São Paulo. Grato foi o abraço que dei ao professor Renato, recordando as horas amargas de ânsia e de espera, que havíamos passado juntos em São Paulo, defendendo uma das seteiras do Palácio dos Campos Elíseos.

O Dr. Washington Luís mal chegou, entregou-se ao trabalho. Promoveu a vibrante proclamação que assinou, juntamente com o Cel. Prestes, os Drs. Ataliba e Júlio, proclamação que deixou exasperados os masorqueiros.

Começou a sugerir sábias medidas na organização das forças, colaborando assim, com grande eficiência, na formação da Coluna Sul.

Nesse dia o quartel-general de Itapetininga destacava o Flamínio Ferreira para uma delicada missão em várias cidades do 5° distrito. Propus-me acompanhá-lo. Como meu chefe e fraterno amigo, não quis deixá-lo partir sozinho. O comandante Ataliba opôs-se à minha ida:

— Precisamos de você aqui. Tenha paciência. E os nossos manifestos?

— O professor Jardim está aí e me substituirá com vantagem...

Afinal, o meu querido amigo cedeu.

E partimos.

Dura e longa, cheia de apreensões e sofrimentos foi nossa viagem. Durante ela, verificamos a patriótica e

brilhante obra dos Drs. Lorena de Vergueiro, Hilário Freire, Acioly, Negraes e outros heróicos legalistas. Quando, após uma penosa viagem de automóvel, finda nossa missão, regressamos a Itapetininga para incorporarmo-nos às forças que marchavam contra São Paulo, recebemos, à tarde, a faustosa notícia da fuga dos insubordinados.

O Cel. Fernando Prestes, o Dr. Washington Luís, estavam radiantes. Tive, ainda, a felicidade de redigir o telegrama circular com que esses dois ilustres paulistas comunicavam a toda sua zona a vitória das armas legais.

À noite, o "palácio" regurgitava de gente.

O Cel. Prestes e o Dr. Washington Luís eram alvo de constantes e efusivas manifestações. Os Drs. Ataliba Leonel e Júlio Prestes estavam na linha de frente, com as tropas que avançavam contra São Paulo e derrotavam os rebeldes em Pantojo.

Garrulo, lindo, vibrante de entusiasmo, um grupo vultoso de senhoritas rompeu pela sala adentro numa alegria comovente, abraçando o Cel. Fernando Prestes e o Dr. Washington Luís, felicitando-os pela vitória da legalidade. Havia passado os dias fúnebres, entrepassados silêncios pesados de temores e da ruidosa atividade marcial.

São Paulo, reintegrado na ordem, respirava dentro da paz e da tranquilidade que o restabelecimento da lei a todos assegura, aquela atmosfera de alegria em que todos vivíamos, trabalhando pela grandeza e pelo prestígio do Brasil. Ansiávamos para regressar a São Paulo.

No dia seguinte, já restabelecido o tráfego da Sorocabana, o Dr. Arlindo Luz pôs a disposição do Dr. Washington Luís um trem especial. Era o primeiro comboio que, após a mazorca, descia pela Sorocabana até a gloriosa capital paulista. Partimos de Itapetininga ao meio-dia.

Pelo caminho, o Dr. Washington foi aclamado em todas as estações por onde passávamos. Uma alegria invulgar animava o povo das várias cidades pela vitória das armas legais. À comitiva do ilustre ex-presidente do Estado, incorporaram-se em São Paulo o senador Ataliba Leonel, o Dr. Júlio Prestes e mais o Estado-Maior do general Ataliba. Chegamos às 22 horas.

Nossa comovida alegria, ao rever São Paulo liberto, foi somente comparável à dor que nos possuiu na noite em que a deixamos entregue aos sicários de Isidoro.

E fomos diretamente aos Campos Elíseos, para abraçar o grande presidente, o martirizado herói vitorioso, Dr. Carlos de Campos, reposto gloriosamente em seu palácio para a felicidade dos paulistas.

Menotti Del Picchia

Menotti Del Picchia

Paulo Menotti Del Picchia nasceu na capital do Estado de São Paulo no dia 20 de março de 1892, transferindo-se, posteriormente, para Itapira.

Destacou-se como jornalista, teatrólogo, romancista e poeta. Membro da Academia Brasileira de Letras, ele foi também deputado estadual e federal. Teve destacada participação no Movimento Modernista de 1922, em São Paulo. Seu depoimento como jornalista valoriza, sobremaneira, a movimentação de Itapetininga na resistência legalista em 1924.

Além do artigo selecionado para este opúsculo, o sétimo da série ***No Reduto de Itapetininga***, Menotti escreveu os demais reportando para o ***Correio Paulistano*** todos os lances e desdobramentos da ***Coluna Sul***. Aos 96 anos, quando com ele palestramos, Menotti lamenta apenas não ter o "fogo verbal" dos 18 anos e se orgulha de ser poeta.

Itapetininga: A Invicta

Pela importância que representa para a história da cidade, reproduzimos o artigo publicado no ***Jornal de Itapetininga***, bi-semanário consagrado aos interesses da Comarca, como fazia questão de frisar em seu logotipo, tinha como redator principal o seu proprietário, Clóvis Fava.

A Soberania da Legalidade
Itapetininga, a Invicta

Justo, muito justo é que se teçam elogios em honra de nossa cidade, pelo muito que fez em favor da causa da legalidade. Itapetininga ficará nas páginas de nossa história

com a refulgência que as cidades vitoriosas possuem.

Itapetininga soube cumprir o seu dever!

Foi aqui, nesta risonha e pacífica cidade, que se colocou o baluarte da resistência legal; foi aqui, nesta antiga Itapetininga, que em outros tempos abrigou centenas e centenas de soldados quando da revolução de Itararé, foi aqui neste mesmo recanto paulista, que se concentrou o ânimo viril dos bandeirantes do sul na formação da resistência contra os selvagens masorqueiros que, por mais de vinte dias, infestaram o coração de nosso Estado, a cidade mais importante do Brasil, a capital de São Paulo.

Os filhos de Itapetininga, residentes em outras cidades, acorreram ao chamado da mãe comum e vieram defendê-la. Vieram filhos de outras cidades; vieram moços e velhos; vieram todos para, sob este céu, se organizar, se militarizar para a defesa da Pátria.

E o que foi a organização da resistência nesta cidade, todos nós sabemos.

Corriam boatos de que Itapetininga seria atacada e não poucos foram os dias e as noites de sobressalto. Toda a cidade estava aparelhada, todos os patriotas alertas, todos os pontos de entradas bem defendidos e aqui se repetiria a defesa, épica de ***Verdun – ou ne passe pas!***

Mas, eles não vieram. Como em outras cidades do Estado, aqui se formou um pujante batalhão patriótico construído pelo melhor elemento da sociedade. Cada um concorreu com o que pôde para a vitória.

A cidade encheu-se de patriotas vindos de outros recantos do Estado. Depois, vieram os soldados do nosso glorioso Exército: veio a infantaria, veio a artilharia, veio a cavalaria; veio, também, a polícia do Paraná.

Pela estação da estrada de ferro, passaram trens e mais trens conduzindo forças. Itapetininga era uma praça de guerra. E a avalancha moveu-se, rumo dos rebeldes que, em poucos dias, abandonaram a nossa Capital, em fuga desordenada.

Itapetininga refulge, pois, entre as suas irmãs do Estado.

Os itapetininganos estão orgulhosos, mas, dentre todos, preciso é que se cite um como sendo o coração da resistência, o eixo onde se baseou esta reação cheia de patriotismo, o guia intemerato de todos os itapetininganos: o Cel. Fernando Prestes. Patriota excelso, de ânimo inquebrantável e energia

máscula, o Cel. Fernando Prestes, desde o começo deste inominável levante, não descansou um só momento.

Nos dias mais amargos, naqueles dias em que os boatos mais aterradores circulavam, ele, sempre, se manteve firme, confiante, cercado de amigos leais.

E é ele ainda de quem ouvimos, certo dia ao telefone, ante o convite dos revoltosos que lhe ofereciam a presidência do Estado, aquela resposta firme e enérgica, que lhe caracteriza a retidão e a inteireza.

Sem tergiversações e sem tibieza, em sua residência e dali para os diversos pontos da cidade onde sua presença se fazia mister, dirigiu, organizou, deliberou e planejou a vitória. Incansável, batalhador, digno companheiro de Carlos de Campos, o Cel. Fernando Prestes merece bem a admiração de todos os paulistas, de todos os brasileiros que amam sua terra.

Segunda Parte

Ataliba Leonel, Cel. Franco Ferreira, Dr. Júlio Prestes, oficiais e praças da Coluna Sul (1924)

A Resistência

A cidade iniciava-se na grande praça das Escolas e terminava na Rua General Carneiro. Tinha, na época, entre 18 e 20 mil habitantes. Duas ou três ruas com calçamento, as outras de chão batido. A iluminação não era das melhores. Mas, era a Terra das Escolas, cidade movimentada com intensa vida estudantil.

Os estudantes da escola Normal, a única do interior que formava professores, e da Escola de Farmácia, vindos de todas as regiões do Estado, davam colorido à cidade. Os visitantes impressionavam-se com a beleza e a elegância das mulheres. A cidade vibrava.

As aulas do primeiro semestre estavam no fim e, na semana seguinte, começariam as férias.

Fazia muito frio. Inverno rigoroso, há vários dias sem sol. Era o dia 5 de julho de 1924. Pela manhã, notícias transmitidas pelas rádios da capital espalham-se como o vento. A preocupação toma conta da cidade.

No sobrado número 12 (o número era esse, mas não havia placa) da rua General Carneiro, o telefone toca insistentemente. Era Júlio, querendo falar com o pai. Desde cedo tentara, em vão. Só consegue de tarde, após o bombardeio da capital pelo tenente Eduardo Gomes (o bombardeio iniciou-se às 5 horas).

Júlio fala nervoso, as notícias são terríveis.

Mas o pai não se abate.

Ali estava o homem forte, que se transformaria no grande comandante da resistência. Ali estava o coronel Fernando Prestes. Naquele instante, inicia-se a organização da resistência paulista.

O coronel liga, imediatamente, para Piraju e pede ao itapetiningano Ataliba Leonel que reúna forças e venha para cá. Fernando faz seguidos telefonemas para a cidade, para as vizinhas e até para outras, mais distantes. Em pouco tempo, o sobrado está repleto de amigos e correligionários.

Aos poucos, também a rua fica inteiramente tomada por uma multidão que se aglomera na frente do sobrado.

Mais de cinquenta veículos entram e saem levantando poeira, trazendo patriotas das cidades vizinhas.

No dia seguinte, chega o senador Ataliba Leonel, com tropas de Piraju. Ataliba, fogoso, temperamental, valente,

o guerreiro nato. Ao mesmo tempo, o líder humano, bom, compreensivo, compassivo. Paradoxal.

A mobilização prossegue, sem interrupção, nos dias seguintes. Há homens aos milhares, voluntários civis e alguns integrantes do pequeno destacamento policial da Força Pública. As armas são poucas.

No dia 10 de julho, à tarde, chega à cidade um comboio com duas locomotivas e vários vagões, com armas e munições enviadas por Munhoz da Rocha, presidente do Estado do Paraná. Novo ânimo, cresce o entusiasmo. Começa a formatura das tropas e mais trens, vindos do ramal de Itararé, despejam gente de todas as localidades da região. Era o frenesi.

Os boatos são aterradores. É tudo ou nada. A única coisa que se sabe é que Isidoro domina a capital e, certamente, marchará contra Itapetininga, a única cidade que teve a ousadia de bloquear seus passos.

No sobrado, a azáfama é ininterrupta.

Há vários dias sem dormir e praticamente sem se alimentar, o coronel Fernando Prestes provê alimentação para todos que chegam e para as tropas já acantonadas em pontos estratégicos da cidade.

Homem de fibra incomum, manteve a serenidade e a todos transmitiu confiança, neutralizando a ação dos boateiros. Estava seguro da vitória. A essa altura, já passava de três mil o número de voluntários. Já estava formado o Batalhão que levava o seu nome, com quatro Companhias.

Além do “Fernando Prestes”, o crescente quantitativo de voluntários possibilitou ainda a formação de dois outros batalhões, o “Ataliba Leonel” e o “Washington Luís”.

Estas três unidades receberam a denominação de 1º, 2º e 3º batalhões de caçadores patriotas. Caçadores por ser esta denominação, à época, sinônimo de tropa de infantaria. Já patriotas em reconhecimento ao patriotismo demonstrado por todos os voluntários que neles se alistaram pela causa da legalidade.

Um corpo de engenheiros patriotas e um esquadrão (companhia) de Cavalaria de patriotas foram também organizados e igualmente tiveram seus batismos de fogo em campo de batalha.

Essas cinco unidades compuseram a Brigada de Patriotas que a comando ficou de um oficial superior do

Exército Brasileiro, o coronel de infantaria Luiz Carlos de Franco Ferreira.

Marchando e lutando ombro a ombro com unidades de escol do Exército Brasileiro – os 7º e 13º Regimentos de Infantaria, o 5º Regimento de Cavalaria e o 1º Grupo de Artilharia de Montanha – e das Forças Públicas de Paraná e de Santa Catarina, a Brigada de Patriotas constituiu com elas as **Forças em Operações no Sul**, a comando do general do Exército Azevedo Costa.

Tais forças, apesar de assim denominadas em ordens e boletins militares, ficaram registradas na história e no imaginário de seus integrantes e das populações por eles libertas do jugo adversário pelo inesquecível e lendário epíteto de COLUNA SUL.

A seguir apresenta-se a organização militar da Brigada e de dois seus batalhões componentes, bem como unidades de engenharia e cavalaria de patriotas:

Efetivos de Patriotas Paulistas

na lendária Coluna Sul

Comandante
Coronel do Exército Luiz Carlos Franco Ferreira

Estado-Maior
Major Dr. Mário Cabral
Capitão Dr. Alceu Prestes
Capitão Dr. Oscar Cabral
Capitão José Prestes
Capitão João Ayres de Camargo

Batalhão Coronel Fernando Prestes

1º Batalhão de Caçadores Patriotas (1º BCP)

Comandante
Tenente coronel Dr. Eduardo Silveira da Mota (juiz de Direito)

Estado-Maior
Major Eliziário Martins de Mello (professor)
Capitão Ernesto de Almeida Camargo (lavrador)

Primeira Companhia
Capitão Francisco Bernardes Júnior (deputado estadual)
1º Tenente Cícero Cordeiro Marques (professor)
2º Tenente Romeu de Moraes
2º Tenente Mário Prestes César (acadêmico de Farmácia)

Segunda Companhia
Capitão Francisco Fabiano Alves (professor)
1° Tenente José Francisco Marcondes (inspetor escolar)
2° Tenente Jordão Thibes (fazendeiro)
2° Tenente Luís Prestes César (funcionário público)

Terceira Companhia
Capitão Calixto Gonçalves de Oliveira (advogado)
1º Tenente Alípio de Barros (professor)
2º Tenente Angelino Paranapanema
2º Tenente Procópio Ferreira Júnior (comerciante)

Quarta Companhia (metralhadoras)
Major Levino Fernandes Ribeiro

Corpo de Saúde
Capitão Dr. João Vieira de Camargo (médico)

Pelotão de Atiradores
Capitão Juventino Tomás Sobrinho (capitalista)
2° Tenentes Alcides Soares da Cunha (advogado); Jerônimo Azambuja (dentista); Otávio da Costa Carvalho (advogado); Ageu de Lima (escrivão); Belmiro de Oliveira (professor); Elias Lages Magalhães (professor); Péricles Galvão (advogado); Oscar de Freitas (professor); João Gonçalves de Almeida (comerciante); Fernando de Camargo Vieira (professor); Laurindo Minhoto Júnior (acadêmico de Direito); Eliseu Prestes César (tabelião); Gonçalves Ribeiro (comerciante) e Pedro Rodrigues de Almeida (lavrador).

Batalhão Ataliba Leonel

2º Batalhão de Caçadores Patriotas (2º BCP)

Comandante
Coronel Dr. Alfredo Marcondes Cabral (engenheiro)

Estado-Maior
Tenente-coronel Dr. Archias Pereira (engenheiro)
Major Antonio de Freitas Barros (fazendeiro)
Capitão Generoso Pereira da Costa (lavrador)
1° Tenente Dr. Sóstenes Gomes (advogado)
2° Tenente Jaime Leonel (acadêmico de Direito)

Primeira Companhia
Capitão Henrique Nicolini Rinaldi (comerciante)
1° Tenente Silvio de Campos (fazendeiro)
2° Tenente Saturnino de Ávelar (fazendeiro)

Segunda Companhia
Capitão José Cândido (funcionário público)
1° Tenente José Monteiro (fazendeiro)
2° Tenente José Luís dos Santos

Terceira Companhia
Capitão Miguel Brisola (fazendeiro)
1º Tenente João Mariano
2º Tenente Dr. Jaime Serpa (engenheiro)

Quarta Companhia (metralhadoras)
Capitão Onésio Costa (fazendeiro)
1° Tenente Francisco Pinheiro Silva
2° Tenente Benedito Gomes Coimbra

Corpo de Saúde
Capitão Dr. Oduvaldo de Oliveira (dentista)

Corpo de Intendência
Capitão Joaquim Barreiros (funcionário público)

Pelotão de Atiradores
2° Tenentes Vasques de Andrade, João Franco de Godói, Curi Gomes Amorim, Gamaliel Pereira da Cruz, Henrique Caetano de Almeida, João Batista Marques, Jaime Lessa, Clóvis Bueno, Antonio Ferreira Palma, Homero Batista Garcia e Durval Acioli (advogados); Leonidas Amaral Vieira, José

Franco de Godói, Anibal Sodré, Nenê Sobrinho, Miguel Pedro e Oscar de Faria (fazendeiros); Jaime Arruda (engenheiro), Hermenegildo Lopes Martins (capitalista), Adolfo Paker (professor), Otávio Braga (estudante), Antonio Vilas-Boas e Otávio Rocha (comerciantes), Henrique Gaspar Midon (inspetor escolar), Roque Correa da Silva (diretor do Ginásio Escolar de Pirajú), Hugo Bertoni (farmacêutico) e Francisco de Oliveira Lima (funcionário público).

Oficiais adidos ao 2º BCP
Major Antenor Vasconcelos (agrimensor)
Major Dr. João Carlos Ferraro (engenheiro)

Esquadrão de Cavalaria de Patriotas

Capitão Onésio Resende Costa
1° Tenente Diocesano Gonçalves
1° Tenente José Castilho Cabral
2° Tenente Saturnino Silveira
2° Tenente João Mariano Cândido Lima
Sargentos Carlos de Almeida, Severino Soares, Osvaldo Amorim, Nery Bahia, Elias Mendes de Almeida.
Cabos Manoel Pindorama, João Góes, Caetano Dias e Otacílio de Mello.
Soldados Augusto Coelho, José Fonseca, Francisco Gaspar, Pedro Diniz, Euclides Valim, Rodes de Souza, José Venâncio, Antonio Lisboa, José dos Santos, Benedito Elias, Jorge Felicíssimo, José Sabino, Domingos Soares, Ivo José e Domingos Cruz.

Corpo de Engenharia de Patriotas

Major Dr. Mário Cabral (engenheiro)
Capitão Dr. Joaquim Bohn (engenheiro)
Capitão Dr. Oscar Cabral (engenheiro)
1° Tenente Dr. Firmino Castilho (engenheiro)
1° Tenente Dr. José Teixeira de Carvalho (engenheiro)
1° Tenente Dr. Oscar Brisola (engenheiro)
2º Tenente Dr. Salvador Mariano (engenheiro)
2º Tenente Dr. João Rangel (engenheiro)
2º Tenente Dr. Diocesano Gonçalves (engenheiro)

Alguns esclarecimentos necessários

Os postos de oficiais (de 2º tenente a coronel) e as graduações de praças (soldados, cabos e sargentos) foram conferidos aos integrantes patriotas da Coluna Sul em caráter emergencial e em equiparação com os existentes no Exército Brasileiro, responsável que foi pelo enquadramento e instrução militar desses cidadãos desde quando se alistaram em Itapetininga, em junho de 1924, até serem licenciados em 16 de setembro daquele ano com a dissolução da Coluna Sul quatro dias antes, isto é, a 12 de setembro (Boletim Interno da Coluna de n°8 de 12/09/1924 em Porto Tibiriçá).

Em carta enviada ao então deputado Dr. Júlio Prestes, datada de 28 de dezembro de 1924, o coronel do Exército Luiz Carlos Franco Ferreira assim se expressou sobre a iniciativa e o desprendimento desses cidadãos-soldados, seus comandados durante a revolução:

"Felicito calorosamente o amigo pelo vibrante discurso proferido na Câmara Federal, em defesa dos Patriotas de Itapetininga, os quais tive a fortuna de ter sob meu comando naqueles dias amargurados, fortuna por que muito me felicito. Oxalá, em alguma ocasião perigosa para a Soberania do nosso querido Brasil, me caiba a dita feliz de comandar homens daquela tempera, que me dar aão a certeza absoluta de bem cumprir o dever sagrado do sacrifício de sangue. Na verdade encontrei, naquele pugilo de bravos, desde o período da organização, nas marchas e contra marchas, nos combates e em tudo, a mais franca, a mais sincera e a maior boa vontade em prestar seus serviços a causa legal, cada um, sem distinção de classes, ou de posição social, empregando seus melhores esforços para dar bom cumprimento ao compromisso assumido perante o governo".

Quanto a relação nominal das praças (soldados, cabos e sargentos) do 1º BCP e 2º BCP, bem como das praças e oficiais do 3º BCP, Batalhão "Washington Luis", estes não foram publicados em **Patriotas Paulistas na Coluna Sul** (vide: **https://bit.ly/3vJY30s**), obra escrita em 1925 pelo capitão João Ayres de Camargo e pela qual a relação dos efetivos dos Patriotas na Coluna Sul constante em **Heroísmo Desconhecido** foi fundamentada.

O Grande Presidente

"Governar é abrir estradas!".

Esta frase, que serviu de meta a vários governos e que, com frequência, é destacada nas publicações dos setores de transportes, representa a visão de Washington Luís numa época em que a carência de rodovias estrangulava a economia brasileira em seus primeiros sintomas de expansão. Inicia-se, então, a rodovia ligando os dois principais centros do país: São Paulo e Rio de Janeiro. Posteriormente, receberia o nome do Presidente Dutra.

Carioca de Macaé, onde nasceu em 1870, Washington Luís estudou em São Paulo e aqui exerceu importantes cargos. Formado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, foi secretário da Justiça, prefeito da capital e presidente do Estado, além de senador e presidente da República. Nesta, enfrentou com grande descortino a crise econômica que abalou o mundo, em 1929. Em 1930, no final de seu mandato presidencial, foi deposto por Getúlio Vargas. Exilado na Europa, retornou ao Brasil após a queda de Getúlio, em 1945. Faleceu em 1957.

A Chegada de Washington Luís

No dia 14 de julho, procedente de Ribeirão Preto, chega a Itapetininga o Dr. Washington Luís. Seus amigos, os Drs. Lorena de Vergueiro e Negraes, já se encontravam na cidade. De imediato, o futuro presidente passa a fazer parte do comando geral da resistência, juntamente com o coronel Fernando Prestes, seu filho, Júlio Prestes e Ataliba Leonel. Organiza-se o batalhão que se responsabilizará pela proteção da cidade, ameaçada pelas forças revolucionárias do 4º Regimento de Artilharia de Itu e pelos revoltosos aquartelados em Sorocaba, sob o comando de Juarez Távora e Estillac Leal.

Novamente cresce o entusiasmo. Com a chegada de Washington Luís, completa-se a Brigada de Patriotas.

O comando geral da Brigada será do coronel do Exército Luís Carlos Franco Ferreira, que também acaba de chegar. O novo comandante trouxe consigo enormes caixas contendo

uniformes e equipamentos para mais de dois mil homens.

As notícias trazem grande preocupação.

Circulam rumores da aproximação do inimigo e de que o cerco a Itapetininga é inevitável. Aliás, esta cidade é considerada o único reduto da Resistência. Sua ocupação é questão de honra para o próprio comando revolucionário.

Enquanto isso, o coronel Pedro Dias Batista, encarregado da arrecadação de fundos para o movimento, consegue recursos suficientes para a manutenção das tropas, demonstrando grande eficiência como ecônomo da Resistência.

O Estado-Maior da Coluna Sul é composto por Alceu e José Prestes, Oscar e Mário Cabral, este último o chefe do Corpo de Engenharia, composto por nove engenheiros. João Ayres de Camargo também faz parte do Estado-Maior.

De Itapetininga para o Front

Da casa do coronel Fernando Prestes, via Paranapanema, o presidente Artur Bernardes e o ministro da Guerra marechal Setembrino de Carvalho são informados da mobilização. Há trincheiras a vinte e trinta quilômetros da cidade. Vem mais reforço: trezentos soldados da Força Pública de São Paulo unem-se aos voluntários.

Na manhã de 21 de julho, após longa conferência, decide-se pela ocupação de todas as estações da Estrada de Ferro Sorocabana. O diretor da Estrada de Ferro, engenheiro Carlos Luz, que se encontra com o presidente Carlos de Campos em algum lugar próximo da Capital, ordena o recolhimento de todo o material ferroviário para Itapetininga, isolando a região do acesso dos revoltosos e assegurando o contato com o Paraná, onde a revolução tem poucos simpatizantes.

Na conferência de cúpula, o Alto Comando decide, além de uma ação rápida ao longo da ferrovia, pelo ataque a Sorocaba, que não oferece resistência aos revoltosos. Todas as comunicações entre Itapetininga e Sorocaba estão interrompidas. No dia seguinte, 22 de julho, quatrocentos homens do Batalhão de Ataliba Leonel desfilam imponentes, fortemente armados, pelas ruas centrais da cidade, sob aplausos da população. Paira no ar um misto de alegria e temor. A primeira, pela demonstração de força que reanima

o espírito da população; o segundo, pela incerteza do futuro daqueles homens. Seguem para a Estação, onde os aguarda um comboio especial. O embarque é rápido. O senador Ataliba Leonel acompanha o seu Batalhão e embarca também. A poderosa Mallet resfolega, solta um silvo estridente seguido de outro, mais grave, lança fagulhas que se espalham com o vento. Patina nos trilhos e arranca, devagarinho. Estão partindo os heróis!

O comandante Franco Ferreira e seu Estado-Maior com os capitães Alceu e José Prestes, Mário e Oscar Cabral, também seguem.

É a partida para o front.

A Retomada de Sorocaba

No dia 23, desembarcam em Itapetininga o General Azevedo Costa e seu luzido Estado-Maior, que servira ao presidente Epitácio Pessoa.

No gabinete do quartel-general, trabalham sem cessar, Menotti Del Picchia, que para cá viera em companhia do deputado Flaminio Ferreira, Renato Jardim e Joaquim Barreiros. Só deixariam o gabinete para missões especiais, como a de pregar a defesa da legalidade nas cidades vizinhas e até na Alta Sorocabana.

De madrugada, Júlio Prestes, no Buick de Ayres de Camargo, parte para Sorocaba, levando o Dr. Mário Bastos Cruz, nomeado delegado regional pelo secretário de Justiça. É o primeiro veículo que parte de Itapetininga pela rodovia, desde o início da revolta. Parece que tudo contribui para o êxito da operação. Até mesmo o tempo, com uma precisão britânica. Na mesma hora em que Júlio e Mário chegam a Sorocaba, chegam, também, os soldados do Batalhão Ataliba Leonel, vindos de trem.

Incrível! Itapetininga vai resgatar Sorocaba das mãos dos revolucionários.

Imediatamente, entram em ação.

Em pouco tempo, ocupam a cidade. A tropa, dividida estrategicamente, em grupos, toma de assalto todos os pontos importantes de Sorocaba. Não há choques, O comandante militar e quarenta policiais que se encontram no Quartel da Força Pública são algemados e remetidos, de trem, para Itapetininga.

Enquanto isso, os revolucionários que não foram presos, retiram-se às pressas, na direção de Pirapitingui. Todas as estradas da cidade passam a ser controladas pelos patriotas.

Um Susto no Alto Comando

O telefonema é terrível.

O capitão Bernardes Júnior, o corajoso comandante da 1ª companhia do Batalhão Fernando Prestes, ligara de Tatuí informando que vira passar por lá o trem de Ataliba Leonel. A soldadesca nas janelas fazia a maior algazarra. E Ataliba, estirado num banco, provavelmente morto.

O Coronel Fernando Prestes convoca uma reunião de emergência.

Seu filho, Júlio, o deputado Flamínio Ferreira e Menotti Del Picchia ouvem o relato do velho coronel que, pela primeira vez naqueles dias, demonstra certo nervosismo. Tanto pela amizade que dedica a Ataliba quanto pela ameaça que envolve a notícia. Os soldados da Força Pública que Ataliba deixara como vanguarda em Pantojo, estão na iminência de aderir a Isidoro e partir contra Itapetininga.

Se isso acontecer, será a desgraça total.

— Partirei já para Pantojo e tentarei sufocar a conspiração. Farei isso nem que me custe a vida! — dissera Ataliba.

E foi! Partiu de trem, apenas com Nenê Sobrinho.

Provavelmente, o herói fracassara, pensam os quatro amigos, em angustiante expectativa.

É tudo ou nada. O coronel propõe que os quatro, fortemente armados, partam ao encontro do inimigo. Pelo menos, darão uma prova de que os paulistas estão prontos a morrer pela legalidade.

Quase meia-noite, eles cortam a escuridão rumo ao desconhecido, talvez à própria morte. Quatro contra um batalhão. Uma Termópilas cabocla, como diria um deles. Quais fantasmas errantes, o vulto dos quatro reflete-se na encosta do morro, numa curva estratégica, em que se instalam para tocaiar o inimigo. Menotti recordará poeticamente:

"Eu me lembro que, sob o luar claro que espiritualizava essas frígidas noites de julho, o coronel em pé no topo do barranco em que nos postávamos para dominar a estrada,

projetava nela sua sombra".

— São eles! — exclama o velho coronel, cuspindo o cigarro de palha e deitando-se de bruços, em posição de ataque.

— Quem são vocês? — grita, nervosamente, a sentinela que eles haviam deixado na estrada.

— Soldados do Ataliba Leonel — responde um deles.

Incrível. Era bom demais para ser verdade. Mas, era.

Ataliba caminha na direção do seu sentinela. Saem os quatro amigos ao encontro do herói. Ninguém consegue entender o que está acontecendo. A alegria do reencontro, porém, dispensa qualquer entendimento.

Depois, já em casa, Ataliba narra sua aventura: chegara a Pantojo de surpresa e confirmara a existência da trama. Então, com a habilidade que se tornou uma de suas características, procurou discretamente, um a um dos suspeitos, a começar pelo tenente, garantindo que o governo havia ganho a parada. Com cada um levantara um brinde à vitória, comemorando alegremente. Convencidos da inutilidade de sua presença em Pantojo, os soldados aceitam o convite de Ataliba para regressar a Itapetininga. E aproveitam o trem que ainda estava com fogo na caldeira. "Vinham todos meio bêbados e radiantes. Ao passar por Tatuí, debruçaram-se nas janelas, dando vivas à vitória. Ataliba, exausto, dormiu.

Foi esse o espetáculo que assustara Frank Bernardes, levando-o ao telefonema alarmante", comenta Menocchi Del Picchia, e conclui, "muito pela emoção, um pouco pela bebida e o mais pela alegria do feliz desfecho de uma tragédia que não aconteceu, nessa noite caímos na cama e dormimos profundamente na paz do Senhor".

Se Duvida, Venha Ver!

Durante a posse de Mário Cruz na delegacia regional de Polícia de Sorocaba, o telefone toca insistentemente. É o capitão Estillac Leal, comandante das tropas rebeldes de Jundiaí. Júlio Prestes atende:

— Como vão as coisas aí? Receberam reforços? Como vai a organização das forças de Itapetininga? Preciso, com

urgência de informações sobre essa gente. Se são tropas regulares, quais os seus recursos...

Júlio aproveita-se da situação, deixando-o falar à vontade, mas Estillac, percebendo que não fala com a pessoa de costume, pergunta, nervosamente:

— Quem fala? Diga, quem fala?

Dando uma gostosa gargalhada, Júlio Prestes responde:

— Aqui é o Júlio Prestes e, se duvida, venha ver!

Fato semelhante aconteceu com Ataliba Leonel, quando hospedou-se no quartel da Força Pública. De Itu, pediam informações sobre a resistência em Itapetininga. Ataliba aproveita por longo tempo o interlocutor que, desconfiado, desliga bruscamente.

A Batalha de Pantojo

Há vários combates de patrulhas nas estradas de Sorocaba.

Oito caminhões que trazem armas de Itu para os operários das fábricas sorocabanas têm de fazer meia-volta às pressas. Sorocaba está parada. Ninguém trabalha. Tudo fechado. Nem os bares ficam abertos. É difícil conseguir-se, até, um cafezinho. A pouco mais de quarenta quilômetros, na direção da capital, está Mairinque, importante centro ferroviário, inteiramente nas mãos dos revoltosos. É a cidadela fortificada dos revolucionários.

Chegam a Sorocaba reforços vindos do Paraná e de Santa Catarina, com ordem de avançar para a capital. Diante da ocupação de Mairinque, o 7° Regimento de Infantaria, de Santa Maria, RS, vai para Boituva, a fim de dar cobertura às tropas de Itapetininga. Enquanto isso, aqui na cidade, o coronel Fernando Prestes e Washington Luís organizam o Banco de Sangue na Escola Normal, auxiliados pelo Dr. Soares Hungria.

Enquanto isso, o Dr. Júlio Prestes e coronel Franco Ferreira vêm para Itapetininga conferenciar com o general Azevedo Costa e resolvem marchar sobre Mairinque.

Ao retornar a Sorocaba, têm uma viagem longa, de oito horas, e acidentada, pois haviam sabotado o carro em que viajavam, o Buick de Ayres de Camargo, colocando estopa no tanque de gasolina. O coronel Franco, irrita-se

com a demora, uma vez que sua tropa está sem comando em Sorocaba, às vésperas do combate. A população de lá recusa-se a colaborar com os legalistas, apesar dos esforços do deputado Campos Vergueiro.

Na madrugada do dia 25, os acertos finais. O Batalhão Ataliba Leonel embarca, em jejum, para chegar até Brigadeiro Tobias; não há condição de prosseguir: trilhos arrancados, trechos inteiros dinamitados. Simultaneamente, do centro da cidade, parte o restante da tropa, pela rodovia. A partir de Brigadeiro Tobias, o percurso será feito a pé, tanto pela rodovia como pela estrada de ferro. É preciso muita cautela. Poderá haver emboscada. Túneis e pontes estão obstruídos. A munição é descarregada e cada um leva a sua às costas (cem cartuchos para cada um).

A comunicação é perfeita entre as tropas e já estão perto do morro de Pantojo, lugar estratégico em que as estradas se encontram e correm paralelas, formando um funil, passagem obrigatória de todos. Assim, João Ayres de Camargo descreve:

"Em Pantojo, as estradas de ferro e de rodagem se encontram. Ambas mergulham entre as montanhas, como por um túnel, na angastura de um desfiladeiro. A tropa precipitou-se pela perigosa garganta".

Quem chegar primeiro, vencerá!

Antes, a soldadesca descansa e invade um providencial laranjal à beira da estrada: afinal, faz quase dois dias que ninguém se alimenta.

Depois, refeitas as pontes, pelo Corpo de Engenharia dos patriotas, chegam os caminhões com os alimentos. Chegam, também, informações de que o inimigo está próximo dali, entrincheirado com patrulhas pelas estradas e pela mata.

O Grande Combate

Finalmente, aproximam-se os antagonistas.

Começa um tiroteio maluco e ensurdecedor. É o batismo de fogo. O inimigo está em lugar estratégico, mas a Coluna Sul não cede. São momentos difíceis, porém, o brio dos patriotas é maior. O combate generaliza-se. É a guerra total.

No primeiro dia são cinco baixas, além de seis feridos e

alguns desaparecidos.

A cerração gelada da madrugada cobre toda a região e o tiroteio diminui. Mas, durante todo o tempo, ouvem-se os estampidos, em todas as direções. Um sargento revoltoso é preso pelos legalistas e conta que Mairinque está fortemente armada com tropas de Itu e da Capital. No entanto, o coronel Franco Ferreira anima suas tropas, garantindo:

— Sustentai o fogo que a vitória é nossa!

Ao lado de Flamínio Ferreira, Júlio Prestes toma posição de ataque:

— Aqui não há retirada possível para nós. É atirar até esgotar a munição.

Boa notícia no front: acaba de chegar a Sorocaba e, imediatamente, partirá para Pantojo, o Batalhão Fernando Prestes, vindo de Itapetininga com um efetivo de quatrocentos homens, comandados pelo tenente-coronel Eduardo Silveira da Mota. Compõe-se de três companhias, sob o comando de Francisco Bernardes Júnior, Francisco Fabiano Alves e Calixto Gonçalves de Almeida, respectivamente.

Má notícia no front: um Regimento da Força Pública de São Paulo, amotinado, espalha o pânico em Votorantim. São verdadeiros vândalos.

A dez quilômetros de Sorocaba, é possível ouvir o troar surdo e longo dos canhões, descreve Ayres de Camargo.

Outra notícia: as forças legalistas tomam Porto Feliz e marcham para Itu, após cerrados tiroteios.

Pronto! O Batalhão Fernando Prestes já está no front. Os bravos de Itapetininga têm, também, seu batismo de fogo. Vão direto para a vanguarda, render nas trincheiras da primeira linha, os valentes homens do Batalhão Ataliba Leonel, que lutam há um dia e meio, sem cessar.

O Batalhão Washington Luís também vem e, na chegada, surpreende um pelotão inimigo que se prepara para uma carga de baioneta. No ato, doze rebeldes são mortos e muitos outros feridos ou aprisionados.

Cai a segunda noite e o fogo diminui.

Caminhões trazem abundante alimentação. Já há euforia nas tropas da Coluna Sul. Os rebeldes cedem um pouco e, num rápido balanço, nota-se que se retraem, perdendo alguns pontos importantes.

O capitão Fabiano revela-se um guerreiro corajoso. A companhia de patriotas que comanda está em plena linha

de fogo, exatamente no funil que os soldados passam a chamar de “garganta do diabo”. Alguns estão temerosos pelo súbito cessar-fogo do inimigo. Pensam em surpresas desagradáveis, como uma possível investida do inimigo protegidos pela escuridão. Fabiano procura tranquilizá-los, demonstrando absoluta calma. Chega a se expor na linha de frente, ocasião em que o coronel Franco Ferreira o adverte para que tenha mais cuidado.

Na segunda companhia, o sargento Ernesto Taciolo demonstra coragem invulgar ao se oferecer para escaladas perigosas. Outro bravo que nada teme é o tenente Jordão Thibes, muitas vezes contido pelo comandante, quando pretendia avançar sozinho em direção ao território inimigo. Jordão é valente e irrequieto. Quer resolver logo o combate. Segundo Fabiano, outros dois soldados valentes, ótimos combatentes, são os jovens Laurindo Minhoto Filho, filho do deputado Laurindo Minhoto, e Fábio Fabiano Alves, estudante, que se alista no batalhão com apenas 17 anos.

Um camponês, preso à noite por uma patrulha legalista, narra a situação horrível de Mairinque. Mais de mil homens formam uma soldadesca selvagem, da qual fazem parte muitos fugitivos das cadeias de São Paulo.

Por ordem de Isidoro, na oficina da Sorocabana, estão construindo carros blindados. Isidoro insiste com o comandante da praça de Mairinque, capitão Bastos, rebelde da Força Pública de São Paulo, para que resistam ao máximo.

Quando alguns retornam do front de Pantojo e afirmam, em Mairinque, que as tropas de Itapetininga não são de jagunços mas um exército muito bem aparelhado, há enorme arrefecimento entre os rebeldes. Muitos desertam. Mas, Isidoro manda reforços: mais quinhentos homens. É tarde demais!

Na manhã seguinte, a decisão tomada pela cúpula da Coluna Sul: é preciso atacar. Virão reforços dos Estados do Sul. Fabiano conta que, quando chegaram os reforços, os batalhões de Itapetininga tinham, praticamente, ganho a batalha e avançavam para resgatar Mairinque.

O Ataque Final

No alto de um morro estão tropas de Itapetininga.

Os rebeldes projetam avançar em duas frentes

paralelas, uma pelo leito da ferrovia e outra pela rodovia. É a terceira madrugada de combate. Eles avançam. Estão perto.

As poucas metralhadoras dos Batalhões da Coluna Sul abrem fogo. Ao mesmo tempo, são acionadas três possantes motocicletas do deputado Flamínio Ferreira e de dois amigos. O barulho é alucinante. Parece que no alto do morro há um ninho de metralhadoras. Certamente, foi isso que o inimigo pensa. E recua.

A Coluna avança, maciçamente. É o ataque final. Os disparos se sucedem, de segundo em segundo. O dia clareia. O sol parece rir no alto do morro. De repente, silêncio do lado de lá. A Coluna aguarda, cautelosa. O tempo passa. O silêncio se prolonga. A expectativa cresce. Finalmente, a notícia: os revoltosos estão fugindo, precipitadamente. Abandonam munições, animais e veículos em Mairinque. Vão para São Paulo num trem blindado da Estrada de Ferro Sorocabana.

Às 9 horas, nossas tropas entram triunfantes em Mairinque. A população vibra. Fazia tempo que não saía às ruas. No mastro da Estação da Sorocabana, tremula a bandeira branca hasteada pela destemida ***Coluna Sul***.

A Longa Perseguição

De Mairinque a São Paulo a pé. Imediatamente. É a ordem do comandante.

Sob sol escaldante, o percurso é feito em uma hora. A população manifesta sua alegria, na maior aclamação popular que a cidade já vira. Canta o Hino Nacional, emocionada.

De São Roque, as forças de Cavalaria seguem, nessa tarde de 28 de julho, em campanha de reconhecimento, até Cotia, para preparar a provável marcha para a Capital. O restante da tropa aguada em São Roque. Ao meio-dia desse mesmo 28 de julho, a vanguarda da ***Coluna Sul***, comandada pelo general Azevedo Costa, conquista Jundiaí.

Depois, a notícia se espalha em São Roque: Isidoro abandonou a capital! O general rebelde foge não se sabe para onde!

Mais tarde, soube-se que, impossibilitado de seguir para o Paraná via Itapetininga, Isidoro optara por Bauru, em trem da Paulista, insistindo na ideia de entrar por Itararé. Para tanto, voltaria de Bauru até Botucatu. Por cautela, as tropas

permanecem de prontidão, em São Roque, concentrando-se em pontos estratégicos, nas proximidades da Estação da Sorocabana. Nessa noite, passará por São Roque, em trem especial, o Dr. Washington Luís. Aqui, embarcam também, Júlio Prestes, Ataliba Leonel e Ayres de Camargo. Na capital, o presidente Carlos de Campos os abraça, comovido, e pede que seja transmitida sua gratidão a todos os bravos da Coluna Sul que, em sua marcha vitoriosa para São Paulo, forçaram a fuga de Isidoro.

Enquanto isso, em Cotia, uma patrulha da Coluna, comandada pelo capitão Dr. Oscar Cabral, destroça um grupo de cavalarianos rebeldes, matando um e ferindo vários outros. Quase simultaneamente, o esquadrão revoltoso que martirizava Votorantim, ao passar pela cidade de Una (hoje Ibiúna), é inteiramente aprisionado, sem resistência, por uma tropa do Batalhão Fernando Prestes, que para lá se dirigira a pedido do tabelião local.

No dia 29, o general Azevedo Costa, que embarcara inesperadamente para Sorocaba, ordena a partida das tropas para Boituva, onde deverão permanecer aguardando ordens. O Batalhão Ataliba Leonel marcha para Itu e assume o comando do quartel local. O coronel Alfredo Cabral dirige-se para Campinas, com as tropas disponíveis, onde, durante vinte e quatro horas, organiza a proteção da cidade.

No dia seguinte, a doze quilômetros da serra de Botucatu, as primeiras escaramuças entre as vanguardas da Coluna Sul e os rebeldes, comandados por Juarez Távora.

São seiscentos revoltosos, entre eles um pelotão húngaro e outro alemão. Estão em magnífica posição, para garantir que os trens militares procedentes de Bauru alcancem Rubião Júnior e possam seguir pra Piraju, de onde, vencendo a serra de Fartura, pretendem chegar a Itapeva e Itararé.

Militares de regimento de infantaria do Exército Brasileiro na Escola Peixoto Gomide (1924)

Júlio Prestes, Herói de Boituva

Um gesto de extrema coragem do Dr. Júlio Prestes evita que a cidade de Boituva voe pelos ares.

Vinte e três horas de 29 de julho de 1924. No pátio da Estação, inúmeros trens militares continuam encostando. Na plataforma, o coronel Franco Ferreira traça, com Júlio Prestes – profundo conhecedor da região – os planos para as próximas operações de guerra. De repente, gritos desesperados:

— Incêndio! Incêndio!

Uma composição de quinze vagões conduz uma bateria de artilharia de grande alcance, com peças Saint Chermont. As gôndolas que transportam as possantes máquinas de guerra são descobertas. Ao lado dos canhões, em caixas de madeira, alguns milhares de granadas e schrapnels. As fagulhas vomitadas pelas locomotivas jogam fogo numa caixa de granadas, que arde em chamas. O medo de uma explosão apavora a todos. Só os gaúchos daquele regimento não presenciam a apreensiva cena: estão dormindo nos primeiros vagões da composição. O trem ainda está em movimento. Mesmo assim, Júlio corre para o vagão, agarra a enorme caixa e, com dificuldade, salta com ela. E continua andando... já no extremo do pátio, coloca-a no chão. Alguns soldados correm com baldes de água e conseguem debelar o fogo. Por pouco, muito pouco, as granadas não explodem. Se uma explodisse, fatalmente, as outras também detonariam, atingiriam as munições e dinamites, levando tudo pelos ares.

Júlio queima-se no peito e nos braços, mas consegue evitar a tragédia.

Novamente para a Guerra

Os rebeldes entram em Botucatu. Às seis horas do dia 30, em trens especiais, embarcam para lá as tropas da ***Coluna Sul***. Na serra, os rebeldes abrem fogo. Conseguem fazer muitas vítimas, mas os legalistas não se intimidam.

Os rebeldes da serra refugiam-se na cidade. Lentamente, a Coluna se aproxima de Botucatu, forçando a fuga do inimigo. O capitão Ayres de Camargo é nomeado comandante militar da praça. A cidade volta à calma.

Quase uma hora depois, São Manuel pede socorro.

Os rebeldes estão chegando em dois comboios. A equipe de Comunicação do Batalhão Washington Luís consegue interceptar esta mensagem, telegrafada de São Manuel para Avaré: “Coronel Miguel Costa, onde estiver. Nosso trem descarrilado. Mallet tombou. Impossível continuar. Mande máxima urgência, socorros. Tenente Cabanas”.

A resposta, ardilosa, da Coluna: “Tenente Cabanas, São Manuel. Aguarde socorro já providenciado. Miguel Costa”.

Desta forma, nossos heróis ficam sabendo da localização exata do inimigo e partem ao seu encalço.

Próximo de São Manuel, o temível “Trem da Morte” descarrilado, protegido por um pelotão fortemente armado. O tenente Cabanas, comandante rebelde, pressentindo a aproximação do Batalhão Fernando Prestes, abandona seus soldados e foge, a cavalo, para Avaré.

Uma brigada, vinda de Minas e comandada pelo coronel Mallan, que esteve estacionada em Barra Bonita, chega a São Manuel quase junto com as forças da Coluna.

Mallan investe contra o “Trem da Morte”, mata quinze rebeldes, fere os restantes e os leva presos. O general Azevedo determina que a Brigada de Patriotas avance até Faxina (hoje, Itapeva) para proteger a cidade e evitar a passagem das tropas de Isidoro. Ninguém sabe, exatamente, quais os planos dos fugitivos, nem por onde pretendem passar, pois mudam de rumo constantemente.

Inicia-se o longo retorno, via Boituva, depois para Itapeva. A passagem das tropas por Itapetininga é uma apoteose. Toda a população vai à Estação Sorocabana recebê-las. O povo agita bandeirolas e canta o Hino Nacional. Muitos choram. As cenas são emocionantes. Os parentes abraçam seus filhos heróis, cheios de orgulho.

O coronel Fernando Prestes pede que as tropas desçam e desfilem pelas ruas próximas da Estação, para que possam ser vistas e homenageadas por todos. Assim é feito. As aclamações são ruidosas, festivas. É a gratidão dos que ficaram.

Novamente no trem, as tropas seguem viagem.

Agora, em Itapeva, outra missão. Devem partir para Piraju, pois os rebeldes, comandados por Juarez Távora, prometem arrasar a cidade onde reside o senador Ataliba Leonel. Para facilitar a operação, seguem em trens especiais, de Itapetininga para Itapeva, oitenta e três veículos entre

automóveis e caminhões, colocados a disposição pelas populações de Itapetininga, Tatuí, Angatuba e Capão Bonito. De Itapeva para Piraju, oitocentos e cinquenta soldados da Coluna viajam de carro, em estrada péssima que, muitas vezes, se transforma em simples trilha de animais. Um fazendeiro alemão chega a destruir uma ponte em sua propriedade para impedir a passagem dos legalistas. Mas, Júlio Prestes obriga-o a restaurá-la, embora o homem finja que não entende a ordem do deputado.

A viagem é acidentadíssima.

Dura ela doze horas. No dia 1° de agosto, os Batalhões Fernando Prestes e Ataliba Leonel entram em Piraju após arriscada travessia da serra de Fartura. Os rebeldes fogem, incontinenti. Mas, nas cercanias da cidade, patrulhas de Itapetininga realizam várias prisões. As tropas legalistas se dividem para proteger as cidades de Bernardino de Campos, Manduri, Cerqueira César, vilas e povoados, pois os rebeldes estão saqueando e incendiando casas e armazéns.

Em Manduri, há tiroteios entre uma Companhia de Itapetininga e a retaguarda das tropas que fogem. A seguir, os patriotas resgatam Salto Grande e Ourinhos, onde organizam um esquadrão de cavalaria de patriotas. É preciso agir rápido, pois os revoltosos passam a incendiar as cidades, trens e lavouras, destruindo tudo o que encontram.

Todo o mês de agosto é de perseguições intermitentes entre Assis, Rancharia e Presidente Prudente, para onde se dirige o general Azevedo Costa.

Tanto o general Azevedo quanto o coronel Franco confiam plenamente nas tropas da Coluna Sul. Mesmo contando tropas regulares do Exército e de Forças Públicas de outros Estados, as tarefas mais difíceis continuam a ser atribuídas aos batalhões de Itapetininga.

Após a chegada do capitão Alceu Prestes, que realizara longa e penosa campanha de reconhecimento pelo sertão do Paraná, nossas tropas rumam para as barrancas do Rio Paraná. Em plena selva, as tocaias, os tiroteios noturnos, a valentia dos bravos de Itapetininga se sobressai. De Santo Anastácio, a lembrança sombria do capitão e escritor Ayres de Camargo:

"Dentro do mato passava um ou outro vaga-lume e soava a voz lúgubre do curiango, que cantava num tom monótono,

compassado e triste. O luar. Nuvens negras. Tiroteios. Até chegar a Porto Velho, sendo os bravos de Itapetininga os primeiros a atingir as barrancas do Rio Paraná".

Parte da tropa prossegue com as forças regulares. A maioria regressa à terra de origem, após a Brigada ter sido dissolvida a 12 de setembro de 1924.

Mas, dali a quatro dias, a 16, todos os patriotas da Coluna Sul encontram-se licenciados, de volta à vida civil, ao remanso de seus saudosos familiares e amigos, após terem cumprido seu dever com galhardia e coragem inexcedíveis. As gerações futuras podem ufanar-se em saber que Itapetininga fora honrada pelo desprendimento de seus melhores filhos.

Complemento

Francisco Fabiano Alves faz algumas considerações finais.

Após a retirada dos revoltosos, permaneceram vários focos de resistência em São Paulo. Consta que a própria Força Pública, onde o major Miguel Costa era muito estimado, protegeu a retirada. Fabiano comenta:

"... Não fosse a Coluna Sul, de nada adiantaria a ação das tropas federais. Haveria uma guerra civil. O ambiente não era favorável, pois havia muito ciúme de São Paulo. O general Sócrates chefiou as tropas federais, mas quem se distinguiu foi o general Potiguara. A verdade é que o governo federal subestimou a invasão da capital paulista. Por isso, demorou a agir. As tropas federais entraram pelo Brás e foram tomando posições. Uma parte foi para Quitaúna, com o general Sócrates. Houve um acidente com o bravo general Potiguara: ao abrir um pacote e ele endereçado, uma bomba estilhaçou-lhe a mão direita".

Quem Conhece a Revolução de 1924?

Esta indagação foi título da manchete da página cinco do ***Jornal da Tarde*** de 23 de setembro de 1987, ao anunciar o lançamento do caderno *"A Light e a Revolução de 1924"*, dois dias depois, no Masp, em São Paulo.

O jornal reproduz opinião dos organizadores da coletânea, patrocinada pela Eletropaulo, de que ***"talvez esta revolução tenha sido mais importante que a de 1932"***.

Parece que, finalmente, o que ficou oculto por tanto tempo, será revelado.

As proporções da revolução de 24 falam por si.

Glauco Carneiro, citado por João de Scantimburgo no livro José Ermírio de Morais, o homem e a obra, informa que a população da capital do Estado era, naquele ano, de 630 mil habitantes.

Nos conflitos, só na capital de São Paulo, morreram 503 pessoas e 4.864 foram feridas. Se acrescentarmos os mortos e feridos fora da capital, esses números terão acréscimo considerável, confirmando que a revolução de 24 foi a maior tragédia em solo brasileiro.

Não obstante, há alguns pontos a serem esclarecidos: Scantimburgo afirma, na obra citada, à página 122, que "houve dias em que a sorte pareceu favorecer os rebeldes, sobretudo quando apareceram nos céus de São Paulo os aviões pilotados por Eduardo Gomes, Antonio Reinaldo Gonçalves e Anésia Pinheiro Machado".

Anésia foi a primeira mulher no mundo a pilotar um avião.

Ficou famosa no mundo inteiro e foi homenageada em vários países, principalmente na França e no Chile. Mas, nunca foi devidamente reconhecida no Brasil, nem em Itapetininga onde nasceu, estudou e morou por vários anos.

Em 1922, Anésia foi aluna do professor Francisco Fabiano Alves, na antiga Escola de Farmácia e Odontologia.

José Augusto Drummond, no livro **A Coluna Prestes-Rebeldes Errantes**, afirma, na página 23, que o "governo federal optou pela repressão maciça: a cidade foi bombardeada indiscriminadamente pelos mais potentes canhões disponíveis no país; houve até bombardeio aéreo".

Em verdade, isto não chegou a acontecer.

Os rebeldes temiam os canhões do general Potiguara instalados em pontos estratégicos da cidade. Dessa forma, o "passeio" aéreo, longe do alcance dos canhões, valeu apenas como intimidação.

Mas, em Itapetininga, um desses aviões chegou a lançar uma furtiva e solitária bomba.

O alvo provável era o sobrado do coronel Fernando

Prestes, na rua General Carneiro, com seus dois jatobazeiros frondosos e tradicionais. Mas, a bomba caiu num bananal próximo do ribeirão, a 200 metros do sobrado.

Mais uma vez ficou demonstrada a má pontaria dos rebeldes.

Talvez, o mapa de Itapetininga também estivesse errado.

A publicação da Eletropaulo mostra os improvisos, como um carro de assalto dos rebeldes "blindado" com tábuas de madeira.

Fala ainda dos soldados "que se perdem nas ruas de São Paulo e do próprio general Isidoro que troca um ponto de encontro para despistar os legalistas e acaba confundindo seus aliados; do tenente Custódio, que amassa o próprio pé numa manobra desajeitada de um de seus carros de combate".

A Defesa da Coluna Sul

Certa feita, um deputado do Norte, num momento de infelicidade, chamou os patriotas paulistas de "jagunços de Itapetininga".

Júlio Prestes, em resposta veemente, provou que seu colega de Parlamento estava mal informado.

E citou as condições sociais e profissionais de seus integrantes: médicos, juizes, advogados, engenheiros, dentistas, estudantes, fazendeiros, comerciantes e lavradores. Mostrou a participação maciça das várias camadas sociais.

Ao final, Júlio deu o prazo de 48 horas para se colega provar sua afirmativa. Antes do prazo, o deputado nortista se retratou, pedindo desculpas.

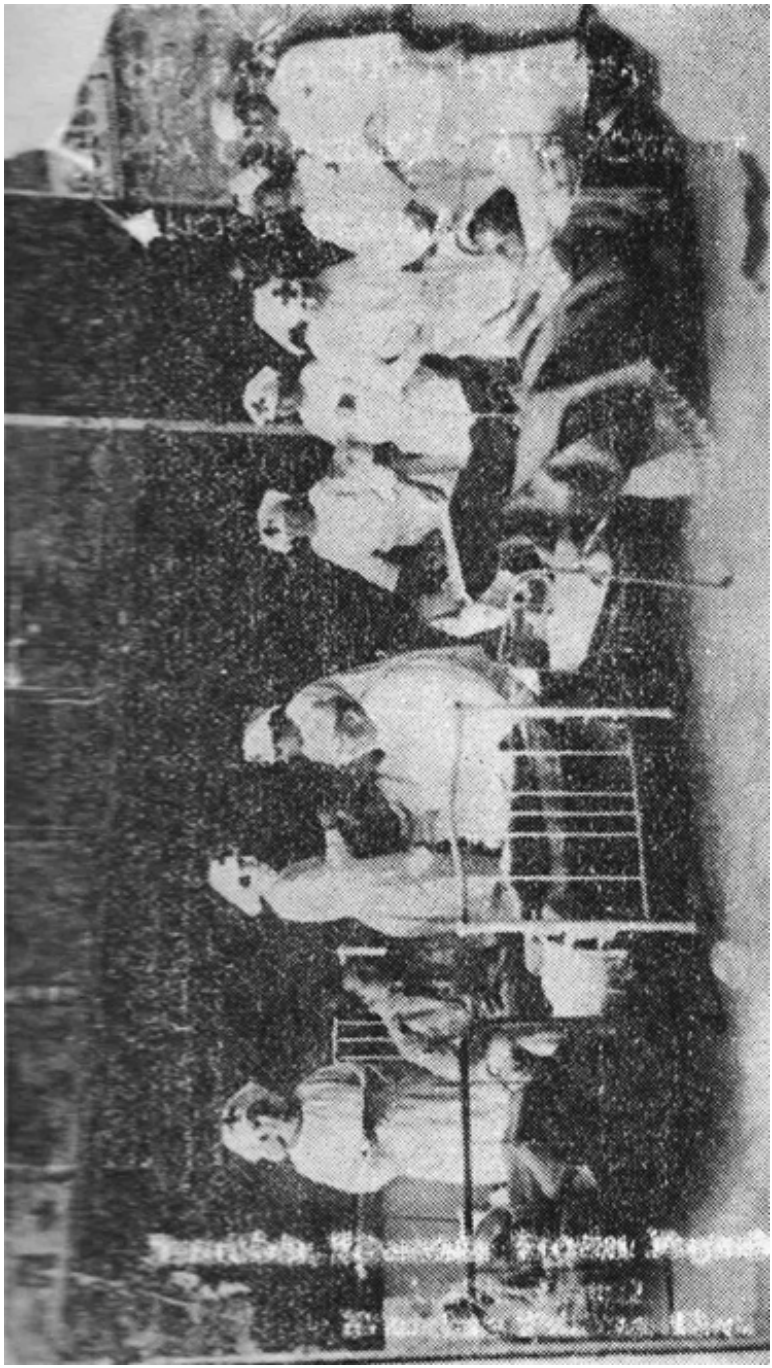
Por seu turno, o coronel Franco Ferreira enviou carta ao deputado Júlio Prestes em que elogia repetidamente a Brigada de Patriotas que teve sob seu comando durante toda a campanha: "Admiráveis homens, que não tinham o hábito da disciplina militar, que jamais tinham passado pela caserna e que, entretanto, prestavam obediência completa, sem discussão nem esmorecimento, às ordens recebidas, como se fossem soldados dos mais disciplinados".

Justifica, em seu relatório-carta publicado na íntegra do livro ***Patriotas Paulistas na Coluna Sul*** (Liberdad, 1925) do capitão Ayres de Camargo, que um 4° Batalhão de Caçadores Patriotas que levaria o nome de Júlio Prestes chegou a ser

criado, mas não chegou a ser completado, ficando seus integrantes responsáveis pela guarnição e policiamento da cidade, nos quais prestaram relevantes serviços.

O coronel cita ainda, como soldados exemplares da Coluna Sul, Cândido José Teixeira, Alceu Prestes, Acioli, Calixto Gonçalves, José Prestes, Palma, Bernardes e outros. Como prova de sua confiança na Coluna, até na famigerada estrada da “boiadeira”, colocou-a sempre na vanguarda.

Terceira Parte



Quarto de enfermaria de Hospital de Sangue em Itapetininga durante a Revolução de 1924

Os Gigantes da Terra

"Exdigitogigans" (pelo dedo se conhece o gigante), é uma expressão latina que consagra apenas o exterior, a aparência.

Há, todavia, outros gigantes que assumem essa dimensão, pelas suas virtudes e pelas suas obras.

É o caso de alguns homens privilegiados que deixam sua marca no espaço e no tempo. Seus ensinamentos, suas realizações, perpetuam-nos, saem do passado e se projetam para sempre.

Este último capítulo de **Heroísmo Desconhecido** é dedicado aos que, em 1924, arriscaram a própria vida na defesa de seu povo.

Ao narrar a vida edificante de cinco deles, relembramos Laurindo Minhoto Filho, Jaime Leonel, Fernando Camargo Prestes, Fábio Fabiano Alves e tantos outros heróis desconhecidos da epopeia máxima de Itapetininga.

A todos eles, a nossa maior gratidão!

Francisco Fabiano Alves

Idealista e Patriota

Descendente dos fundadores de Bauru, Francisco Fabiano Alves foi a 64ª criança registrada na Vila de Bauru, onde nasceu no dia 12 de setembro de 1897. Passou sua infância em São Manuel, para onde se transferira sua família. Foi para a capital cursar a Faculdade de Farmácia. Formado, seguiu para Itapetininga, onde foi um dos fundadores da Escola de Farmácia e Odontologia, da qual foi professor.

Casou-se com Maria de Jesus Almeida Camargo, com quem teve seu único filho: José Fabiano de Almeida Alves.

Em Itapetininga, Fabiano teve participação destacada na vida estudantil e cultural. Fazia parte de uma juventude empreendedora.

Em 1924, sua contribuição foi decisiva para a fundação da Revista Científica da Escola de Farmácia. Já no ano seguinte, a 25 de outubro, Fabiano lança nova publicação: Flor de Lotus, revista de artigos leves e poesias.

Em 1926, sob sua orientação, nasce *Crisálida*, revista dos estudantes universitários. Mais tarde, em 1934, lançaria *O Acadêmico*, jornal estudantil.

Finalmente, em 1952, por sua inspiração e iniciativa, surge *Falena*, jornal da Escola Normal Livre de Itapetininga.

Embora algumas dessas publicações alcançassem apreciável circulação, quase todas tiveram vida efêmera, tais como falena, uma borboleta dourada e belíssima, que vive um dia só.

Farmacêutico e dentista, Francisco Fabiano Alves acompanhou de perto a vida política do País.

Aos 90 anos, lúcido e com memória invejável quando com ele falamos em 1987, emociona-se ele ao comentar a participação de Itapetininga nas campanhas cívicas que marcaram seu passado.

De fato, Francisco Fabiano Alves, verdadeiro herói desconhecido, sobreviveu a três revoluções e tem muita história edificante para contar às novas gerações.

Idealista e patriota, ele soube honrar Itapetininga na guerra, e na paz, valorizando um passado cheio de glórias.

Fabiano fala de uma escola que não mais existe: a Escola de Farmácia, criada em fins de 1921. “Foi a valorização de Itapetininga. Veio muita gente boa para cá. O ambiente era de euforia”. Fabiano conta que Itapetininga era considerada terra das escolas e pode provar que foi ele o primeiro a dar-lhe o título honroso de ***“Atenas do Sul”***, em

artigos nos jornais antigos.

Falando de sua participação na resistência legalista, Fabiano comenta: “O Batalhão Fernando Prestes, que tive a honra de integrar, foi a nossa glória. Tudo bem organizado. A nossa viagem para Sorocaba foi demorada, pois seguimos em dois trens que levavam as tropas e o material bélico. As locomotivas eram movidas a lenha e paravam muito para abastecer. Sorocaba, apesar do prestígio do deputado Vergueiro, tinha muita simpatia por Isidoro. A sua Força Pública estava sondando, ainda não havia aderido. O ambiente mudou quando nós chegamos. O nosso retorno vitorioso a Itapetininga foi apoteótico. A cidade entrou em festa. A manifestação popular foi indescritível e inesquecível. As escolas, o comércio, o povo, todo mundo nas ruas aplaudindo os soldados. À noite, houve um baile no Clube Comercial, que era o clube dos comerciantes e dos professores e estudantes”.

Da Revolução de 30, foi comissionado tenente para servir em batalhão da Força Pública Paulista na defesa dos municípios de Apiaí e Ribeira.

Já na Revolução Constitucionalista de 1932, foi comissionado tenente para batalhão de voluntários nas localidades de Bandeirantes, Santa Rita da Extrema e Cambuí, divisa com o Estado de Minas Gerais.

Fabiano é primo de Mário Martins de Almeida, o primeiro nome da lendária legenda M. M. D. C., representativa dos quatro jovens mártires de São Paulo.

Seu irmão Fábio Fabiano Alves, que aos 17 anos fora soldado da 2º companhia de patriotas comandada por Fabiano durante a Revolução de 24, mais tarde se tornaria um sertanista do naipe do marechal Cândido Mariano Rondon e dos irmãos Vilas-Boas ao ingressar na Expedição do Alto Xingú.

Mas antes disso, durante a Revolução Constitucionalista de 32, ele fora comissionado tenente para comandar pelotão em batalhão de voluntários no Setor Leste do Estado de São Paulo, onde lutou valorosamente e ferido foi em renhido combate.

Mas não foram só os dois irmãos que se destacaram pela abnegação e civismo incontestes.

Todas as seis irmãs de Fabiano, entre elas a futura e primeira prefeita de Itapetininga, D. Juliana Fabiano Alves,

enfermeiras foram em Hospitais de Sangue nas revoluções de 24, 30 e 32.

Com efeito, esta foi uma irmandade digna que deixou sua marca em Itapetininga por esses e muitos outros relevantíssimos serviços prestados tanto na paz quanto na guerra.

Mesmo anos depois de seu falecimento aos noventa anos de idade em 13 de agosto de 1990, o idealismo e patriotismo de Francisco Fabiano Alves jamais foram esquecidos, tendo seu nome e exemplo sido evocados e se tornado alvos de homenagens da Sociedade Veteranos de 32/MMDC por intermédio de sua sucursal, o 1º Núcleo de Correspondência "Paulistas de Itapetininga! Às Armas!!", fundada em Itapetininga a 12 de julho de 2011.

Com efeito, por ter sido um dos raros exemplos de combatentes que participaram de três revoluções (1924, 1930 e 1932), o nome de Fabiano foi conferido a principal honraria do referido núcleo MMDC, a saber, o *Diploma de Honra ao Mérito Francisco Fabiano Alves*, que anualmente é concedido em eventos cívicos e militares nos quais se busca reconhecer a contribuição daqueles que resgatam a memória e os feitos de cidadãos abnegados que como Fabiano, lutaram pela Constituição, pela Liberdade e pela Democracia durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Garoa de Minha'alma é livro de poesias que publicado foi em 1927 por Fabiano relatando suas experiências de vida como estudante, soldado, professor, intelectual e cidadão itapetiningano e que foi reeditado pelo seu filho José de Almeida Fabiano Alves em 2013 pela Editora Nelpa.

É, pois, da página 37 desta obra que transcrevemos, na íntegra e a seguir, o poema "A Sentinela", de sua feliz lavra e muito provavelmente produzida em uma das noites frias em que Francisco Fabiano Alves, então capitão de patriotas do Batalhão Fernando Prestes, liderava sua companhia de centena de soldados para a vitória que as armas legalistas haveriam de alcançar naqueles inesquecíveis meses de julho a setembro de 1924.

A SENTINELA

Que espectro lívido! Que sombra aquela!
Olhar pregado lá na imensidade...
No rosto magro a mágoa afivela,
E comprime-lhe o peito uma ansiedade.

Ansiedade de quem espera e vela,
Quer brilhe o sol, quer ruja a tempestade.
Poste do dever, pobre sentinela!
Impávida, admirar-te quem não há vida de?

Sempre alegria, na mão sempre o fuzil,
Nobre e paciente aceita a crua sorte
E padece fiel pelo Brasil.

Depois... Depois de tanto sofrimento,
Chega sarcástica, a brincar, a morte,
E muito cedo cai no esquecimento!

Francisco Fabiano Alves
Setembro de 1924

Mas talvez o poema que mais sintetizou a vida e a obra de Francisco Fabiano Alves seja a seguir, escrita que foi muitos anos depois de seu falecimento por Frances de Azevedo, intelectual e poetiza paulistana que muito sensibilizada ficou quando conheceu a história de vida desse herói que já não era mais desconhecido às gerações presentes.

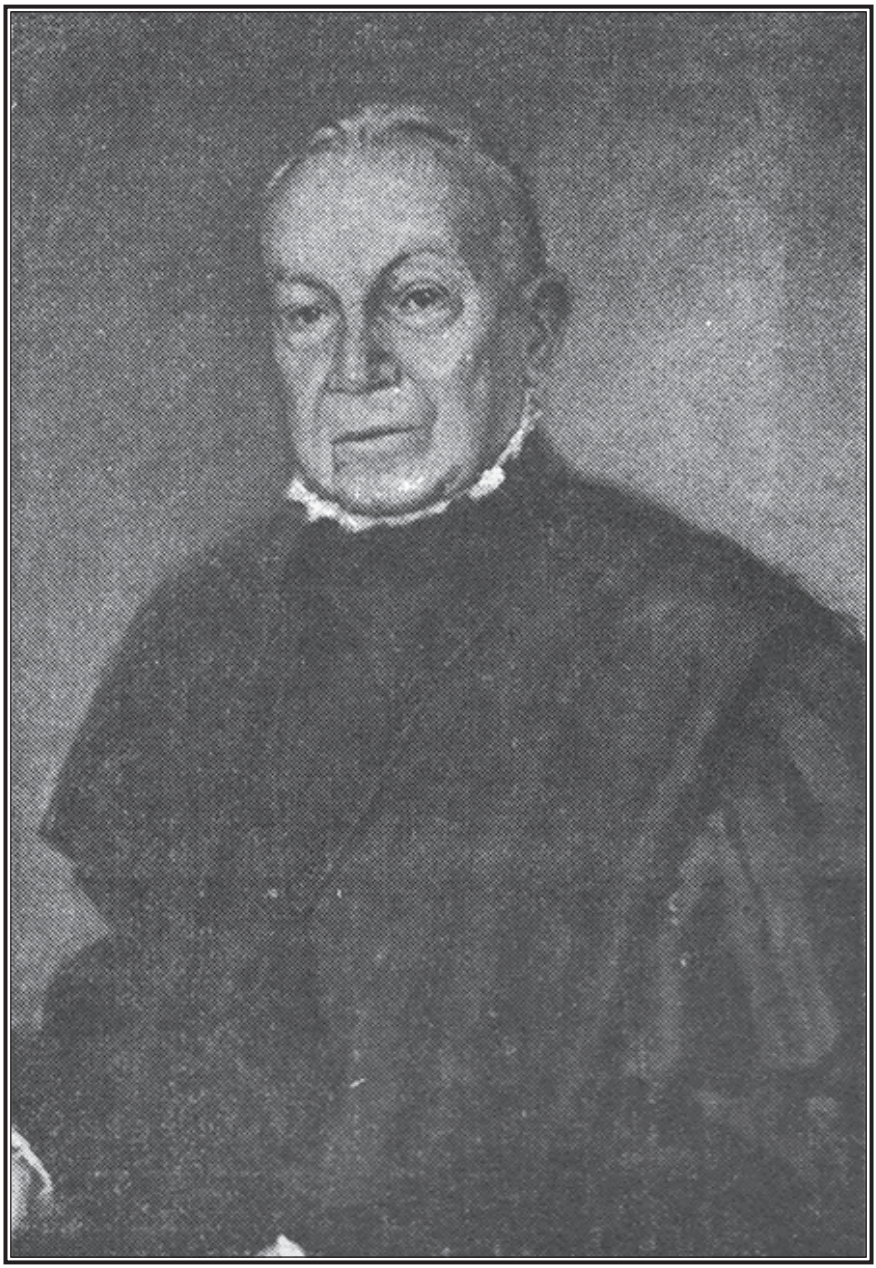
E foi como preito de reconhecimento e agradecimento a esse insigne cidadão itapetiningano, paulista e brasileiro que Frances de Azevedo assim se expressou:

RÉQUIEM A FRANCISCO FABIANO ALVES

Nascido na então Vila de Bauru,
Estado de São Paulo, nos idos de 1897,
Inicio da nossa República. Seus pais:
(Joaquim Francisco Alves e Ana Franco Francisco Alves)
Desbravadores de Bauru, deram ao solo de Piratininga
Este valoroso homem!
Cidadão de escol, fundador e professor da primeira
Escola de Farmácia e Odontologia (1920) do interior paulista!
Intelectual primoroso: professor,
Poeta, orador, jurista, escritor, cidadão de escol!
Dedicou-se ao desenvolvimento
Acadêmico-literário de seus alunos
Onde brotaram publicações:
Revista Cientifica da Escola de Farmácia Crisálida (1926),
O Acadêmico (1934) e Falena (1954), entre outras.
O título de Athenas do Sul conferido à florescente Itapetininga,
Foi de sua feliz inspiração!
Não só de literatura viveu Francisco Fabiano Alves.
Seu espírito cívico preponderou em diversas ocasiões:
Saiu em defesa de seu Estado, de sua gente em ações de guerra:
Fora e dentro de sua Terra:
Na Revolução de 1924, como capitão da lendária Coluna Sul;
Na Revolução de 1930, junto com a briosa Força Pública,
Na Revolução de 32, como tenente de batalhão de voluntários
Lá em Santa Rita de Extrema, Cambuí,
Bandeirantes em Minas Gerais!
De todas as batalhas voltou com o
Espírito do dever cumprido!
Lá se foi, aos 92 anos (13/08/1990)...
Réquiem a tão valoroso herói
Onde, a 12 de Setembro de 2011,
Em sua memória e homenagem,
O Núcleo MMDC Paulistas de Itapetininga! Às Armas!!
Instituiu o Diploma de Honra ao Mérito
Capitão Francisco Fabiano Alves!

Frances de Azevedo
9 de julho de 2012

Francisco de Paula Bernardes Júnior



Coração Simples e Despreendido

A família forense estava reunida. Era o dia 26 de setembro de 1987.

Dia de comemorar o primeiro centenário do nascimento do desembargador Francisco de Paula Bernardes Júnior, patrono do Fórum de Itapetininga.

Presentes, o Dr. Odesil de Barros Pinheiro; o prefeito Joaquim Aleixo Machado; o Dr. Luís Gonzaga Lisboa Rolim, da OAB; o desembargador Nereu César de Moraes; o vereador Paulo Ozi; o Dr. Gil Prestes Bernardes, filho do homenageado; os Drs. Leo Orsi Bernardes e Fernando Bernardes Pinheiro, sobrinhos do homenageado; juizes, promotores, advogados, populares.

O jurista Luís Eulálio de Bueno Vidigal, discípulo de Francisco Bernardes Júnior, com palavras repassadas de emoção, relembra a vida exemplar de Bernardes Júnior.

Vidigal fala de um homem incomum, de coração simples e desprendido. “Que mais tranquilo que um coração simples? Quem mais livre que aquele que nada deseja?”

Francisco de Paula Bernardes Júnior nasceu em Londres e estudou na Bahia, mas elegeu Itapetininga como sua terra.

De fato, foi nessa cidade que ele firmou raízes, iniciando e estabelecendo sua honrosa família ao se casar com Olívia, filha do coronel Fernando Prestes.

Foi professor da famosa Escola Normal Peixoto Gomide, vereador e presidente da Câmara Municipal.

Foi em Itapetininga que iniciou também a sua brilhante carreira de advogado, o primeiro passo para sua conceituada banca da capital, que lhe daria a fama de “o mais completo advogado de seu tempo”.

Sereno e equilibrado, alma pura e límpida como um fino cristal.

Frank Bernandes, como era conhecido de sua gente, foi profissional competente, de linguagem primorosa; era o escrúpulo, a responsabilidade e a delicadeza personificados.

Amado e respeitado por todos, exerceu variados cargos, dentre os quais a presidência do Clube Venâncio Ayres e a de Deputado Estadual, tendo neste último sido líder de Júlio Prestes na Assembleia Legislativa.

Exerceu ainda o importante papel como articulador político em toda a região.

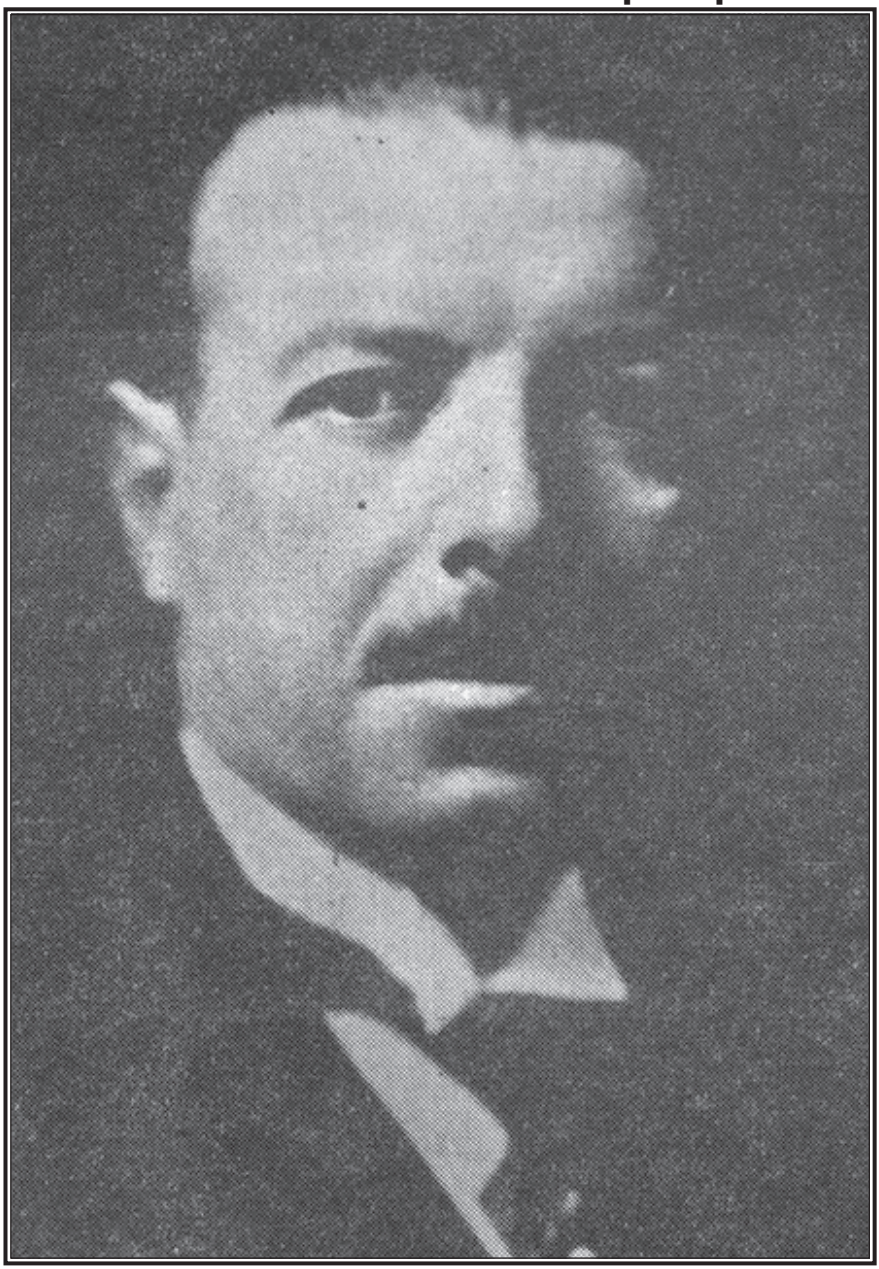
No zênite da brilhantíssima carreira jurídica que abraçou,

foi indicado pelos seus méritos para o Tribunal de Justiça, onde como desembargador honrou o Judiciário paulista.

Além de importante liderança na Resistência Legalista em 1924, Francisco de Paula Bernardes Júnior teve destacada participação nas revoluções de 1930 e 1932.

Mas seu batismo de fogo, inesquecível, ocorreu durante a Revolução de 24, à frente da primeira companhia do Batalhão Fernando Prestes, a qual comandou como bravo capitão e dedicado patriota, sabendo honrar a pujança de seus soldados de Itapetininga pelo exemplo que deixava ao arrostar os maiores perigos pela causa legalista.

Dr. Júlio Prestes de Albuquerque



Administrador e Estadista

No dia 5 de março de 1882, nascia, em Itapetininga, um menino predestinado a ser protagonista de uma das fases mais agitadas da vida nacional.

Seu nome era Júlio Prestes de Albuquerque.

Aqui passou ele sua infância e realizou seus primeiros estudos, passo inicial que o levaria à glória de um dos maiores intelectuais que marcaram a sua época.

Filho do coronel Fernando Prestes de Albuquerque e de D. Olímpia de Sant'Ana Prestes, Júlio mudou-se para a Capital Paulistana, a fim de prosseguir em seus estudos.

Em 1906, diplomado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o jovem advogado itapetiningano projeta-se no mundo intelectual, demonstrando grande erudição e invejável talento, com participação ativa na vida cultural paulistana.

Podia-se dizer que, já na mocidade, Júlio estava preparado para enfrentar os desafios de sua posterior e fulgurante trajetória política.

Certamente, inspirado pelo exemplo paterno e fascinado pela ascensão que se vislumbrava, Júlio ingressa na vida pública, desapontando seus amigos de tertúlias literárias.

De fato, estes lamentam ter "a política desviado das letras, o gênio incomparável de Júlio".

Deputado estadual em várias legislaturas, do período de 1909 a 1924, ano último esse em que se elege deputado federal com a maior votação do País.

Como líder da maioria, destaca-se com pronunciamentos brilhantes, sábios e patrióticos.

Foi com o falecimento de Carlos de Campos, em pleno mandato, que Júlio foi eleito, em 1927, para a presidência do Estado (atual cargo de governador).

Nesse exercício, realizou a maior administração da história de São Paulo.

Com efeito, diante das dificuldades de enumerar todas as suas obras à frente do Executivo paulista, tantas foram que citaremos aqui as de maior vulto.

Foram elas frutos de sua incomparável visão e de seu dinamismo as construções do Parque de Defesa Animal da Água Branca, do Palácio da Justiça, da Faculdade de Medicina, do Jardim Botânico, da Represa de Santo Amaro, além de vários hospitais, entre os quais os hospitais-asilos de Cocais, Aimorés e Pirapitingui, para tratamento da lepra,

que era estigma da época.

E mais: 1.014 escolas entre grupos escolares e ginásios.

Júlio provou ser a eficiência em pessoa.

Cuidou da agricultura, aperfeiçoando as lavouras de café e de algodão, além de incentivar a cana-de-açúcar, visando à produção de álcool, profetizando futuras crises que o combustível passaria.

Rasgou estradas de rodagem, pavimentou o Caminho do Mar, restaurou a Estrada de Ferro Sorocabana e a transformou na melhor estrada de ferro da América do Sul.

Ainda na área de transportes, construiu o ramal Mairinque-Santos, enfrentando poderoso grupo capitalista inglês, concretizando antiga aspiração, defendida veementemente em seus pronunciamentos no Congresso.

A esse respeito, o jornalista Armando Rodrigues da Silva, em importante trabalho intitulado Lá Vem o Trem, narra este episódio:

"A The Southern S. P. Railway nasceu em Santos, de onde, pelo litoral, atingiria Juquiá, com baldeação para um serviço de ferry-boat da própria ferrovia para registro, Iguape e Cananéia. Sua principal função: transportar minérios e bananas para exportação. Isso atrapalhava os planos da Estrada de Ferro Sorocabana... Era um problema nacional e precisava ser resolvido. E foi!... Júlio Prestes assumiu o governo do Estado e fez algo inusitado. Sabendo que a The Southern S. P. Railway enfrentava séria crise financeira, comprou-a para o Estado por 600 mil libras esterlinas, pagáveis em apólices da dívida pública, A concorrente estrangeira transformou-se em Estrada de Ferro Sorocabana. Surgia, assim, o ramal Mairinque-Samaritá, um marco na história das ferrovias neste País".

Promoveu a modernização da capital nos setores de iluminação pública e pavimentação. (os paralelepípedos retirados das ruas centrais da capital vieram em gôndolas da EFS para Itapetininga e foram colocados nas ruas José Bonifácio, Júlio Prestes, Campos Sales e Prudente de Moraes).

Mais tarde, com a introdução de broquetes nessas ruas, os paralelepípedos foram transferidos para o calçamento de ruas da periferia.

Segundo Pedro Paulo Sacco, em alguns bairros ainda se podem encontrar alguns deles com as marcas dos trilhos de bondes.

Na área de segurança pública, foram criados o Manicômio Judiciário e a Colônia Correcional, além da ampliação da Penitenciária do Estado.

Enfim, Júlio assombrou o mundo administrativo ao realizar o maior número de obras no menor espaço de tempo.

Foi, por isso, que o escritor alagoano Paulo Dantas nos afirmou, certa vez, que "Júlio foi, não apenas o maior governador de São Paulo, mas o melhor administrador que o Brasil conheceu!".

Em 1930, presidente eleito do Brasil, viajou para a Europa e os Estados Unidos, precedido de enorme prestígio, saudado como "o grande estadista da América do Sul".

Nessa viagem, Júlio foi alvo das maiores homenagens, pelo presidente dos EUA, Herbert Hoover, pelo mundo empresarial e intelectual na Universidade da Pensilvânia e na Academia Militar de West Point; na Inglaterra pelo rei Jorge V e pelo príncipe de Gales; na França pelo presidente Gaston Dumorque, na presença de Santos Dumont; na Espanha pelo rei Afonso XIII e pela rainha Vitória. Nessas encontros, Júlio ouviu frases como esta: "Vossa excelência é a esperança da América do Sul" e "o Brasil é o país do futuro".

Júlio Prestes foi o primeiro brasileiro a despertar, no exterior, um interesse maior pelo Brasil.

Mas foi nesse ano de 1930, por haver imposto fragorosa derrota ao candidato da Aliança Liberal, que ocorreria o desastre.

Inconformado com o fracasso nas urnas, depois de uma campanha em que Júlio demonstrara elevação e serenidade, o caudilho gaúcho Getúlio Vargas chefia a Revolução de 1930, a qual depõe Washington Luís e acaba por exilar Júlio Prestes no exterior.

Em 1934, retorna do exílio e se enclausura em seu retiro voluntário, na Fazenda das Araras, em Itapetininga.

Absorto na meditação da transitoriedade da vida humana, Júlio lia e escrevia muito.

Oito anos depois, em 1942, rompeu seu silêncio para protestar contra os ataques de submarinos alemães que puseram a pique navios brasileiros em nosso mar territorial.

Com a queda de Vargas, em 1945, Júlio, vítima da

ditadura, novamente vem a público para participar da campanha pela democratização do País.

Mas, foi apenas um sonho efêmero: no ano seguinte, no dia 9 de fevereiro, Júlio falece, aos 64 anos.

Foi casado com D. Alice Viana Prestes, com quem teve três filhos: Marialice, Irene e Fernando Prestes Neto, de quem tivemos o privilégio de ser amigo.

Esta resenha seria incompleta sem a aura espiritual de um homem moldado pelo ferro da provação que, de longe, suplanta o político e o estadista. “Esta noite sonhei que o altar de Nossa Senhora era no meu coração. Jesus, loirinho, sorria... também me ajoelho e, ajoelhado, fazendo minha oração...”

Relembrando a maldade dos homens, Júlio evoca Brutus, filho adotivo e assassino de Júlio César, e outro Brutus, seu cão e amigo fiel:

“Sombra viva da dor e da alegria. Qual desvelado e vigilante amigo. Este sim, não falhou. O amigo existe. **E a palavra amizade que fugira do coração dos homens, tem seu trono no coração dos cães”.**

Certamente, Júlio se referia a antigos correligionários, como um deputado gaúcho que, em 1927, fizera seu elogio na Câmara dos Deputados: “Entre os homens na nova geração política do Brasil, nenhum há como vós, Dr. Júlio Prestes”.

Três anos depois, o mesmo parlamentar bancar-se-ia para Getúlio Vargas, vitorioso.

Da mesma forma, o ex-presidente Artur Bernardes, ex-companheiro de Júlio, aderira a Vargas, reconhecendo tardiamente que “foi a maior desventura que podia desabar sobre o País”.

Já o jornalista Assis Chateaubriand que, em 1930, fora o mais mordaz crítico de Júlio, penitenciou-se em 1946 emitindo a seguinte opinião: “Júlio era muito mais inteligente e preparado que Getúlio”. “Antonio Carlos era um indigente comparado ao fabuloso Júlio Prestes”.

Na Itapetininga, torrão natal que lhe serve também de última morada, a trajetória de vida de Júlio Prestes permanece indelével para as gerações futuras, não só pelas obras que deixou, ou pelas obras que levam o seu nome, como também pelos esforços desprendidos por entidade cultural, o Instituto

Júlio Prestes, fundado em 2003 pelo jornalista Hélio Rubens de Arruda e Miranda, que secundado pelo professor Dr. Angelo Lourival Ricchetti realizam estudos em culto à memória e os feitos desse consumado administrador e eminente estadista, que não só na paz, como na guerra, soube demonstrar a extensão de seu amor à Pátria na condição de uma das lideranças civis mais decisivas em grandes momentos de decisão na vida nacional e, em especial, durante a Revolução de 24 junto à lendária Coluna Sul.

Ataliba Leonel

Bravura e Energia

Ataliba Leonel nasceu em Itapetininga no dia 15 de maio de 1875.

Seus pais, Mariano Leonel Ferreira e D. Francisca Carolina Rolim, muitas vezes manifestaram seu orgulho pelas virtudes do filho.

Era comunicativo e compassivo, sempre preocupado em auxiliar aos outros. Mas, sobretudo, imbuído de uma coragem pouco comum em meninos de sua idade.

Nesta cidade realizou seus primeiros estudos, seguindo para a Capital Paulistana onde fez o curso de Direito na distinta Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Em 1896, aos vinte e um anos, o jovem advogado Ataliba chegava à bela e acolhedora cidade de Piraju, às margens do Rio Paranapanema, eleita por ele como sendo a sua terra adotiva.

Profissional competente, logo conquista a confiança de seus novos conterrâneos. Conhece Francisca, uma donzela formosa e prendada, com quem se casa. Vêm os filhos: Jaime, Jarbas, José e Carmen.

Elege-se vereador à Câmara Municipal da cidade, em 1898.

Seu contato direto com a população dá-lhe a estrutura de uma plataforma política avançada para a época, com o binômio educação-saúde.

Além da advocacia e da política, passa a se dedicar à lavoura de café, em uma propriedade herdade pela esposa.

Filiado ao Partido Republicano Paulista, já com sólida base política, Ataliba elege-se deputado estadual na mesma legislatura de Washington Luís e Carlos de Campos.

Amável, com enorme poder de convicção, alça vôo mais alto: agora é deputado federal. Seu temperamento descontraído, sempre pronto a servir, faz dele um líder nacional. Torna-se o elo que liga São Paulo aos demais Estados.

Menotti Del Picchia o descreve com perfeição: “Fisicamente era bem um padrão da raça bandeirante. Simples, leal, varonil: um homem que nunca soube o que se chamava medo”.

Enzo Silveira, por sua vez, qualifica assim essa personalidade: “Querido de todos, comandava com humildade, sem ser temido. Experiente e sagaz, dotado de notória astúcia política, era o homem das grandes decisões.

Nas situações mais difíceis, nos momentos de maior perigo, Ataliba apresentava as soluções acertadas. Tornou-se proverbial seu desinteresse pelas coisas materiais. Tudo fazia pelos outros e nada para si próprio. Nunca chegou a possuir uma única gleba de terra, embora fosse o homem mais poderoso de toda a vasta região da Sorocabana".

Um episódio confirma essas palavras.

Certa vez, Ataliba pediu ao seu filho Jaime que se demitisse do cargo que ocupava na Prefeitura da Capital para possibilitar a nomeação de um amigo desempregado e em dificuldades financeiras.

Jaime obedeceu de pronto, como conta em **O Último dos Coronéis**, e o desejo paterno foi realizado.

Menotti diz mais: "Sua vida escorreu limpa daqueles pecados que o poder e as oportunidades oferecem aos menos fortes, pois relativamente pobre entrou para a contínua ascensão de sua brilhante carreira, dela saindo menos rico, enriquecido, apenas, pela admiração e carinho de todos que o conheceram".

Em 1924, prontamente atendeu ao apelo de Fernando Prestes e foi o primeiro a chegar a Itapetininga, com os bravos de Piraju, para uma participação notável na Resistência Legalista. "O político transfundiu-se num militar verdadeiro, cheio de bravura e energia", afirma Menotti.

Pelos relevantíssimos serviços prestados à Pátria na gloriosa Coluna Sul, Ataliba Leonel foi homenageado pelo presidente Artur Bernardes com o posto honorário de general de brigada do Exército Brasileiro.

Alguns anos mais tarde, nas revoluções de 1930 e 1932, lá estava o destemido general, à frente de seus concidadãos prestando assinalados atos de abnegação e patriotismo.

Numa feita, um oficial inimigo vencido, ao entregar-se temeroso a Ataliba, assiste a esta expressiva demonstração de sua grandeza:

— Tenente, aqui não há vencidos nem vencedores. Somos todos irmãos brasileiros.

Tanta glória, mas também tanta amargura. Ataliba foi vítima da calúnia e da difamação.

Seus detratores, porém, nada conseguiram.

João Alberto, interventor de Getúlio em São Paulo, depois de comprovar sua inocência, lhe diz:

— Doutor Ataliba, mandei apurar todas as denúncias que existiam contra sua pessoa e nada encontrei que o incriminasse. Por isso, restituo-o à liberdade.

— Como posso eu ser libertado quando meus amigos, que não têm outro crime senão o de serem meus amigos, permanecem na prisão? — e Ataliba só saiu junto com seus amigos.

João Gomes Martins Filho, em **O Último dos Coronéis**, relata o inédito em Ataliba.

Era o dia 23 de maio de 1932, primórdios da revolução constitucionalista. São Paulo vive dias de grande inquietação. A revolta dos paulistas contra as perseguições de Getúlio chegava ao extremo. O brio paulista estava ferido.

— Concentrem o povo na Praça do Patriarca; precisamos do povo nas ruas para pressionar os homens da ditadura – teria determinado Ataliba.

Assim foi feito. Mas, a inquietação agita a multidão.

Só se fala em guerra. O povo se inflama e chega até os portões da 2ª Região Militar. Momentos de tensão.

O que acontecerá? Imprevisível!

É quando começam a cair sobre o povo as flores. São rosas de Ataliba Leonel.

O psicólogo das multidões apagara a chama a violência, prestes a explodir, com uma chuva de flores, para demonstrar que o movimento constitucionalista poderia ser pacífico.

A multidão assimilou a mensagem.

Mas, o cálice transbordava e a paciência se esgotou.

Depois, o exílio em Portugal, a saudade da Pátria e o regresso para morrer em Piraju.

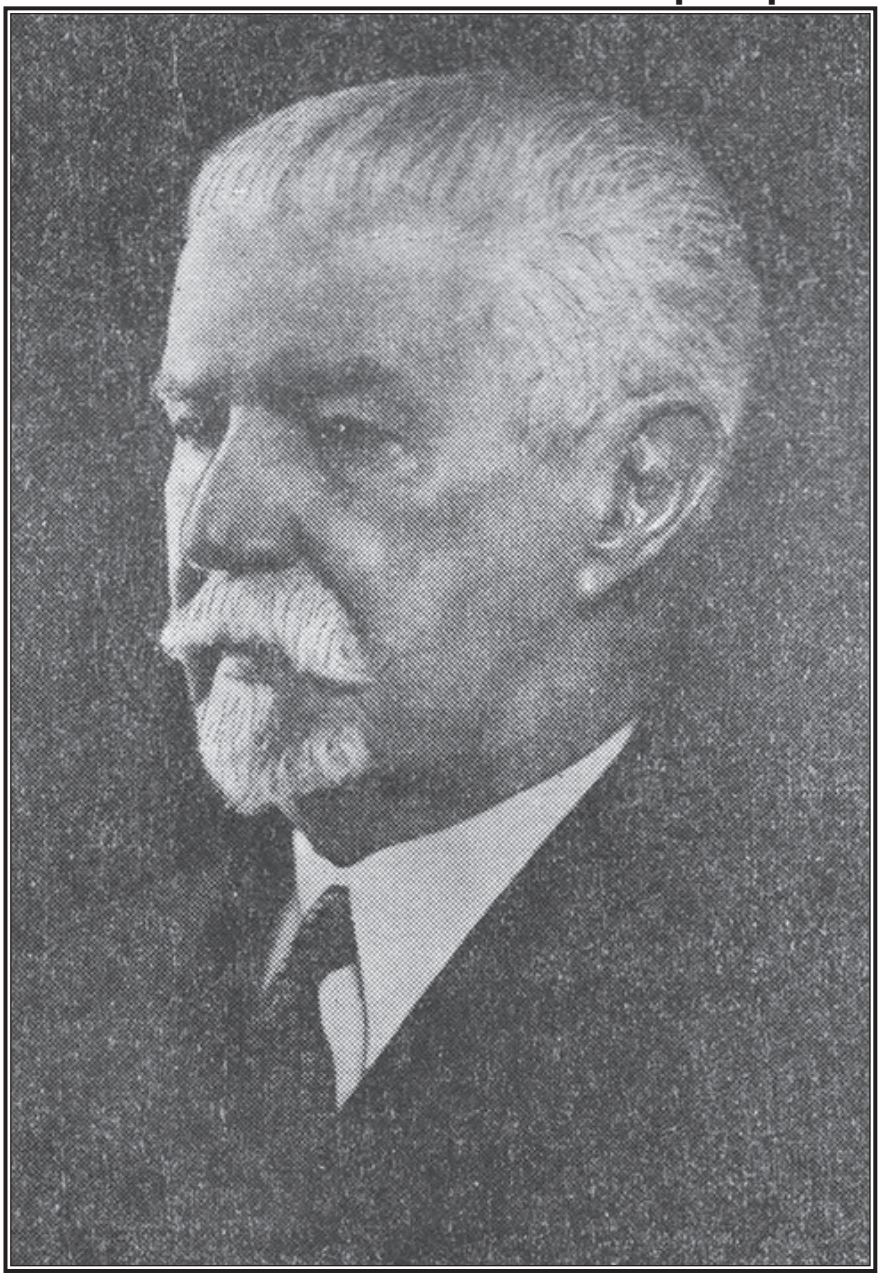
Piraju... a bela cidade chora a morte do maior de seus filhos.

Dia 29 de outubro de 1935.

“Missão cumprida, general!”, diria João Gomes Martins Filho e Enzo Silveira chama-o de “irmão eterno”.

Seus despojos mortais foram levados, em 1939, para o Mausoléu dos Heróis de 32, sob o Obelisco do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, onde se encontra a trindade gloriosa e imortal da Revolução Constitucionalista de 1932, formada por Pedro de Toledo, Ibrahim Nobre e Guilherme de Almeida.

Cel Fernando Prestes de Albuquerque



Patriarca da Grei Bandeirante

Fernando Prestes de Albuquerque nasceu no dia 26 de junho de 1855. em Angatuba, na época distrito de Itapetininga.

Fernando Prestes foi o criador da "aristocracia rural" que levou São Paulo à vanguarda do desenvolvimento agrícola, propiciando, em consequência, a liderança paulista nos setores de produção e economia.

Eleito presidente do Estado de São Paulo em 1898, sucedeu a Campos Sales.

Antes, fora deputado provincial várias vezes. Ao deixar o governo, foi aplaudido até por seus adversários políticos.

Voltou à chefia do Estado em 1910, interinamente, enquanto Albuquerque Lins se candidatava à vice-presidência da República.

Foi eleito vice-presidente do Estado em três legislaturas: de 1908 a 1912, na chapa de Albuquerque Lins; de 1922 a 1924, com Washington Luís e de 1924 a 1927, com Carlos de Campos. Fora, ainda, duas vezes deputado federal, exercendo a liderança paulista e da maioria.

Fernando Prestes fundou o Instituto Butantã para enfrentar a peste bubônica e o tifo que tanto ameaçavam as populações da capital e de Santos.

Pelos serviços prestados ao Brasil ao assumir o comando das tropas encarregadas da defesa do litoral sul paulista durante a Revolta da Armada (1893-1894), foi-lhe concedido o posto honorário de coronel do Exército Brasileiro por decreto do marechal Floriano Peixoto, então vice-presidente da República.

Como muito bem diz Mauro de Mello Leonel, o mais completo biógrafo dos Prestes, "Fernando foi o Patriarca da Grei Bandeirante".

De personalidade ímpar, ele era o protótipo do homem de caráter.

Embora republicano convicto, seria o primeiro a recriminar o marechal Deodoro da Fonseca, que dissolvera o Congresso Nacional.

Mas, ao mesmo tempo, não escondia sua admiração por Ruy Barbosa, ministro da Fazenda de Deodoro, cuja proposta de industrialização do País estava acima do alcance da maioria dos políticos brasileiros.

A despeito do "encilhamento", Fernando Prestes ficou com Ruy, sem se preocupar com injunções partidárias.

O coronel Fernando Prestes era conhecido por ser um

homem extremamente afável, “a simpatia em pessoa”, na definição de Luís Piedade, seu amigo a admirador.

“A bondade é a qualidade que mais dignifica o homem. Ser bom é ser virtuoso e justo!”, costumava dizer o coronel. A imagem de um homem altruísta e caridoso é real. Ele procurava auxiliar a todos, sem preconceito, com idêntico tratamento, mas com uma preferência evidente aos mais fracos. Este episódio mostra bem:

Certa vez, o Almirante Custódio de Melo, julgando-se ofendido por Valois de Castro, desafia-o para um duelo.

Antes que Valois decidisse entre os deveres de sacerdote e o brio da raça paulista, uma voz se agiganta. Era Fernando Prestes que, como líder da bancada, assumia a responsabilidade da ofensa, aceitando o desafio do almirante. Mas, Custódio recusou.

Sempre com sua bengala de cabo de marfim, costumava passear à tarde pelas ruas próximas de sua residência, o sobrado da rua General Carneiro, (onde hoje se localiza o prédio do Departamento de Estradas de Rodagem, o DER), chamado de “Palácio” por Menotti Del Picchia. Nesses passeios, “demonstrava seu afeto pelos menos afortunados”. Era muito habilidoso e conciliador.

Soube demonstrar sua diplomacia quando chegou a Itapetininga o 5° Regimento de Cavalaria de Castro, Paraná, nos primeiros dias da revolta de 1924.

Com a interrupção do tráfego ferroviário, os paranaenses não podiam prosseguir até a capital.

As tropas eram revoltosas e resolvem desembarcar, desconhecendo que estavam em território inimigo. O coronel Fernando Prestes acomoda a todos na Escola Normal e mantém excelente relacionamento com o comandante e os oficiais. Com muita habilidade, consegue convencer os paranaenses a seguirem viagem até Ipanema.

De modo semelhante, agiu com o 13° Regimento de Infantaria de Ponta Grossa, composto, em sua maioria, de revoltosos, chegados a Itapetininga no dia 10 de julho de 1924.

Nessa chegada, as tropas da Coluna Sul entraram em prontidão.

Fernando Prestes foi à Estação Sorocabana, mandou preparar um lauto almoço no restaurante da própria ferrovia. O Regimento aceitou o convite, desembarcou, sentiu

o ambiente e, duas horas depois, também seguiu para Ipanema, por sugestão de Fernando Prestes.

Poucos dias antes da fuga da capital, o próprio Isidoro Dias Lopes telefonou ao coronel itapetiningano tentando uma composição política.

Ofereceu-lhe a presidência do Estado.

A resposta foi a seguinte:

— Jamais pactuaria com uma verdadeira traição aos meus companheiros de ideal!

Fernando era um homem extremamente organizado e essa virtude contribuiu, decisivamente, para o êxito da movimentação que culminou com a Resistência Legalista em 1924.

De fato, fazia ele questão da mais perfeita ordem, até nas mínimas coisas, a começar pela sua própria casa.

No Museu de Itapetininga que leva seu nome e o de seu filho Júlio, há o registro do depoimento de uma senhorita de Tatuí que aqui viera estudar e ficou hospedada na casa do coronel. Um dia, ela retirou um livro da biblioteca e não o recolocou no lugar. O coronel, delicadamente, pediu-lhe que “guardasse a ordem dos livros para, no caso de precisar novamente, saber onde encontrá-lo”.

Um fato muito comentado na cidade: após desembarcar na Estação, o coronel Fernando Prestes tomou a carruagem que o levaria a sua residência. Percebendo que o cocheiro ia passar em frente da Escola Normal, de trânsito proibido naquela direção, o coronel perguntou:

— Não vamos passar onde é proibido, vamos?

— Ora, o senhor é vice-presidente do Estado.

— Por isso mesmo devo ser o primeiro a obedecer!

Mas, entre tantas virtudes, parece que nenhuma igualava ao seu espírito de serviço, sua disponibilidade.

Com efeito, em 1926, dois candidatos disputavam a presidência do Clube Venâncio Ayres. Eram duas correntes digladiando-se numa campanha que ambas estavam se desgastando, tão acirrada se tornara a disputa.

Mais uma vez, o grande conciliador entraria em ação.

Fernando Prestes foi convidado e aceitou o desafio. Encabeçou uma chapa de conciliação, habilmente formada com elementos das duas correntes. E foi presidente do tradicional clube na mesma época em que era o presidente interino do Estado, pois Carlos de Campos estava afastado

em razão da moléstia que, no ano seguinte, o levaria à morte.

Em 1927, Fernando renuncia ao cargo de vice-presidente do Estado, para não assumir o governo, abrindo caminho para seu filho, Júlio.

Vieram, depois, as revoluções de 1930 e 1932.

O grande comandante, com ânimo forte, deixou aos brasileiros o maior exemplo da bravura paulista.

Aos 82 anos, no dia 26 de outubro de 1937, Fernando passou para a eternidade, encerrando um ciclo de homens que se notabilizou por sua conduta impoluta e pelo seu patriotismo inconteste.

Seu sepultamento, em Itapetininga, transformou-se numa demonstração popular sem precedentes na história da cidade, um misto de carinho e admiração.

Mas não pode a morte fazer esquecido o nome de Fernando Prestes de Albuquerque.

Por ocasião das comemorações do 243° aniversário da fundação de Itapetininga em 2013, dez entidades culturais de destaque se reuniram para homenagear personalidades históricas dignas de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao município nas artes, nas ciências e variados ramos profissionais.

Para tanto, instituíram o prêmio “Medalha Mérito Itapetiningano” que concedido foi pela primeira vez em 30 de outubro daquele ano.

O diploma da referida honraria, criado pelo professor Jefferson Biajone, contem imagem de quatro importantes personalidades, a saber, Domingos Jorge Vieira, Venâncio Ayres, doutor Júlio Prestes e coronel Fernando Prestes, ali existente para lembrar ao agraciado que quatro são os pilares nos quais se sustentam a identidade e a memória histórica, cívica, cultural e patriótica de Itapetininga.

Venâncio Ayres

Pátria, Civismo e Amor

Poucas cidades têm uma história tão rica e tão bela como a de Itapetininga.

Do longínquo tempo dos pioneiros e desbravadores e dos tropeiros que abriram caminhos, até aqui, foi um desfilar interminável de homens e mulheres que participaram da construção da nossa história.

São tantos os heróis que seria temeridade tentar apontá-los. O elogio a um deles, talvez o maior, distribui-se generosamente aos demais.

Narrar a história desta cidade sem falar de Venâncio Ayres seria como narrar o Evangelho sem falar de Jesus Cristo.

Jovem idealista, advogado brilhante.

Suas convicções democráticas conduzem-no à Assembleia Provincial, onde sua oratória leva a mocidade acadêmica a acotovelar-se nas galerias para ouvir sua inspirada palavra.

Prega a libertação dos escravos. Luta pela República que há de vir.

"O Brasil só será forte quando os municípios forem fortes!", adverte sua profética visão.

Na cidade há um lugar em que se reúnem os idealistas. Era um clube aristocrático, de leituras, no início.

A discussão dos grandes temas nacionais transforma-o em reduto de brasilidade.

Hoje, um dos melhores clubes do Interior paulista, com uma sede majestosa no centro da cidade, entregue aos associados pelo gênio do arquiteto italiano Abrão Sacco e um moderno clube de campo.

Aos nomes de Fernando Prestes e de Francisco Bernardes Júnior, unem-se aos de José Lembo e Eduardo de Souza na galeria dos grandes presidentes.

Este é o clube que herdou o nome de Venâncio Ayres.

Nos versos esparsos de inspiração de Júlio Prestes, a nossa homenagem a este insigne itapetiningano:

Venâncio Ayres

A voz do poeta é como a voz forte da História:
Tem soluços de dor e gritos de alegria;
Vai em busca da glória e é a própria glória,
Anda em busca da luz e é como a luz do dia.

A voz do poeta é como a voz do vasto oceano,
Ora doido a gemer e ora alegre a cantar;
A voz do poeta é a voz do coração humano,
Sublime como o céu e grande como o mar.

Por tudo isso Condor, que andas no firmamento
Por mais longe que vás, por mais alto que paires,
A voz do poeta irá, sobre as asas do vento
Levantando contigo o grande Venâncio Ayres.

Foi a imagem da pátria, a síntese sublime
Do civismo, do amor – desta fé sacrossanta!
Para o forte ele tinha a palavra que oprime,
Para o fraco ele tinha essa voz que levanta.

Edmundo Prestes Nogueira

Bravo da Pena, Paladino da Verdade

Dotado de rara e aguda capacidade de extrair a essência histórica de uma Comunidade, interpretar sua alma e dimensionar seu reencontro com a verdade dos fatos, o jornalista Edmundo Prestes Nogueira, através desta obra, devolve a Itapetininga e a São Paulo as páginas que lhes foram arrancadas pelo dirigismo cultural imposto pelas armas em 1930 e que tinha interesse especial em ofuscar o brilho e a pujança da terra de Júlio Prestes de Albuquerque. A perseguição imposta a Itapetininga, além de barrar o seu progresso econômico, tinha a clara intenção de destruir a sua alma e, nesse particular, a distorção de fatos históricos exerceu papel preponderante.

Mas, a alma itapetiningana resistiu e, agora, dentro de fecundas proposições de ressurgimento cultural, um trabalho alicerçado em anos de laboriosa e incansável pesquisa, permite que a verdade aflore, demonstrando que a pujança e o Heroísmo do passado, longe de representarem um devaneio nostálgico, constituem, ao mesmo tempo, um monumento de resistência à opressão e uma fonte permanente de inspiração. Quem conhece o autor não se surpreende com a profundidade e alcance histórico de seu trabalho.

Com uma sólida formação humanística, estruturada nos estudos de Jornalismo, Humanidades, Filosofia, Teologia e Direito, Edmundo Prestes Nogueira sempre fez de sua vocação um constante e incansável instrumento de busca à verdade. Iniciou sua carreira jornalística em 1955 como repórter credenciado do jornal O Estado de São Paulo no gabinete do prefeito da capital, transferindo-se nos anos seguintes para a cobertura das áreas militares e de abastecimento, para, em seguida, na redação d'O Estado, trabalhar na organização do sistema de comunicação do jornal. Em 1965 veio para Itapetininga como superintendente do jornal para os Estados do Sul do País, sendo responsável pela reestruturação d'O Estado nas áreas de redação (correspondentes), circulação, transporte e comunicação. Professor titular de Introdução às Técnicas da Comunicação, História da Cultura e dos Meios de Comunicação e Fundamentos Científicos da Comunicação, disciplinas em que foi aprovado pelo Parecer 2716/74 do Egrégio Conselho Federal de Educação, coordenador do Departamento de Jornalismo da Casa da Cultura de Itapetininga, estruturou o I e o II Seminários de Jornalismo. Assessor de Imprensa da Câmara Municipal de Itapetininga e

colaborador de inúmeros órgãos de imprensa do Estado, sua trajetória profissional evidencia, mais do que as palavras, o inquestionável gabarito para uma pesquisa deste alcance, de transcendental importância para a História Política Brasileira.

Mas, falar só do preparo e da competência profissional de Edmundo Prestes Nogueira é faltar com uma parcela da verdade. A projeção desta sua obra se dará muito mais pela originalidade, audácia e, principalmente, por uma característica inerente a raríssimos escritores, de complementar a análise histórica com a capacidade de penetrar os recessos ocultos das entrelinhas da História. Heroísmo Desconhecido, mais do que o relato de uma investigação profunda que traz ao conhecimento da Nação os detalhes insuspeitos da Revolução de 1924, é o toque de clarim espiritual que atinge nosso coração e revitaliza nossos ideais.

Silas Gehring Cardoso
Itapetininga, 5 de Junho de 1987

Patriotas Paulistas na Coluna Sul
pela Artista Plástica ***Camila Lourenço Giudice***

Uma interrogação para o futuro...

Menotti Del Picchia afirmara, certa vez, que Isidoro era um homem de boa índole e prudente. O idealismo dos jovens revolucionários despertara a simpatia do público brasileiro, desde o Levante do Forte de Copacabana.

Por outro lado, a oligarquia dominante trazia a marca da imposição e da impopularidade.

Mas, nenhuma razão havia para que São Paulo, já então a locomotiva do País e, certamente por isso, eleita para a encenação da patriotada, passasse por tão horrendo banho de sangue.

A fatalidade não vale como justificativa.

Nem o despreparo dos revoltosos, o que, aliás, é incriminador.

Afinal, para que serviu tanto sofrimento?

Outrossim, quando a maioria aguardava a definição dos acontecimentos em criminosa omissão, Itapetininga saiu em defesa da população da capital.

Depois, sofreu pela sua ousadia.

Foi terrível a vingança de Getúlio Vargas contra a terra de Júlio Prestes. O esvaziamento cultural e econômico foi progressivo.

A antiga Escola de Farmácia e Odontologia, uma das raras da época, foi transferida para Araraquara.

O 8° Batalhão de Caçadores da Força Pública (atual 8° Batalhão de Polícia Militar do Interior), para Campinas.

O município, grande produtor de algodão, teve essa lavoura dizimada em 1937.

Técnicos da Agricultura, anunciando o aperfeiçoamento da cultura algodoeira, distribuíram sementes envenenadas aos agricultores.

As indústrias de extração de óleo de algodão cerraram suas portas e Itapetininga perdeu os famosos Moinhos Santista e Matarazzo.

Terminaram os anos de glória, da explosão cultural e da expansão econômica. Justamente quando as esperanças eram as maiores...

Mas, ficou a interrogação:

E se Júlio Prestes tivesse assumido a Presidência da

República?

O talento e o dinamismo lhe davam infinita vantagem sobre Getúlio.

Como seria o Brasil, hoje?

E Itapetininga?

Agora, ela renasce, como Fênix, das cinzas do obscurantismo imposto pela mediocridade institucionalizada, para uma nova explosão cultural.

É a hora do resgate...

...E de reescrever a História!

Posfácio

Poucos, bem poucos conhecem a história de Heroísmo contada neste livro.

Bravura, Heroísmo, entranhado amor à Pátria e à lei.

Homens de têmpera, gigantes da terra.

Esta história é feita de grandeza incomum, incomparável.

Esta história é um grito da verdade, uma luz de esperança, a esperança da Justiça. Para que a posteridade dela se lembre e se envaideça. Para que fique na memória de quantos a lerem como a epopeia de uma cidade que cultua o passado e dele recolhe as lições para o futuro.

Sobretudo, para que os filhos desta terra conheçam o valor de seus antepassados.

Aqui em Itapetininga, armou-se a resistência para restaurar a ordem e a paz, para garantir e preservar a integridade da Pátria.

Itapetininga foi, nos idos sangrentos de 1924, o baluarte de São Paulo e a esperança do Brasil.

Aqui nesta terra, desfilaram homens destemidos que, a risco da própria vida, marcharam para a capital do Estado a fim de resgatá-la das mãos dos revoltosos.

Itapetininga entrou para a história da nacionalidade como sinônimo de resistência, de coragem e de lealdade. Tornou-se um testemunho vivo de patriotismo.

Estes fatos, estes feitos, extraídos de jornais, revistas, livros e documentos da época, dão eloquente demonstração do idealismo que motiva, que agrega e arrasta, transformando uma cidade pacífica numa inexpugnável fortaleza.

Esta história deve ficar gravada na memória do povo para que, lendo-a, os jovens se edifiquem e todos dela jamais se esqueçam.

Edmundo Prestes Nogueira
(1933 -1994)

Capitão Francisco Fabiano Alves
pela Artista Plástica ***Camila Lourenço Giudice***

Referências Bibliográficas

ALVES, F. F. **Garoa de Minha'alma**. Editora Nelpa. São Paulo, 2013.

BIAJONE, J, MELLO, A. F. de, NOGUEIRA, E. J., CAMPOS, D. **Itapetininga: Heróis, Feitos e Instituições**. Gráfica Regional. Itapetininga, SP. 2012.

CAMARGO, J. A. **Patriotas Paulistas na Coluna Sul**. Livraria Liberdade. São Paulo. 1925 (Acesso à edição digital rememorativa em **https://bit.ly/3vJY30s**).

DEL PICCHIA, M. **A Longa Viagem**. 2ª Etapa da Revolução Modernista. a Revolução de 1930. Martins Editora São Paulo. 1972.

DRUMMOND, J. A. **A Coluna Prestes:** rebeldes errantes. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1985.

LEONEL, M. de M. **1° Centenário de Nascimento do Presidente Dr. Júlio Prestes de Albuquerque**. Coletânea de artigos. Folha de Itapetininga, 1982.

MONTEIRO, H. A. **Livre terra de livre irmãos;** a saga de Itapetininga Republicana, de Venâncio Ayres a Júlio Prestes. Grill Gráfica Editora Taquarituba, 2009.

NOGUEIRA, J. L. **Genealogia de uma cidade: Itapetininga.** Gráfica Regional. Vol. II. 2005.

NORONHA e SILVA, A. A. de. **O Resto da Verdade:** contribuição para a História da Revolta em São Paulo. Edição do Autor. 1925.

PEREIRA, D. P. **1924: O Diário da Revolução:** os 23 dias que abalaram São Paulo. Fundação Energia e Saneamento. Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2010.

PRESTES, J. **1924: Um depoimento**. Edições Arquivo do Estado. São Paulo, 1981.

EM FRENTE PARA A VITÓRIA!

LEGENS SERVANS BRASILIAM MAGNIFICO